

# INSTITUTO SUPERIOR MANUEL TEIXEIRA GOMES

Curso de Mestrado Integrado em Arquitetura

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

## **REABILITAÇÃO E RECONVERSÃO DE ESPAÇOS INDUSTRIAIS EM CENTROS HISTÓRICOS: CASO DE ESTUDO ANTIGA FÁBRICA DA CERVEJA NO CENTRO HISTÓRICO DE FARO.**



*Duarte Filipe Madeira Aquilino Correia*

### ORIENTAÇÃO

Orientador: Professora Doutora Ana Moya Pellitero

Co-orientador: Mestre Arquiteto Josué da Silva Eliziário

Setembro de 2014

**DUARTE FILIPE MADEIRA AQUILINO CORREIA**

**REABILITAÇÃO E RECONVERSÃO DE ESPAÇOS  
INDUSTRIAIS EM CENTROS HISTÓRICOS: CASO DE  
ESTUDO ANTIGA FÁBRICA DA CERVEJA NO CENTRO  
HISTÓRICO DE FARO.**

Dissertação defendida em provas públicas no Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, no dia 03/10/2014 perante o júri nomeado pelo Despacho de Nomeação nº. 14/2014, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof.<sup>a</sup> Doutora Sandra Morgado Neto  
(Professora Auxiliar, ISMAT)

Arguente:

Prof.<sup>a</sup> Doutora Clara Germana Ramalho  
Moutinho Gonçalves (Professora Auxiliar,  
ISMAT)

Orientador:

Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Maria Moya Pellitero  
(Professora Auxiliar, ISMAT)

**Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes**

**Portimão**

**2014**

## RESUMO

O presente trabalho aborda o tema da reabilitação e reconversão de um edifício industrial, a antiga Fábrica da Cerveja, localizada no centro histórico de Faro (Vila-Adentro), no Algarve. O desafio de investigar e projetar num contexto urbano de carácter industrial cada vez mais abordado em arquitetura, prevê a descentralização de núcleos anteriormente ativos, que hoje faz repensar e criar uma nova dinamização e nova centralidade ativa na cidade. A importância destes espaços de cidade marcam a identidade e décadas de produtividade de uma comunidade, hoje são edifícios fantasma que envelhecem sem qualquer utilização, mas com grande potencialidade de adaptação a novos usos devido a sua tipologia. O edifício em estudo torna-se um caso particular no Algarve devido a este ter sido construído numa zona industrial dentro do perímetro amuralhado do centro histórico de Faro precisamente onde “foi” construído o antigo castelo, estando perante uma dupla identidade marcada pela história. Pretende-se realizar um estudo de investigação histórica e urbana da estrutura da cidade e da adaptação do edifício neste contexto. Repensar um programa adequado para resolver fragilidades sociais e económicas da cidade, investigando conteúdos programáticos que complementem princípios básicos de vida como trabalhar, habitar e lazer. O conteúdo programático incide sobre a potencialização de conteúdos culturais de modo a explorar a exequibilidade de uma utilização de produção e exposição de cultura, anexando uma percentagem de habitação temporária que suporte e dê condições de vida e facilidade de permanência aos utilizadores da parte de produção. O tema da reabilitação pretende ter uma

abordagem cuidada respeitando referências e elementos arquitetónicos existentes que poderão ser aspetos de relevo a evidenciar do ponto de vista do projeto, tanto como património industrial ou património histórico oculto. Por fim pretende-se que um edifício de valor histórico e industrial da Vila Adentro desempenhe um papel fundamental para o rejuvenescimento do núcleo histórico potencializando uma nova centralidade na cidade.

#### PALAVRAS-CHAVE

Intervenção em centros históricos / Desenvolvimento socioeconómico / Reabilitação de edifícios patrimoniais / Património Industrial / Programa cultural / Comuna artística / Algarve.

## **ABSTRACT**

This work discusses the rehabilitation and conversion of Fábrica da Cerveja (Beer Factory), an old industrial building, located in the historical center of Faro (Vila-Adentro) in Algarve. The challenge of researching and designing an urban context of industrial nature it has been increasingly addressed in architecture and provides for the decentralization of the previously active cores, which today it helps to rethink and create new dynamics and a new active centrality in the city. The importance of these spaces of the city marks the identity and decades of productivity of a community, which are now ghost buildings that age without any use, but with great potential to adapt to new uses due to their tipology. The building under study represent a particular case of double identity marked by history due to the fact that it has been built in an industrial zone within the walled perimeter of the historical center of Faro precisely where the old castle stood. It is intended to conduct a research study of the historical and urban structure of the city and the adaptation of the building in this context by rethinking a suitable program to solve social and economic weaknesses of the city, investigating syllabus that complement basic life principles as work, habitation and leisure. The programmatic content focuses on the enhancement of cultural content in order to explore the feasibility of using production and exhibition of culture, attaching a percentage of temporary housing that supports and gives living conditions and ease of residence to users of production. The rehabilitation theme has a careful approach respecting the architectural references and elements existing in the site that may be relevant to show the point of view of the project, both of the industrial and

hidden historical heritage. Ultimately is intended that a building of historical and industrial value inside Vila Adentro might play an essential role in the rejuvenation of the historic core, enabling a new city centrality.

#### KEYWORDS

Intervention in historic centers / Socio-economic development / Rehabilitation of heritage buildings / Industrial heritage / Cultural program / Artistic commune / Algarve

## **PALAVRAS-CHAVE**

### **INTERVENÇÃO EM CENTROS HISTÓRICOS**

A evolução dos centros históricos e a sua descentralização. Adaptação dos centros históricos a novas intervenções. Analisar e compreender ilegalidades na estrutura urbana descaracterizados e desadaptados às necessidades do local.

### **DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÓMICO**

Perceber a realidade social e económica do país desenvolvendo uma proposta em conformidade com as necessidades atuais.

### **REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIOS PATRIMONIAIS**

Compreender e analisar sistemas construtivos tradicionais e diversos tipos de intervenção arquitetónica dentro da necessidade do exercício.

### **PATRIMÓNIO INDUSTRIAL**

Conteúdo que incorpora o zonamento da cidade e o edifício em estudo como parte de um território descentralizado.

### **PROGRAMA CULTURAL**

O conteúdo de extrema importância para o desenvolvimento da parte teórica e da proposta prática. Tendo em conta na sua maior extensão as necessidades a

região, tentando assim criar uma simbiose entre arte e artesanato.

### COMUNA ARTÍSTICA

Pretende-se explorar uma tipologia adaptada a uma utilização temporária dos artesãos e artistas da componente de oficinas e *ateliers*.

### ALGARVE

Tirar partido da cultura regional existente. Criando um elo de ligação entre técnicas e saberes regionais explorando materiais e matéria-prima existentes. Explorar a oportunidade climática e o potencial paisagístico envolvente.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos os professores, amigos e colegas o apoio que direta ou indiretamente contribuíram para a realização da presente dissertação. Não poderei deixar de salientar em especial o meu agradecimento à enorme dedicação e empenho em encaminhar-me no melhor processo de trabalho e a facultar todo o conhecimento possível à orientadora, Professora Doutora Ana Moya Pellitero e ao Co-orientador, Mestre Arquiteto Josué da Silva Eliziário.

Esta dissertação é exclusivamente dedicada aos meus pais que todo tem feito para ser o que sou hoje, e só assim todo este trabalho faz sentido.

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>21</b>
DEFINIÇÃO DO CONTEXTO .....	21
RECONHECIMENTO DAS VARIÁVEIS CONTEXTO- OBJECTO.....	23
OBJETIVOS.....	24
PROBLEMÁTICA.....	25
HIPÓTESE.....	28
METODOLOGIA .....	29
ESTRUTURA .....	31
<b>1. INTERVENÇÃO EM CENTROS HISTÓRICOS – FARO</b> .....	<b>33</b>
1.1. CASO DE ESTUDO – CENTRO HISTÓRICO DE FARO.....	36
1.1.1. Contexto histórico / Evolução histórica .....	36
1.1.2. Estado atual / análise.....	43
1.2. REGENERAÇÃO URBANA .....	52
1.3. NÍVEIS DE PROTEÇÃO E INTERVENÇÃO – CENTRO HISTÓRICO DE FARO .....	56
1.4. A IMPORTÂNCIA DA FÁBRICA NO CENTRO HISTÓRICO DE FARO .....	59
<b>2. A ANTIGA FÁBRICA DA CERVEJA: EDIFÍCIO DE INTERESSE PÚBLICO, PATRIMONIAL A REABILITAR.....</b>	<b>63</b>
2.1. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO EDIFÍCIO .....	63
2.2. VALORES DO EDIFÍCIO .....	67
2.3. INTERVENÇÕES PÓS EDIFÍCIO INDUSTRIAL...77	

<b>3. INTERVENÇÃO EM PATRIMÓNIO INDUSTRIAL .....</b>	<b>88</b>
3.1. CONCEITO E EVOLUÇÃO DE PATRIMÓNIO INDUSTRIAL.....	88
3.2. CONCEITOS DE INTERVENÇÃO .....	92
3.3. CASOS DE ESTUDO.....	99
3.4. EVOLUÇÃO ARQUITETÓNICA E TECNOLÓGICA NOS EDIFÍCIOS INDUSTRIAIS.....	108
<b>4. O CONTRIBUTO DO CENTRO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA PARA A CIDADE DE FARO./ PROGRAMA MULTIFUNCIONAL – DESENVOLVIMENTO E CONCEITO DE INTERVENÇÃO .....</b>	<b>117</b>
4.1. FATORES DE DESENVOLVIMENTO PARA A CIDADE .....	117
4.2. PROGRAMA MULTIFUNCIONAL.....	120
4.2.2. Distribuição do Programa .....	125
4.3. CONCEITO DE INTERVENÇÃO .....	130
4.4. REDEFINIÇÃO DO ESPAÇO URBANO .....	134
<b>5. DESENVOLVIMENTO E INTERVENÇÃO ARQUITETÓNICA .....</b>	<b>138</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>153</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>156</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>160</b>

## ÍNDICE DE IMAGENS

- Figura 1 Esquema de Ossónoba (Faro), século III a.C., á século V d.C. (Estrutura urbana dos povos Romanos). Autor e edição: Duarte Correia.
- Figura 2 Esquema de Santa Maria de Ossónoba (Faro), século VIII, á século IX. (identificação de Alcáçova; Medina; Arrabalde; estrutura urbana dos povos islâmicos). Autor e edição: Duarte Correia.
- Figura 3 Esquema do crescimento de Santa Maria de Faaron (Faro), século XIII, á século XV. (representação de novos espaços públicos, extensão da estrutura viária e identificação dos novos bairros: Ribeira; Mouraria; Judiaria). Autor e edição: Duarte Correia.
- Figura 4 Cidade de Faro, século XV, á século XVII. Delimitação da Cerca Seiscentista e criação de novos espaços públicos. Autor e edição: Duarte Correia.
- Figura 5 Cidade de Faro, século XIX, á século XX. Extensão da estrutura viária e marcação do crescimento urbano. Autor e edição: Duarte Correia.
- Figura 6 Esquema do Centro Histórico de Faro, 2013. Delineação da área ocupada pelo espaço público e espaço privado. Autor e edição: Duarte Correia.
- Figura 7 Esquema do Centro Histórico de Faro, 2013. Identificação de usos e funções do edificado existente: Habitação; Equipamento cultural; Edifício Religioso; Serviços; Comércio; Armazém; Devoluto. Autor e edição: Duarte Correia.
- Figura 8 Esquema do Centro Histórico de Faro, 2013. Representação da cêrcea do edificado. Autor e edição: Duarte Correia.
- Figura 9 Esquema do Centro Histórico de Faro, 2013. Representação do estado de conservação do edificado. Autor e edição: Duarte Correia.
- Figura 10 Esquema do Centro Histórico de Faro, 2013. Representação do estrato social e económico de ocupação do edificado. Habitação (alto / médio / baixo); Religioso; Industrial. Autor e edição: Duarte Correia.

- Figura 11 Esquema do Centro Histórico de Faro, 2013. Representação de circulações viárias (ciclovias / vias para pedestres / circulação automóvel); estacionamento. Autor e edição: Duarte Correia.
- Figura 12 Foto aérea da cidade de Faro, 2013. Delimitação da área de Regeneração Urbana de acordo com o plano de Conversão da área crítica de recuperação e reconversão urbanística em área de reabilitação urbana – Vila Adentro do Centro Histórico de Faro. Fonte da imagem original <http://www.bing.com>; edição Duarte Correia.
- Figura 13 Foto aérea da cidade de Faro, 2013. Identificação de intervenções de reabilitação e melhoramento do espaço público no interior e em zonas adjacentes ao limite da área de Regeneração Urbana. Intervenções com financiamento público (C.M.F. / CCDR) e privado. Fonte da imagem original <http://www.bing.com>; edição Duarte Correia.
- Figura 14 Foto aérea da cidade de Faro, 2013. Denominação e delimitação da área de aplicação do Centro Histórico de Faro, constituído pelos núcleos da Vila Adentro ou Intramuros, da Mouraria e do Bairro Ribeirinho. Fonte da imagem original <http://www.bing.com>; edição Duarte Correia.
- Figura 15 Foto aérea da cidade de Faro, 2013. Identificação esquemática das categorias descritas no Título X do Regulamento Municipal das Intervenções nos Núcleos Históricos de Faro. Categorias: Edifícios Notáveis; Edifícios Classificados; Frentes Urbanas de Qualidade ou Fachadas com Valor de Conjunto. Fonte da imagem original <http://www.bing.com>; edição Duarte Correia.
- Figura 16 Vista panorâmica da Ria Formosa sobre a Vila Adentro (Faro), 06-09-2013. Autor e edição: Duarte Correia.
- Figura 17 Ermida de Nossa Senhora do Ó. Porta Nascente da Vila Adentro (Faro), 28-11-2010. Autor e edição: Duarte Correia.
- Figura 18 Porta Nascente da Vila Adentro (Faro), Arco do Repouso. 04-12-2010. Autor e edição: Duarte Correia.
- Figura 19 Porta Poente da Vila Adentro (Faro), Porta Nova – Vista interior da muralha. [Http://www.algarve-tourist.com/Faro/Faro-airport-to-Faro.html](http://www.algarve-tourist.com/Faro/Faro-airport-to-Faro.html) - Pesquisado a 18-02-2014.
- Figura 20 Porta Norte da Vila Adentro (Faro), Arco da Vila, 28-11-2010. Autor e edição: Duarte Correia.

- Figura 21 Porta Sul da Vila Adentro (Faro), 04-12-2010. Autor e edição: Duarte Correia.
- Figura 22 Largo do Castelo na Vila Adentro (Faro), Vista da cobertura da antiga torre de menagem, 26-06-2013. Autor e edição: Duarte Correia.
- Figura 23 Largo do Castelo na Vila Adentro (Faro), Vista com orientação Norte-Sul. Julho-2009. Google Inc. (Google Earth) Recuperado a 13 Fevereiro, 2013.
- Figura 24 Largo do Castelo na Vila Adentro (Faro), Vista com orientação Sul-Norte, 04-12-2010. Autor e edição: Duarte Correia.
- Figura 25 Planta da zona Sul da Vila Adentro com implantação do projeto Hospital Militar (não construído). Executada pelo 2º Tenente Domingos Rafael Dinis. Recuperado de PAULA, F. e PAULA, M. R. (1993). Faro, evolução urbana e património. Vila Real de Santo António: Câmara Municipal de Faro. (p. 151).
- Figura 26 Esquema cronológico da evolução do antigo Castelo. 1- Século IX Período Islâmico; 2- Século XVI a XVII; 3- Finais do século XVII; 4- Século XVIII; 5- século XIX. Autor e edição: Duarte Correia.
- Figura 27 Antiga Fábrica da Cerveja, Faro. Teto do piso 0 no volume a Sul. 01-11-2012. Autor e edição: Duarte Correia.
- Figura 28 Antiga Fábrica da Cerveja, Faro. Pátio Sul. 29-06-2013. Autor e edição: Duarte Correia.
- Figura 29 Imagem da porta Poente da antiga Alcáçova da Vila Adentro, Faro. 14-03-2013. Autor e edição: Duarte Correia.
- Figura 30 Imagem da Rua do Castelo, antiga Alcáçova da Vila Adentro, Faro. 01-11-2012. Autor e edição: Duarte Correia.
- Figura 31 Imagem do troço exterior de muralha a Sul e torre octogonal, Vila Adentro, Faro. 01-11-2012. Autor e edição: Duarte Correia.
- Figura 32 Esquema de volumetria do conjunto edificado junto a entrada Sul da Vila Adentro, 2014 Faro. Autor e edição: Duarte Correia.
- Figura 33 Esquema da estrutura defensiva no extremo Sul da Vila Adentro, 2014 Faro. Autor e edição: Duarte Correia.

- Figura 34 Esquema da volumetria existente nos finais do século XVII.  
(1) – Antiga Torre de Menagem. Vila Adentro, 2014 Faro. Autor e edição: Duarte Correia.

- Figura 35 Volume Norte da Antiga Fábrica da Cerveja na Vila Adentro, Faro. 01-11-2012. Autor e edição: Duarte Correia.

- Figura 36 Foto do interior da antiga Torre de Menagem localizada no volume Norte da Antiga Fábrica da Cerveja na Vila Adentro, Faro. Fonte: Antigo Castelo / Fábrica da Cerveja | documento orientador, (p. 17). Câmara Municipal de Faro. Departamento de Urbanismo. Divisão de regeneração Urbana. Arquivo 02/99 Nov.2010.

- Figura 37 Planta do piso térreo. Projeto vencedor do concurso Internacional para a realização de um projeto para a antiga Fábrica da Cerveja. Autores: *atelier* Isabel Aires e José Cid – Arquitectos Lda. com a participação do *atelier* Hartmann associados.

Fonte: <http://www.iajc.pt/museu-de-faro/>. Recuperado a 03 Maio, 2014.

- Figura 38 Planta do piso intermédio. Projeto vencedor do concurso Internacional para a realização de um projeto para a antiga Fábrica da Cerveja. Autores: *atelier* Isabel Aires e José Cid – Arquitectos Lda. com a participação do *atelier* Hartmann associados.

Fonte: <http://www.iajc.pt/museu-de-faro/>. Recuperado a 03 Maio, 2014.

- Figura 39 Planta do piso 1. Projeto vencedor do concurso Internacional para a realização de um projeto para a antiga Fábrica da Cerveja. Autores: *atelier* Isabel Aires e José Cid – Arquitectos Lda. com a participação do *atelier* Hartmann associados.

Fonte: <http://www.iajc.pt/museu-de-faro/>. Recuperado a 03 Maio, 2014.

- Figura 40 Planta do piso 2. Projeto vencedor do concurso Internacional para a realização de um projeto para a antiga Fábrica da Cerveja. Autores: *atelier* Isabel Aires e José Cid – Arquitectos Lda. com a participação do *atelier* Hartmann associados.

Fonte: <http://www.iajc.pt/museu-de-faro/>. Recuperado a 03 Maio, 2014.

- Figura 41 Planta do piso 3. Projeto vencedor do concurso Internacional para a realização de um projeto para a antiga Fábrica da Cerveja. Autores: *atelier* Isabel Aires e José Cid – Arquitectos Lda. com a participação do *atelier* Hartmann associados.

Fonte: <http://www.iajc.pt/museu-de-faro/>. Recuperado a 03 Maio, 2014.

- Figura 42 Planta de cobertura. Projeto vencedor do concurso Internacional para a realização de um projeto para a antiga Fábrica da Cerveja. Autores: *atelier* Isabel Aires e José Cid – Arquitectos Lda. com a participação do *atelier* Hartmann associados.

Fonte: <http://www.iajc.pt/museu-de-faro/>. Recuperado a 03 Maio, 2014.

- Figura 43 Exposição: “Toll Free”: Arquitetos Europeus em Trânsito. Antiga Fábrica da Cerveja, (Faro) 2007. Fotografia do interior./ Piso 0.

Fonte: <http://www.habitarportugal.org/ficha.htm?id=258>. Recuperado a 26 Outubro,2012.

- Figura 44 Exposição: “Toll Free”: Arquitetos Europeus em Trânsito. Antiga Fábrica da Cerveja, (Faro) 2007. Fotografia do interior./ Piso 1.

Fonte: <http://www.habitarportugal.org/ficha.htm?id=258>. Recuperado a 26 Outubro,2012.

- Figura 45 Exposição: “Toll Free”: Arquitetos Europeus em Trânsito. Antiga Fábrica da Cerveja, (Faro) 2007. Fotografia do exterior./ Volume Norte.

Fonte: <http://www.habitarportugal.org/ficha.htm?id=258>. Recuperado a 26 Outubro,2012.

- Figura 46 Tate Modern, Londres (Inglaterra). 21-07-2011.

Fonte: <http://blondietravelblog.com/london-top-free-entrance-museum-and-galleries/tate-modern-london/>. Recuperado a 04 Agosto, 2014.

- Figura 47 Margem do Rio Tamisa, Londres (Inglaterra). 29 Abril, 2014. Autor e edição: Duarte Correia.

- Figura 48 Tate Modern (Fachada principal), Londres (Inglaterra). 29 Abril, 2014. Autor e edição: Duarte Correia.

- Figura 49 Tate Modern (Interior), Londres (Inglaterra). 29 Abril, 2014. Autor e edição: Duarte Correia.

- Figura 50 Tate Modern (Maqueta da expansão do Tate Modern), Londres (Inglaterra). 29 Abril, 2014. Autor e edição: Duarte Correia.

- Figura 51 Tate Modern (Piso 4), Londres (Inglaterra). 29 Abril, 2014. Autor e edição: Duarte Correia.

- Figura 52 Tate Modern (Vista do Piso 6 sobre o Rio Tamisa e St. Paul's Cathedral), Londres (Inglaterra). 29 Abril, 2014. Autor e edição: Duarte Correia.

- Figura 53 Tate Modern (2003 installation The Weather Project, by Olafur Eliasson), Londres (Inglaterra). Richard Holt, 17 Setembro, 2013.

Fonte: <http://www.archdaily.com/429700/ad-classics-the-tate-modern-herzog-and-de-meuron/>. Recuperado a 15 Maio, 2014.

- Figura 54 Tate Modern (Marsyas, 2002, installation, by Anish Kapoor), Londres (Inglaterra). John Riddy, 2002.

Fonte: <http://db-artmag.com/en/52/feature/memory-and-sculpture-a-studio-visit-with-anish-kapoor/>. Recuperado a 16 Maio, 2014.

- Figura 55 Tate Modern ("Maman" by Louise Bourgeois), Londres (Inglaterra). Steve Greaves, Junho, 2004.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/stevegreaves/2649433308/>. Recuperado a 14 Maio, 2014.

- Figura 56 Z Gallery (aerial view of the factory), Guangdong (China). Danny Hudson, 09 Março, 2014.

Fonte: <http://www.designboom.com/architecture/o-office-abandoned-factory-id-town-creative-art-district-392014/>. Recuperado a 15 Maio, 2014.

- Figura 57 Z Gallery (before construction), Guangdong (China). Danny Hudson, 09 Março, 2014.

Fonte: <http://www.designboom.com/architecture/o-office-abandoned-factory-id-town-creative-art-district-392014/>. Recuperado a 15 Maio, 2014.

- Figura 58 Z Gallery, Guangdong (China). Danny Hudson, 09 Março, 2014.

Fonte: <http://www.designboom.com/architecture/o-office-abandoned-factory-id-town-creative-art-district-392014/>. Recuperado a 15 Maio, 2014.

- Figura 59 Z Gallery, Guangdong (China). Likyfoto, 03 Abril, 2014.

Fonte: <http://www.archdaily.com/489436/z-gallery-o-office-architects/>. Recuperado a 15 Maio, 2014.

- Figura 60 Z Gallery, Guangdong (China). Likyfoto, 03 Abril, 2014.

Fonte: <http://www.archdaily.com/489436/z-gallery-o-office-architects/>. Recuperado a 15 Maio, 2014.

- Figura 61 Z Gallery, Guangdong (China). Likyfoto, 03 Abril, 2014.

Fonte: <http://www.archdaily.com/489436/z-gallery-o-office-architects/>. Recuperado a 15 Maio, 2014.

- Figura 62 Z Gallery (original columns penetrate the new structures), Guangdong (China). Danny Hudson, 09 Março, 2014.

Fonte: <http://www.designboom.com/architecture/o-office-abandoned-factory-id-town-creative-art-district-392014/>. Recuperado a 15 Maio, 2014.

- Figura 63 Z Gallery, Guangdong (China). Danny Hudson, 09 Março, 2014.

Fonte: <http://www.designboom.com/architecture/o-office-abandoned-factory-id-town-creative-art-district-392014/>. Recuperado a 15 Maio, 2014.

- Figura 64 Factory NO. 8, Humpolec (República Checa). OK Plano Architects, 26 Agosto, 2013.

Fonte: <http://www.archdaily.com/41974/factory-no8-ok-plan-architects>. Recuperado a 16 Maio 2014.

- - Figura 65 Factory NO. 8, Humpolec (República Checa). OK Plano Architects, 26 Agosto, 2013.

Fonte: <http://www.archdaily.com/41974/factory-no8-ok-plan-architects>. Recuperado a 16 Maio 2014.

- Figura 66 Factory NO. 8, Humpolec (República Checa). OK Plano Architects, 26 Agosto, 2013.

Fonte: Fonte: <http://www.archdaily.com/41974/factory-no8-ok-plan-architects>. Recuperado a 16 Maio 2014.

- Figura 67 Factory NO. 8, Humpolec (República Checa). OK Plano Architects, 26 Agosto, 2013.

Fonte: Fonte: <http://www.archdaily.com/41974/factory-no8-ok-plan-architects>. Recuperado a 16 Maio 2014.

- Figura 68 Factory NO. 8, Humpolec (República Checa). OK Plano Architects, 26 Agosto, 2013.

Fonte: Fonte: <http://www.archdaily.com/41974/factory-no8-ok-plan-architects>. Recuperado a 16 Maio 2014.

- Figura 69 Factory NO. 8, Humpolec (República Checa). OK Plano Architects, 26 Agosto, 2013.

Fonte: Fonte: <http://www.archdaily.com/41974/factory-no8-ok-plan-architects>. Recuperado a 16 Maio 2014.

- Figura 70 AEG Factory, Berlim (Alemanha). Sarah L. N.d.

Fonte: [http://classconnection.s3.amazonaws.com/685/flashcards/1945685/png/turbine\\_factory1354996345814.png](http://classconnection.s3.amazonaws.com/685/flashcards/1945685/png/turbine_factory1354996345814.png). Recuperado a 18 Maio, 2014.

- Figura 71 AEG Factory Interior, Berlim (Alemanha). Daily Telegraph, 1914.

Fonte: <http://dirtyoldbooks.tumblr.com/>. Recuperado a 18 Maio, 2014.

- Figura 72 Fagus Factory, Alfeld-an-der-Leine (Alemanha). N.d.

Fonte: [http://37.media.tumblr.com/tumblr\\_lmobyfHDWq1qbjim1o1\\_1280.jpg](http://37.media.tumblr.com/tumblr_lmobyfHDWq1qbjim1o1_1280.jpg). Recuperado a 18 Maio, 2014.

- Figura 73 Fagus Factory, Alfeld-an-der-Leine (Alemanha). N.d.

Fonte: [http://fbcdn-photos-a-a.akamaihd.net/hphotos-ak-prn2/t1.0-0/1374276\\_812449065450708\\_760568899\\_n.jpg](http://fbcdn-photos-a-a.akamaihd.net/hphotos-ak-prn2/t1.0-0/1374276_812449065450708_760568899_n.jpg). Recuperado a 18 Maio, 2014.

- Figura 74 Sistema Domino, Le Corbusier. N.d.

Fonte: <http://chandigarh-unicamp.blogspot.pt/p/biografia.html>. Recuperado a 19 Maio, 2014.

- Figura 75 Villa Fruges, Pessac (França). Romaric Tisserand. N.d.

Fonte: <http://www.romarictisserand.com/2012/06/le-corbusier-cite-fruges-1927/>. Recuperado a 19 Maio, 2014.

- Figura 76 Villa Fruges, Pessac (França). Romaric Tisserand. N.d.

Fonte: <http://www.romarictisserand.com/2012/06/le-corbusier-cite-fruges-1927/>. Recuperado a 19 Maio, 2014.

- Figura 77 Winding Tower, Les – Mines, Nord-et-Pas de Calais (France). Bernd & Hilla becher, 1967.

Fonte: <http://www.artnet.com/artists/bernd-and-hilla-becher/winding-tower-fosegrenay-no1-billy-les-mines>. Recuperado a 21 Maio, 2014.

- Figura 78 Coal Bunker, Repelen Niederrhein (Germany). Bernd & Hilla becher, 1973.

Fonte: <http://historyofourworld.wordpress.com/2009/10/21/basic-forms-of-industrial-buildings-bernd-hilla-becher/>. Recuperado a 21 Maio, 2014.

- Figura 79 leige-seraing, Belgium. Bernd & Hilla becher, 1980.

Fonte: <http://www.designboom.com/history/becher.html>. Recuperado a 21 Maio, 2014.

- Figura 79 Aeroporto de Faro, (Portugal).N.d.

Fonte: <http://eletromecanica.mota-engil.pt/obras-relevantes/aeroporto-de-faro/>. Recuperado a 23 Maio, 2014.

- Figura 80 Desfile que assinala em cada ano o encerramento da Concentração de Faro, (Portugal).Algarlife Magazine Online, 2013.

Fonte: <http://www.algarlife.com/concentracao-de-motos-em-faro-de-17-a-20-de-julho/>. Recuperado a 24 Maio, 2014.

- Figura 81 Desfile de caloiros Universidade do Algarve, Largo de São Francisco 2014, (Faro / Portugal).N.d.

Fonte: [www.facebook.com/AAUALG/photos/a.10150642423173848.386429.263121513847/10151921438458848/?type=1&theater](http://www.facebook.com/AAUALG/photos/a.10150642423173848.386429.263121513847/10151921438458848/?type=1&theater).

Recuperado a 25 Maio, 2014.

Figura 82 Registo esquemático do mapa do Algarve, representando os Equipamentos culturais dotados de espaços expositivos (Galeria de Exposição; Recinto Multiuso; Museu; Centro Interpretativo). Duarte Correia, 2014.

- Figura 83 Identificação Pátios. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.

- Figura 84 Esquema entradas programa Cultural. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.

- Figura 85 Fotografia do pátio Oeste / estado atual. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 14-03-2013.
- Figura 86 Fotografia do pátio Sul / estado atual. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 29-06-2013.
- Figura 87 Fotografia do pátio Sul / estado atual. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 29-06-2013.
- Figura 88 Fotografia do pátio Norte / estado atual. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 29-06-2013.
- Figura 89 Imagem pátio Norte, Piso 0 / Desenho técnico escala n.d. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.
- Figura 90 Modelo 3D / Pátio Norte – Antiga Fábrica da Cerveja, (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.
- Figura 91 Imagem Volume Norte, Piso 0 / Desenho técnico escala n.d. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.
- Figura 92 Fotografia do interior do volume Norte da antiga Fábrica da Cerveja, (Faro). Vão em arco de contacto entre a loja e o espaço de trabalho/estudo. (vista para o espaço de trabalho/estudo). Duarte Correia 29-06-2013.
- Figura 93 Fotografia do interior do volume Norte da antiga Fábrica da Cerveja, (Faro). Espaço destinado a loja. Duarte Correia 29-06-2013.
- Figura 94 Secção Torre / Desenho técnico escala n.d. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.
- Figura 96 Planta piso 0 – Sala trabalho/estudo / Desenho técnico escala n.d. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.
- Figura 97 Planta piso 0 – armazém/arrumos / Desenho técnico escala n.d. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.
- Figura 98 Secção B / Desenho técnico escala n.d. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.
- Figura 99 Imagem pátio Sul, Piso 0 / Desenho técnico escala n.d. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.
- Figura 100 Modelo 3D / Volume Oeste – Antiga Fábrica da Cerveja, (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.

- Figura 101 Fotografia do volume Oeste (estado atual), Vila Adentro (Faro). Vista do topo da Torre da antiga Fábrica da Cerveja. Duarte Correia, 29-06-2013.
- Figura 102 Secção J / Desenho técnico escala n.d. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.
- Figura 103 Secção H / Corte longitudinal do auditório situado no piso 1, Desenho técnico escala n.d. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.
- Figura 104 Modelo 3D / Circulação exterior (Vermelho), Circulação interior (Azul) – Antiga Fábrica da Cerveja, (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.
- Figura 105 Fotografia do adarve (muralha) e fachada Sul da antiga Fábrica da Cerveja, (Faro). Duarte Correia, 29-06-2013
- Figura 106 Secção I / Corte transversal do quarto individual situado no piso 2, Desenho técnico escala n.d. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.
- Figura 107 Secção B / Corte transversal do restaurante/bar situado no piso 3, Desenho técnico escala n.d. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.

## **INTRODUÇÃO**

### ***Definição do contexto***

#### **A. Natureza da localização.**

A localização em Faro tem como principal interesse o facto de integrar o núcleo histórico da cidade de limite bem definido e com um carácter próprio, remetendo e referenciado o passado e o início de ocupação do território. Extremamente benéfico é também o facto de poder contemplar um vasto campo visual sobre a Ria Formosa.

#### **B. Premissas prévias ao desenho.**

Pretende-se então reorganizar inicialmente os problemas urbanos de ilegibilidade e referências espaciais especificamente na entrada Sul do núcleo urbano. Perceber a potencialidade e a identidade do lugar dando especial atenção a evolução histórica e ao valor patrimonial da estrutura urbana e do edificado existente. Assegurar que a proposta respeita a legislação que está sujeita e começar a perceber como pode funcionar a volumetria como peça arquitetónica que irá ocupar aquele contexto urbano em conformidade com o programa proposto.

#### **C. Desejos sociais e necessidades.**

Pretende-se propor um espaço de produção artística que consiga dar resposta a um tema com fraca expressão ao nível de todo o contexto regional, que anexado às várias carências sociais oferece um local de trabalho e um local para habitar. Pretende-se então que dinamize o turismo

cultural, a promoção artística e que crie novos postos de trabalho.

#### D. Demandas do programa.

O programa procura reorganizar e reabilitar um espaço obsoleto desadaptado a funções e necessidades atuais, a um espaço de produção “cultural”. A intenção passa por encontrar um equilíbrio e uma interligação entre três programas: Trabalhar (produção artística), Habitar (habitação temporária) e Espaço Cultural (espaços expositivos). Também será importante que se perceba e se compreenda as necessidades das características de cada espaço programático diferenciado por zonas públicas e zonas privadas.

#### E. Perspetiva histórica.

Todo o seu contexto tem uma grande carga histórica dentro do perímetro amuralhado, que faz deste um local de referência para toda a população sendo um dos polos geradores da estrutura urbana envolvente. O edifício em questão adaptou-se a evolução da cidade recebendo diversas ampliações e alterações para receber novas funções, algumas delas marcando períodos na história da cidade.

### ***Reconhecimento das variáveis contexto-objeto***

Investigação no desenho (Contexto determinado-Objeto determinado). Defino nas variáveis entre contexto-objeto como sendo determinado. Ponderando cada uma das definições, ambas direcionam para a definição de um contexto e um objeto que se relacionam a par das mesmas necessidades. Existe apenas uma direção no pensamento e reflexão que coloca o contexto variável, sendo este o fator económico.

## **Objetivos**

Na viagem pelo grande e complexo mundo da arquitetura tudo parece ter sido descoberto, experimentado, desenhado, criticado e teorizado. Percebem as repetidas afirmações e posturas de arquitetos que consideram a presença humana e o modo de apropriação de um determinado espaço o sucesso das suas obras independente de formas e linhas reguladoras de projeto. Quer com isto dizer que este é o contexto determinado da arquitetura, independentemente de existir um estilo próprio, uma linguagem, ou até mesmo uma fórmula de projetar. A relevância do exercício de projetar é perceber quais as necessidades de utilização de cada espaço, num compêndio de funções que resulte, na resposta correta à necessidade real. Neste trabalho académico, pretende-se estudar e compreender quais as necessidades de uma região, o Algarve, e propor a criação de um espaço que sirva não só um limitado grupo de pessoas mas sim que contribua para fortalecer e dinamizar uma comunidade. No atual contexto socioeconómico nacional, estabelecem-se enormes cortes financeiros em áreas do conhecimento e cultura, o que conduz à promoção de perda da sua importância na manutenção e evolução da identidade de uma sociedade. Perante este fator incidirei sobre o estudo de como melhorar as condições de “vida cultural” num ambiente multifuncional possível de habitar, trabalhar e produzir cultura diversa que dinamize uma cidade e por consequência uma região.

## ***Problemática***

O que representa o centro de produção artística na cidade contemporânea do século XXI num cenário de crise?

Qual o papel do centro de produção artística numa região periférica?

Qual é o impacto de uma estrutura deste carácter no desenvolvimento e divulgação cultural de uma região/cidade?

Como pode um centro de produção artística potenciar o conhecimento tradicional regional?

Como pode a arquitetura resolver um problema económico e social visto que é necessário um investimento num cenário atual de crise económica?

Qual será a proposta ideal e quais serão os pontos que diferenciam este trabalho?

O presente estudo interessa-se na disciplina das ciências sociais aplicado a uma estratégia urbana/arquitetónica. Estas questões/preocupações sempre estiveram presentes em anteriores trabalhos visto compreender que a individualidade de um edifício nunca é totalmente alcançada se o objetivo não é interagir com quem o usa, com quem o explora economicamente, com a paisagem em que se insere, com a topografia e com os elementos naturais e bioclimáticos intrínsecos. Neste trabalho procura-se identificar problemas no crescimento das cidades a uma escala regional e perceber qual é a interligação dessas fragilidades na região do Algarve. Depois procura-se estabelecer a ligação entre necessidades económicas e sociais que muitas vezes desenvolvem-se ao sabor de interesses pessoais e não

coletivos. Nada é mais falado e comentado diariamente do que a situação económica do país: os mercados encontram-se em queda, o poder de compra diminui, a qualidade de vida baixa, a taxa de desemprego aumenta, austeridade desmesurada... Artigos publicados em jornais e páginas web que citam, expõem e criticam algumas medidas do governo referem que este constrangimento económico se aplica também ao sector da cultura. Em 18 de Junho de 2010 entrou em vigor o decreto-lei 72-A/2010 que reduz os orçamentos e financiamentos das atividades artísticas e culturais de 20% para 10%. No dia 9 de Setembro de 2012 foi publicado no Jornal de Notícias um artigo intitulado de *Cultura: Serralves e Casa da Música com cortes de 30%*. Mencionava o artigo cortes totais em várias fundações artísticas como Fundação Paula Rego, Fundação D. Luís I e Fundação Casa Mateus. Outro artigo, publicado no 5 de Abril de 2013 na página web da *Controlinveste*, um dos maiores grupos de media em Portugal, com presença nos sectores da imprensa, rádio, televisão e internet, dava conta do comunicado do governo sobre a redução de 41% no apoio à atividade artística em Portugal. Com base nestas ações de austeridade prevê-se uma queda significativa na promoção e manutenção da cultura e identidade de uma nação. Estes cortes exacerbados só são previsíveis tendo em vista que a cultura não trás ganhos diretos ao cofre do estado, o que numa perspetiva pessoal é uma medida descabida e silenciosa de desenraizar um povo e torna-lo globalizado sem raízes ao seu território. O problema será só a nível económico? Competir no que quer que seja não traz continuidade sem que esse produto se diferencie e marque a diferença e autenticidade perante uma enorme oferta dos mercados. Levanta-se algumas questões. Em que aspetos o Algarve se diferencia do país e do mundo? O que marca

a identidade desta região? A cultura de cada país ou região tem uma grande variação nos seus valores e isto faz com que se torne em algo genuíno fazendo sentir a diferença entre territórios e pessoas. O estudo centra-se no problema cultural na região do Algarve que por certo está um pouco fragilizada pelo desinteresse e desaproveitamento de vários valores culturais. Numa breve pesquisa efetuada comprova-se números exagerados de espaços expositivos onde todos e qualquer espaço servem para expor ou vender cultura mas poucos onde se produz cultura.

## **Hipótese**

A questão económica será sem dúvida um fator relevante, porém, propõe-se, estudar uma intenção de intervir segundo os conhecimentos da arquitetura e dar condições a novas situações para criar um novo modo de trabalhar e gerar um aproveitamento da capacidade e do valor da cultura de um determinado território. Será que todos os empresários quando empregam alguém estão a dar condições de vida e qualidade de vida a uma determinada pessoa ou realmente tudo se resume a uma conta de somar? O objetivo poderá passar numa versão contraditória a esta onde qualquer um pode criar o seu próprio trabalho naquilo que se identifica. Este é o caso na área das artes e da cultura regional. Sendo que a maior parte de tudo o que é abordado, concretizado e projetado gira em torno de interesses económicos onde o sucesso é contabilizado através de uma sustentabilidade financeira. A arquitetura encaixasse neste mesmo problema. O caminho mais correto e vantajoso será pensar numa hipótese de participação conjunta do pensamento com as necessidades de várias áreas do conhecimento.

## **Metodologia**

A realização do presente trabalho teve como metodologia a organização de tarefas e atividades a desenvolver em conformidade com a necessidade de duas fases de trabalho, sendo estas teórica e prática.

O conjunto teórico como elemento principal de trabalho funcionando de suporte ao desenvolvimento prático do trabalho foi dividido em cinco fases.

O primeiro tema, INTERVENÇÃO EM CENTROS HISTÓRICOS – FARO, centra-se no estudo urbano nomeadamente na evolução histórica, na morfologia e suas alterações como estrutura, para a realização do mesmo é necessário bibliografia específica, visitas ao local e recolha de dados, levantamento fotográfico e entrevistas a residentes e funcionários do Centro Histórico de Faro.

O trabalho prático terá assim uma primeira fase que acompanhará os elementos teóricos analisados com o fim de definir estratégias urbanas para o local a intervir.

O segundo tema, A ANTIGA FÁBRICA DA CERVEJA: EDIFÍCIO DE INTERESSE PÚBLICO, PATRIMONIAL A REABILITAR, tem como método de desenvolvimento pesquisa e análise de bibliografia específica, visitas ao núcleo edificado (interior), levantamento fotográfico e recolha de dados para análise do estado de conservação. A par do desenvolvimento teórico o trabalho prático centra-se no levantamento dos desenhos técnicos do edifício à escala 1.200.

O terceiro tema, INTERVENÇÃO EM PATRIMÓNIO INDUSTRIAL, adota a mesma metodologia de recolha e pesquisa de bibliografia específica ao tema e análise de

conceitos de intervenção de reabilitação e casos de estudo a aplicar e desenvolver no trabalho prático.

O quarto tema, O CONTRIBUTO DO CENTRO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA PARA A CIDADE DE FARO./ PROGRAMA MULTIFUNCIONAL – DESENVOLVIMENTO E CONCEITO DE INTERVENÇÃO, desenvolve as fases teóricas anteriormente desenvolvidas com fim de as aplicar no trabalho prático adotando a melhor estratégia de projeto segundo os elementos teóricos adquiridos.

O quinto tema, DESENVOLVIMENTO E INTERVENÇÃO ARQUITETÓNICA, ganha maior expressão devido ao volume de trabalho a realizar no trabalho prático onde este pretende justificar soluções e estratégias arquitetónicas desenvolvidas no projeto.

## ***Estrutura***

A estrutura geral de investigação divide-se em três temas principais e três subtemas, nos quais se definiram conteúdos específicos. A abordagem aos conteúdos apresentados segue o princípio de uma aproximação e especificação de forma a delimitar e definir um percurso de pesquisa sempre balizado e objetivo. O primeiro tema definido refere-se à intervenção em centros históricos. Por ordem apresentada serão desenvolvidos os seguintes subtemas: Evolução histórica; Objetivos de intervenções: Regenerar uma centralidade capaz de gerar dinâmicas sociais e económicas; Componentes urbanísticas dos centros históricos; Legislação e normas de proteção da zona de intervenção; Intervenção urbana e arquitetónica adaptando a novas necessidades (casos de estudo).

O segundo tema centra-se na reabilitação de edifícios patrimoniais, e tem como subtemas, Conceitos de intervenção (restaurar, demolir, adicionar, recuperar, manter...); Evolução histórica do edifício; Valores materiais (Técnicas construtivas, Tradição, Localização, Aspectos morfológicos...) Valores imateriais (Festas, Lendas, Histórias, Identidade).

O terceiro tema é Património Industrial com os seguintes subtemas: Evolução dos valores (Históricos, Culturais, Sociais...); Adaptação do edifício a uma atividade industrial; Requalificar para um novo uso.

Nos temas seguintes apontados como subtemas dos referidos anteriormente, são assim definidos pelo facto de serem uma consequência das necessidades e problemas percecionados que irão ser aplicados ou explorados no trabalho prático. Como primeiro tema foi determinado

programas multifuncionais, Habitar e Trabalhar; Centros de Espaços e Atividades Culturais; Relação entre Espaços Públicos e Espaços Privados com a derivação de dois temas: Conceito de privacidade e interação; Espaços de Circulação; e por último, Flexibilidade espacial / *Life span* (ciclo de vida). Segundo tema inovação em programas de habitação subdividido em Formas de habitar alternativas; Flexibilidade espacial / *Life span* (ciclo de vida); Conceito de comuna artística (Espaço Individual / Espaço Coletivo). Por último desenvolvimento socioeconómico, com os seguintes subtemas: Necessidades socioeconómicas do Algarve e Faro; Atores e recursos atuais; Turismo; Estratégias e contributos para melhorar o desenvolvimento económico.

Em anexo Diagrama da Lista de Conteúdos e Diagrama da Relação de Conteúdos.

## 1. INTERVENÇÃO EM CENTROS HISTÓRICOS – FARO

As intervenções em centros históricos urbanos estão associadas a espaços urbanizados onde existem vários substratos históricos que testemunham o surgimento de povos, da urbe e do seu conseqüente crescimento, adaptação e reconstrução do seu próprio território de acordo com as necessidades de cada momento. Os seus valores materiais e imateriais originaram, por sua vez, uma visão mais cautelosa no âmbito das intervenções aplicadas nos ditos através de uma regulamentação de proteção e salvaguarda municipal. A documentação onde é definida essa intenção de salvaguarda do património, nomeadamente cartas e normas sobre o tema, foram desenvolvidas ao longo da história onde cada vez mais abrangeram elementos anexos ao existente legislado, como é o caso de aspetos de desenho urbano, paisagem urbana da trama da cidade histórica.

Em 1931, a Carta de Atenas já delineava o interesse pela proteção do património edificado. Em 1964, com a Carta de Veneza, o conceito da proteção do edificado histórico expande-se aos espaços urbanos e rurais.

No ano de 1967, no documento Normas de Quito, revisa-se a legislação existente e amplia-se a área de proteção aos espaços urbanos que ocupam os núcleos urbanos com conjuntos monumentais e interesses ambientais, passando-se a dar um novo interesse à proteção da paisagem urbana como um todo.<sup>1</sup> (ICOMOS, 1967)

---

<sup>1</sup> International Council On Monuments and Sites (ICOMOS). *Normas de Quito 1967. Informação final da reunião sobre conservação e utilização de monumentos e lugares de interesse histórico e artístico.*

A legislação aplica-se a um vasto universo mas esta, evoluiu perante novas situações adaptando-se caso a caso, por meio da complementação posterior com regulamentos instaurados pelos próprios municípios. Por sua vez a regulamentação instaurada pelo município adapta-se as necessidades e situações particulares que este pretende desenvolver de acordo com os seus planos de desenvolvimento.

Apesar da legislação vigente pretender, positivamente, valorizar e proteger o património, tem por outro lado e em certas circunstancias um carácter obstrutivo, assumindo-se em certos casos como um impedimento do desenvolvimento e adaptação das áreas históricas às novas necessidades urbanas e sociais, negando o natural facto adaptativo e regenerativo que a urbe sempre constatou durante diferentes momentos da sua existência. O facto que os centros históricos podem acabar tornando-se espaços protegidos e impossíveis de se exercer qualquer ação de adaptação potencia a sua incapacidade de sustentabilidade e de gerar ou reinventar novas dinâmicas sociais, económicas, culturais e ambientais dentro dos seus limites. R. Koolhaas, (2006/1989), afirma que “quanto mais poderosa é a identidade mais aprisiona, mais resiste á renovação e á contradição”, vincando claramente o perigo de se criarem tentativas de congelamento e políticas de intocabilidade nestes espaços urbanos levando-os à destruição, banalidade e esquecimento.

Segundo Sposito, no seu artigo “O centro e a centralidade urbana – aproximações teóricas a um espaço em mutação” (1991) os centros urbanos de uma cidade não são necessariamente centros geográficos ou se localizam no sítio histórico onde a cidade se originou. O centro urbano é

um ponto de convergência ou divergência, porque pode formar parte de um nó do sistema de circulação, ou bem o lugar de encontro e interação de atividades aí localizadas. Contrariamente, os centros históricos podem estar desconectados da vida social e económica dos seus habitantes. Muitas vezes os planos de salvaguarda e de novos usos são direcionados para intervenções com objetivo de cativar o turismo, transformando na maioria das vezes os centros históricos em espaços estáticos que não conseguem gerar dinâmicas na utilização do seu espaço por parte dos habitantes mas sim dos visitantes.<sup>2</sup>

De facto as cidades adotam e adaptam-se a novas centralidades e à criação de novas dinâmicas urbanas geradas pela implantação de novos equipamentos de uso coletivo, novas infraestruturas de transportes públicos, centros comerciais, centros culturais, complexos desportivos, entre outros. No âmbito da presente dissertação pretende-se estudar e analisar as potencialidades do Centro Histórico de Faro de modo a complementar as diferentes novas centralidades existentes desta cidade. Novas estratégias de intervenção no centro histórico podem permitir a criação de novas dinâmicas sociais, económicas e culturais ligadas à riqueza do património arquitetónico e histórico de Faro.

---

<sup>2</sup> Sposito, M.E.B. (1991). O Centro e as formas de expressão da centralidade urbana. Revista de Geografia. UNESP. *O centro e a centralidade urbana – aproximações teóricas a um espaço em mutação*. Caderno Curso de doutoramento em Geografia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Recuperado em 05 Maio, 2014, de <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8280.pdf>.

## **1.1. CASO DE ESTUDO – CENTRO HISTÓRICO DE FARO**

### **1.1.1. Contexto histórico / Evolução histórica**

Para a compreensão e estudo da cidade Faro é pertinente entender a sua evolução urbana e os acontecimentos históricos experienciados ao longo do tempo e que, por sua vez, conduziram à sua atual configuração. Estes factos são importantes para perceber o seu desenvolvimento e adaptação urbana às várias culturas e saberes dos diferentes povos que se apropriaram deste território e que o marcaram física e temporalmente.

De acordo com Rui M. Paula e Frederico Paula, na sua obra *Faro, Evolução Urbana e Património* (1993), os primeiros registos de pré-existências urbanas em Faro remontam aos períodos Fenício, Grego e Cartaginês entre o século VIII a.C. e século III a.C. Ossónoba, como era chamada na altura, constituía-se como entreposto comercial, integrado no sistema mercantil mediterrânico. A sua proximidade com o mar e localização central no território sul faziam de Faro um lugar de extrema importância. No século III a.C. as invasões romanas de extensão imperial e com o objetivo de adquirirem poder total sobre o Mediterrâneo, derrotam o povo Cartaginês e dominam toda a Península Ibérica até ao século V d.C. Durante o domínio romano, Ossónoba perde o papel de entreposto comercial transformando-se em território de carácter urbano. Durante o século IV o poder romano sobre a península fragiliza-se; inicia-se um processo de cristianização que viria a culminar com a conquista dos Visigodos no ano de 414. Esta conquista viria a coincidir

com a alteração do nome da cidade para Santa Maria de Ossónoba.

A estrutura urbana de Faro durante este período caracteriza-se pela rigidez dos eixos ortogonais, típicos do desenho urbano romano: um eixo Norte-Sul designado de *Cardus Maximus* e outro Este-Oeste denominado *Decumanos Maximus*, delimitados por um possível amuralhado Visigótico. No cruzamento dos eixos localizava-se o *Fórum*, espaço onde se encontravam os edifícios administrativos e religiosos. No exterior deste perímetro já existia pequenas aglomerações urbanas, ainda que reduzidas, ligadas à agricultura, nomeadamente na zona atualmente designada como Alagoa e zona da Ribeira.

Na Figura 1, apresenta-se o esquema da estrutura urbana à época composta por três aglomerados urbanos: Vila Adentro; Alagoa; Ribeira. O esquema foi sobreposto à planta atual da cidade de Faro.



Figura 1 Esquema de Ossónoba (Faro), século III a.C., á século V d.C. (Estrutura urbana dos povos Romanos)

No ano de 711 inicia-se a invasão árabe da Península Ibérica. Conquistam-se várias cidades importantes no sul da península, como Santa Maria de Ossónoba. A presença árabe trará diversas transformações urbanas à cidade

devido a um aumento demográfico. Em 870 surgem as revoltas moçárabes (do árabe *Nuss-Arabi* – meio árabe) apoiadas pela comunidade cristã, que tomaram o poder tornando-se independentes do Emirato de Córdoba. Fazem-se novamente alterações urbanas na cidade e aumenta-se o perímetro urbano com a construção das atuais muralhas da cidade. A estrutura urbana passa a organizar-se segundo o princípio islâmico com 3 zonas distintas: Alcáçova - zona dentro do perímetro amuralhado, área de maior proteção na qual se encontrava a residência do governador; Medina - espaço sobrance no interior das muralhas de maior dimensão; Arrabaldes - zona exterior à muralha (Fig.2).



Figura 2 Esquema de Santa Maria de Ossónoba (Faro), século VIII, á século XII. (identificação de Alcáçova; Medina; Arrabalde; estrutura urbana dos povos islâmicos)

Nos anos seguintes as tropas árabes continuam conquistando importantes vitórias sobre os cristãos, e no ano de 1016 o território sul da Península Ibérica, sob o poder da dinastia Omíada de Córdoba, divide-se em vários principados independentes, designados por Reinos das Taifas. Ossónoba passa a chamar-se Santa Maria Ibn Harun de acordo com o nome do seu governante. Um novo confronto com tropas cristãs faz com que as forças árabes se juntem pedindo auxílio aos Berberes de Marrocos. Com

esta iniciativa dá-se início a uma nova invasão Almorávida, que conquistará todos os Reinos das Taifas, fazendo com que estes se unifiquem ficando sob o domínio do governo de Marrocos. Posteriormente a esta conquista inicia-se um período de reconquistas cristãs. D. Afonso Henriques, com várias investidas sobre os Almorávidas, consegue conquistar terreno ficando o território dividido pelo Rio Tejo. A cidade seria conquistada no ano de 1249 pelas tropas de D. Afonso III, esta conquista traria novamente a alteração da sua designação adotando o nome de *Santa Maria de Faaron*.

Entre o século XIII e XV a cidade beneficiou de um crescimento urbano notável e com este desenvolvimento formam-se dois bairros fora da muralha: a Mouraria e a Judiaria. Mais tarde surge um terceiro bairro ligado à construção naval e à pesca denominado Bairro da Ribeira. Com esta expansão o tecido urbano estende-se pelo território dando continuidade aos eixos principais existentes dentro e fora da muralha.

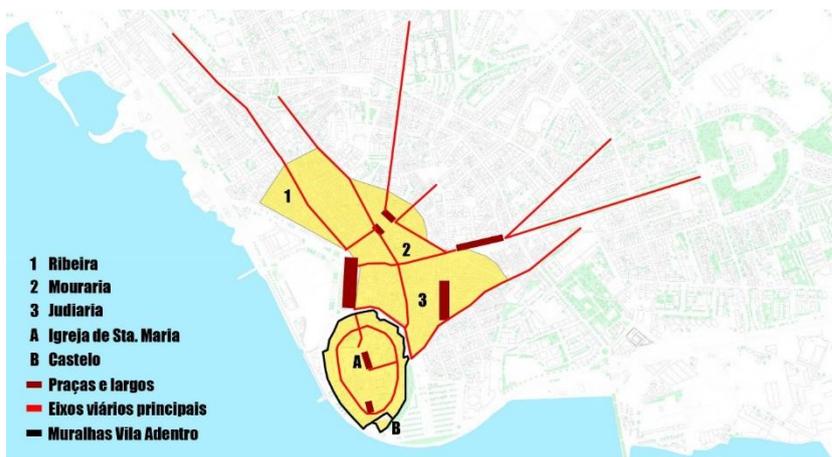


Figura 3 Esquema do crescimento de Santa Maria de Faaron (Faro), século XIII, à século XV. (representação de novos espaços públicos, extensão da estrutura viária e identificação dos novos bairros: Ribeira; Mouraria; Judiaria).

Devido à enorme produtividade e ao trabalho que a mesma oferece, a cidade continua a crescer e entre os séculos XV

e XVII a sua área edificada expande-se. A importância da cidade torna-se cada vez mais importante na região do Algarve devido à construção de vários edifícios religiosos por parte do clero. No ano de 1577 foi transferido a sede de Bispado para Faro que até então pertencia a Silves. Duas décadas mais tarde, em 1596, a cidade sofre um ataque inglês que saqueou, incendiou e destruiu grande parte da estrutura urbana. Com a necessidade de voltar a erguer a cidade e trazer novamente segurança à população, é construída em 1660 uma segunda cerca defensiva abaluartada, que protegia toda a cidade de ataques terrestres. Esta cerca, conhecida atualmente como Cerca Seiscentista, viria a englobar dentro do seu perímetro toda a área edificada e os seus locais de cultivo agrícola.

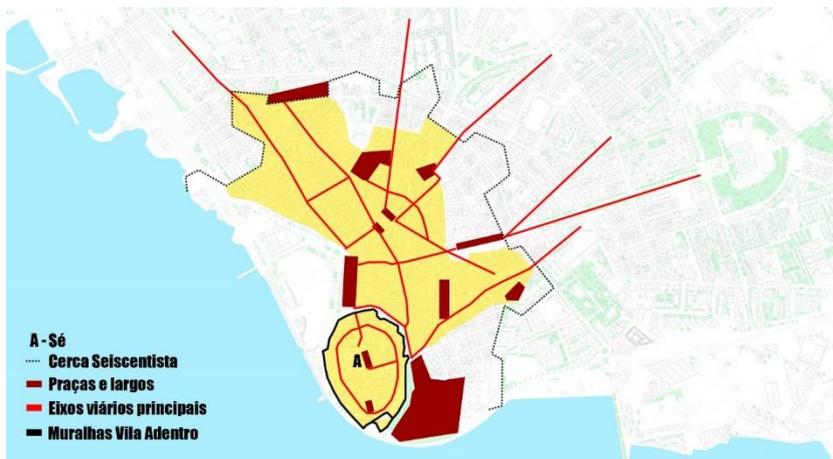


Figura 4 Cidade de Faro, século XV, à século XVII. Delimitação da Cerca Seiscentista e criação de novos espaços públicos.

Durante o século XVIII a cidade duplica a sua população mas a densidade urbana fica contida ao perímetro da Cerca existente. Com o terramoto de 1755 a cidade e a Cerca Seiscentista ficam destruídas e inicia-se o processo de reconstrução do edificado e dos elementos defensivos. No início do século XIX Faro sofre uma invasão francesa que acabaria por representar uma grande perda na sua riqueza, saqueando e destruindo vários bens.

Na segunda metade do século XIX a cidade sofre fortes alterações devido à construção e adaptação das infraestruturas urbanas à circulação automóvel, aos caminhos-de-ferro e ao desenvolvimento industrial pesqueiro. Estes fatores contribuíram para a destruição da Cerca Seiscentista e para a construção de uma via de circunvalação sobre o seu traçado. Com a execução deste eixo a cidade começa a sua expansão de forma planeada respeitando as suas origens, desenvolvendo-se para norte com centro na Vila Adentro, tendo base num sistema urbano de traçado radial. No extremo oposto da cidade, a linha de água que limita a expansão da cidade para sul, foi construída a linha do caminho-de-ferro na fronteira entre ambas impondo-se brutalmente a forte ligação que o território urbano tinha com o mar.

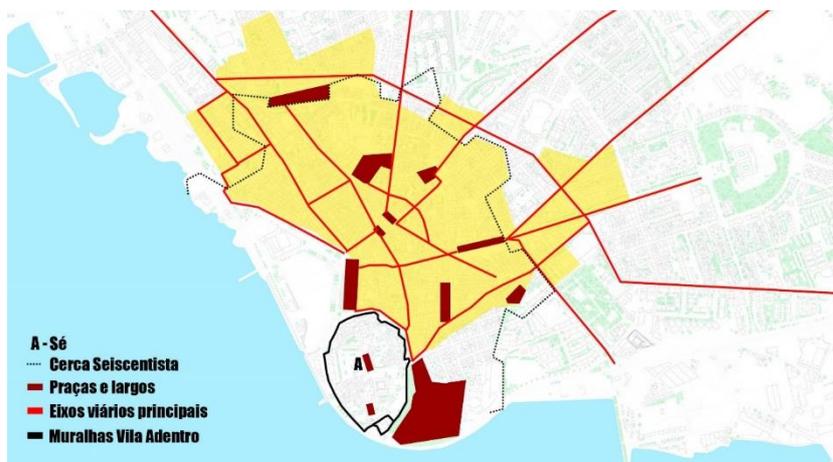


Figura 5 Cidade de Faro, século XIX, á século XX. Extensão da estrutura viária e marcação do crescimento urbano.

De destacar que o surgimento do centro histórico de Faro remonta precisamente ao período romano, momento que marca o início da organização urbana da Vila Adentro. Segue-se o Período Árabe que marcará profundamente a identidade e organização desta estrutura urbana, que resistirá a diversos momentos de destruição e reconstrução causados por batalhas históricas e alguns desastres naturais. A tardia exploração industrial, a introdução do

traçado dos caminhos-de-ferro, e posteriormente a introdução de infraestruturas destinadas à circulação de automóvel na cidade, viria a desempenhar um papel crucial na transformação da sua estrutura viária e ordenação urbana.

### 1.1.2. Estado atual / análise

A presente secção pretende analisar o estado atual do centro histórico de Faro, centrando-se nas características do edificado, do espaço público e dos aspetos económicos e sociais. O estudo foi feito com base em visitas ao local, observação e entrevistas à população residente. Pretende-se assim perceber as potencialidades e debilidades do estado atual do centro histórico.

#### Espaço público / Espaço privado

A Vila Adentro dispõe de uma estrutura urbana com características islâmicas, com ruas estreitas e sinuosas onde dificilmente se percebe a sua hierarquia viária devido ao reduzido campo visual do observador e sem referências marcantes. A importância de cada rua é definida pelo interesse do edificado ou pela sua proximidade com zonas públicas de maiores dimensões. A experiência de caminhar pelas ruas da Vila Adentro, nas quais faltam claramente referências espaciais dissonantes que as diferenciem ou hierarquizem, torna-se interessante porque demonstra bem este princípio: todas as ruas parecem conduzir intuitivamente o transeunte ao Largo da Sé ou à Praça Afonso III, localizadas no centro da estrutura, precisamente os espaços públicos de maior dimensão onde se encontram edifícios diferenciados, que assignam hierarquia ao edificado e por consequência ao espaço público. O espaço privado ocupa maior área que o espaço público e a zona edificada de maior densidade encontra-se a norte e no centro da Vila Adentro. No espaço privado é importante salientar a existência de grandes vazios urbanos abandonados e inutilizados, é o caso dos dois quarteirões a Este dentro do perímetro da Vila Adentro.



Figura 6 Esquema do Centro Histórico de Faro, 2013. Delineação da área ocupada pelo espaço público e espaço privado.

## Usos / Função

A habitação concentra-se em duas zonas: a oeste junto da Porta do Mar e outra a norte na rua circular interior. Ambas encontram-se longe dos espaços públicos de maior dimensão, sendo esses existentes à escala de bairro com dimensões menores consoante o número de habitantes. Um dado importante constatado durante a recolha de informação com base nas entrevistas aos residentes foi que as habitações na zona norte referem-se a habitações secundárias, ou seja, de ocupação sazonal (fins de semanas ou períodos de férias).

Os equipamentos culturais são escassos, existindo, no entanto, o Museu Municipal de Faro no centro da Vila Adentro, referência cultural, arquitetónica e patrimonial da cidade. Os edifícios religiosos estão exclusivamente concentrados e vivem para o Largo da Sé. Este assume maior importância dentro do perímetro urbano. Os edifícios destinados a serviços estendem-se pela zona Norte e Este, sendo que nesta última alguns foram extintos devido à concentração de serviços municipais na Loja do Cidadão de Faro fora do Centro Histórico. Os edifícios de comércio distribuem-se na sua totalidade por todas as zonas, sendo que na parte sul a maior parte corresponde a restauração e bares que tira partido da proximidade de pequenas praças ou largos. Na zona Sul concentram-se vários armazéns, ligados às indústrias nesta zona, pertencentes na atualidade e na sua maioria à Câmara Municipal que adquiriu estes imóveis depois da crise económica há alguns anos. Os edifícios devolutos marcam uma grande percentagem do edificado existente. A maioria destes edifícios devolutos são habitações que por falta de condições económicas dos seus proprietários não recebem obras de manutenção e por consequência do tempo e



Figura 7 Esquema do Centro Histórico de Faro, 2013. Identificação de usos e funções do edificado existente: Habitação; Equipamento cultural; Edifício Religioso; Serviços; Comércio; Armazém; Devoluto.

ausência de cuidado não oferecem condições de habitabilidade. Junto à entrada Sul do recinto amuralho, um grande conjunto de edifícios encontram-se num elevado grau de abandono e mau estado de conservação. Este conjunto engloba a antiga Galeria Margem, dois edifícios de habitação e a antiga Fábrica da Cerveja, sendo este último um edifício de grandes dimensões tanto em planta como em altura, destacando-se do restante conjunto edificado. Praticamente no quadrante sudeste apenas o Museu Municipal de Faro está ativo.

### Altura do edificado

Para a realização do estudo da altura do edificado na presente análise foram considerados quatro níveis sendo que um piso é equivalente a 3 metros de altura. Em geral a altura do edificado é bastante homogênea em todo o espaço dentro de muralhas, sem grande dissonâncias altimétricas, variando entre um e dois pisos, com predominância do edificado com dois pisos. As cérceas respeitam as edificações confinantes e marcam uma altura uniforme no espaço público. A topografia guia uma linha de horizonte dinâmica apesar da homogeneidade das cérceas. As exceções altimétricas são marcadas por dois edifícios: a Igreja da Sé numa posição central e com localização na cota mais elevada do Centro Histórico, destacando-se pela sua verticalidade e como referência posicional do transeunte; e a antiga Fábrica da Cerveja, localizada junto à entrada sul, que se eleva junto à muralha e se afirma como marco na paisagem a Sul na linha perimetral do Centro Histórico que é a muralha.



Figura 8 Esquema do Centro Histórico de Faro, 2013. Representação da cércea do edificado.

## Estado de conservação do edificado

Na análise do estado de conservação do edificado foram definidos cinco níveis: *nível 1* é definido como estado de conservação total/bom para o edificado que não apresente debilidades; *nível 2* mostra os edifícios que exibem sinais de envelhecimento nos revestimentos e que se encontram envelhecidos ou danificados; *nível 3* apresenta os edifícios com pequenas fissuras ou revestimentos danificados com partes em falta ou em iminente queda; *nível 4* mostra os edifícios com fissuração estrutural em risco de ruína; e por último *nível 5* apresenta os edifícios em mau estado nos quais se confirma a queda de parte da sua volumetria ou cobertura.

Analisando os dados recolhidos percebe-se que a zona norte apresenta um estado de conservação no geral de *nível 1 e 2* com alguma fragilidade no quadrante noroeste. Este facto deve-se também à maioria dos edifícios destinarem-se a funções de serviços ou religiosos, enquanto no quadrante noroeste uma grande percentagem do edificado se refere a privados. Na zona Sul o estado de conservação em geral é muito débil com algumas edificações sem condições de habitabilidade ou em risco de ruína. Confirma-se também que o edificado em pior estado de conservação deve-se a uma construção de fraca qualidade com materiais pouco resistentes às intempéries ou não devidamente protegidos e com lacunas ao nível da manutenção regular.



Figura 9 Esquema do Centro Histórico de Faro, 2013. Representação do estado de conservação do edificado.

## Estrato social/económico de ocupação do edificado

Com o seguinte registo e consequente análise pretende-se estudar alguns factos sociais e económicos que parecem ser evidentes no Centro Histórico de Vila Adentro. Para a presente análise foi considerada a tipologia do edificado com a correspondência do estrato social/económico dos utilizadores. Para melhor compreensão, e com o intuito de completar e especificar o registo, foi definido para edifícios de base habitacional três níveis (alto, médio, baixo) que visam analisar e catalogar as dimensões do edificado de acordo com o enriquecimento de fachadas e o poder económico do proprietário para realizar a manutenção do imóvel.

Os edifícios definidos com *nível alto* são propriedade da Câmara Municipal e encontram-se em perfeito estado de conservação. São edifícios de grande valor arquitetónico, todos de piso duplo e com grande enriquecimento de cantarias. O *nível médio*, com maior percentagem de existência, são no geral edifícios de dois pisos com áreas / dimensões de acordo com a tipologia apresentam e com apontamentos de cantaria nas molduras de portas e janelas. O *nível baixo* concentra-se em duas zonas dentro de muralha: a mais evidente, no quadrante sudoeste junto à Porta do Mar, possui habitações de construção pobre e sem qualquer tipo de decoração, em mau estado de conservação, com áreas reduzidas devido a impossibilidade financeira dos proprietários de reabilitarem ou levarem a cabo obras de manutenção periódica. Ainda no quadrante nordeste existem várias habitações, na sua maioria do lado exterior da muralha, que se caracterizam por graves debilidades de conservação, com áreas reduzidas, com poucos vãos e fachadas com ornamentos de massa em volta de portas e janelas bastante



Figura 10 Esquema do Centro Histórico de Faro, 2013. Representação do estrato social e económico de ocupação do edificado. Habitação (alto / médio / baixo); Religioso; Industrial.

danificados. Os seus proprietários não podem suportar qualquer tipo de investimento de manutenção no imóvel.

Os edifícios classificados como *industriais*, exclusivamente situados junto à entrada Sul, apresentam uma construção simples, com grandes panos de parede sem vãos e sem qualquer tipo de decoração, construídos com materiais pré-fabricados que possuem poucas qualidades térmicas e acústicas. Esta classe do edificado apresenta um sério problema dentro do Centro Histórico estando quase sempre catalogadas nas categorias de mau estado de conservação.

Ao contrário dos edifícios industriais, os *religiosos* distinguem-se pela riqueza arquitetónica, pelo bom estado geral de conservação, pela capacidade de autossustentação da manutenção do edificado e pela sua contribuição como foco turístico para o desenvolvimento da zona dentro de muralha.

### **Espaço público - circulação viária / zonas de estacionamento / condições para pedestres**

Neste registo de informação e análise sobre a circulação (pedonal e viária) e o estacionamento dentro de muralha pretende-se reunir informação a respeito das condições que dispõe o espaço público a fim de se perceber se existem debilidades para qualquer tipo de utilização dentro do perímetro amuralhado.

No que diz respeito aos sentidos da circulação de automóvel é importante referir que a estrutura urbana está delimitada por apenas quatro ruas que contactam com o exterior das muralhas. Estas localizam-se na correspondência dos pontos cardiais principais, Norte, Sul, Este, Oeste. A Porta Norte, a Porta Este e Oeste apenas têm um sentido de circulação sendo que a Norte e Este

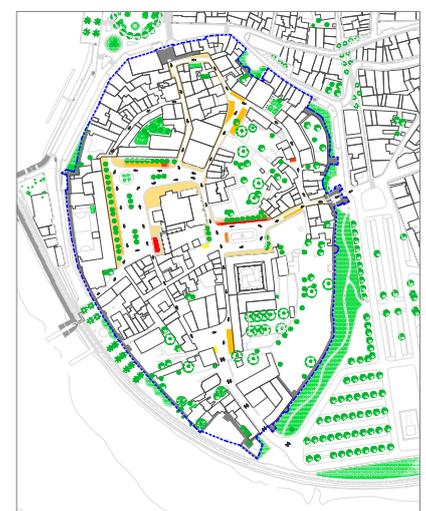
servem de entrada e a Oeste de saída de Vila Adentro, com exceção da Rua da Porta Sul que é a única a ter dois sentidos de circulação, sendo a Rua do Castelo que dá acesso a esta Porta, mais larga e com capacidade para entrarem veículos sem limite de altura. As restantes três Portas têm um limite do vão que impossibilita determinada altura dos veículos.

Em geral o sentido da circulação de automóvel dentro de Vila Adentro é confuso e estreito sendo que nenhuma das Portas e vias dentro do Centro Histórico possibilita um sentido de circulação uniforme e de acesso a todas as zonas dentro das muralhas. De referir ainda que não existe qualquer estrutura para ciclovias.

Quanto ao estacionamento de veículos, este existe com maior incidência nos dois espaços públicos de maior área e na zona central do Centro Histórico, sendo estes o Largo da Sé e a Praça D. Afonso III. O Largo da Sé possui dois lugares de estacionamento para mobilidade condicionada, dez para bicicletas, seis para público geral e uma grande percentagem de estacionamento privado que servem os serviços existentes neste largo. A Praça D. Afonso III, à semelhança do anterior, tem um estacionamento para mobilidade condicionada, vários lugares para uso público e estacionamento para motociclos. Ainda no largo adjacente à Praça D. Afonso III, devido a existência de estabelecimentos comerciais, este encontra-se dotado de estacionamento para veículos que executam cargas e descargas. O estacionamento privado estende-se para além destes dois grandes espaços, sendo este o que comporta mais lugares dentro do amuralhado. Os lugares de estacionamento estão perto dos serviços municipais e são de uso exclusivo para veículos da Câmara Municipal. Assim, confirma-se a título conclusivo que o Centro Histórico não dispõe de lugares nem paragens para

transportes públicos. Existe apenas um comboio turístico que na época de maior fluxo turístico tem como paragem intermédia no seu percurso o Largo da Sé. Apesar de o estacionamento de veículos ser bastante reduzido dentro das muralhas, este suporta claramente as necessidades dos visitantes, visto existe um parque de estacionamento adjacente ao lado sudeste da muralha (Largo de São Francisco) com capacidade para 786 viaturas. Apoiado por área de estacionamento público exterior à muralha, o Centro Histórico poderia estar livre de estacionamento público ou privado, tendo apenas lugares para uso “especial”, nomeadamente para utilizadores com mobilidade condicionada, bicicletas e para cargas e descargas, podendo-se reduzir o tráfego e por consequência os níveis de poluição aportando melhor comodidade à pedonal.

A condição das circulações pedonais dentro das muralhas encontra-se um pouco debilitada. O pavimento exclusivamente em pedra calcária, com calçada portuguesa (pedra miúda), marcada na Figura 11 é utilizado como vias para peões e a restante superfície de vias executada com paralelos (blocos de retangulares de pedra grossa). As zonas exclusivas de passagem para peões são escassas e não suportam um percurso contínuo na sua totalidade, apenas existindo no Largo da Sé e na Praça D. Afonso III zonas de passagem ou de encontro com boas condições de dimensionamento e de conservação. Todas as restantes áreas marcadas são extremamente reduzidas, em mau estado de conservação com pavimentos irregulares ou danificados. Nas superfícies revestidas com paralelos nota-se a forte presença do dano que tem causado o tráfego viário abatendo os pavimentos.



- ESTACIONAMENTO PÚBLICO
- ESTACIONAMENTO MOB. CONDICIONADA
- ESTACIONAMENTO MOTOCICLOS
- ESTACIONAMENTO PRIVADO
- ESTACIONAMENTO CARGAS/DESGARGAS
- VIAS PARA PEDESTRES (PASSEIOS)
- VIAS PARA BICICLETAS
- SENTIDO DA CIRCULAÇÃO AUTOMÓVEL

Figura 11 Esquema do Centro Histórico de Faro, 2013. Representação de circulações viárias (ciclovias / vias para pedestres / circulação automóvel); parqueamento.

Em suma, a grande ausência da marcação de passagem para peões e a má condição dos pavimentos são graves problemas para os utilizadores pedonais. O facto do tráfego viário não ser condicionado prejudica as condições de conforto do visitante.

## 1.2. REGENERAÇÃO URBANA

No âmbito da regeneração urbana pretende-se perceber quais são as intenções e políticas de intervenção da Câmara Municipal de Faro (CMF) para o Centro Histórico de Vila Adentro.

De acordo com informação recolhida na Câmara Municipal de Faro, encontra-se atualmente a funcionar o Gabinete de Apoio à Reabilitação (GAR), que tem como principal objetivo apoiar o processo de reabilitação em todas as diferentes dimensões, dispondo de toda a informação e serviços aos interessados nesta matéria. A estratégia do GAR centra-se nos seguintes parâmetros:

- Promover e divulgar o plano de estratégia de reabilitação urbana, necessária à conversão da área crítica de recuperação e reconversão urbanística da Vila Adentro do Centro Histórico de Faro em área de reabilitação urbana simples;
- Contactar os proprietários de edifícios degradados com o objetivo de propor alternativas de uso que estejam de acordo com o interesse do proprietário e da defesa do património;
- Estabelecer uma ligação com organismos da Administração Central com competências nas áreas de Reabilitação do Património;
- Organizar campanhas para a sensibilização da população e apoiar intervenções de carácter social que participem no desenvolvimento das intervenções da zona a proteger;
- Acompanhar a elaboração e desenvolvimento de estudos, planos e projetos estratégicos desenvolvidos pelo Município, Administração Central ou de privados;
- Elaborar estudos de diagnóstico (sociológicos, económicos, paisagísticos, culturais e históricos) de modo

a ter uma perceção da multidimensionalidade do fenómeno da degeneração urbana;

- Divulgar programas e incentivos para a Reabilitação Urbana, prestando e disponibilizando informação sobre os direitos e deveres dos proprietários, sobre eventuais comparticipações financeiras públicas ou bonificações de crédito que estes podem aceder bem como incentivos fiscais e municipais em vigor;

- Criar uma bolsa de entidades nas mais variadas áreas (investidores, promotores, arquitetos, engenheiros, construtores, advogados, etc.) com atividades relacionadas com a reabilitação urbana, que forneçam condições de serviços nas operações de reabilitação dos imóveis.

Das diferentes áreas de ação de reabilitação urbana definidas pela Câmara Municipal de Faro destaca-se a zona de estudo desta dissertação, Vila Adentro, tendo sido alvo de insistência na promoção de diversas ações que facilitem e estimulem as operações de reabilitação urbana, de modo a salvaguardar, qualificar e dinamizar a zona antiga da cidade. Perante a persistência e o reconhecimento da falta de intervenção no núcleo histórico, o Município de Faro apoiado no novo Regime Jurídico da Reabilitação Urbana procedeu à reconversão urbanística da Vila Adentro do Centro Histórico de Faro em Área de Reabilitação Simples (Decreto-Lei nº 307/2009). A 15 de Dezembro de 2011 foi aprovada em Assembleia Municipal a área de Reabilitação Urbana da Vila Adentro que viria a ser publicada no Diário da República, 2ª Série, de 26 de Dezembro de 2011. Desta forma a Câmara Municipal de Faro pretende de acordo com o Regulamento Municipal das Intervenções nos Núcleos Históricos da Faro (núcleos históricos de Vila Adentro ou Intramuros, da Mouraria e do Bairro Ribeirinho) promover as características patrimoniais

da área e reverter a degradação com os seguintes objetivos:

- Consolidar / sedimentar o papel da zona patrimonial e cultural por excelência;
- Fomentar a reabilitação dos edifícios;
- Criar condições para a dinamização económica e social;
- Repovoar a área;
- Preservar a morfologia urbana e a qualidade ambiental;
- Melhorar a qualidade funcional e patrimonial dos espaços públicos;
- Garantir as acessibilidades
- Garantir a melhoria das condições de eficiência energética dos imóveis.

Conforme representado na Figura 12 o limite da Área de Regeneração Urbana prevê uma intervenção não só a nível do território interior à muralha do Centro Histórico, mas também uma intervenção ao nível de melhoramento do espaço público próximo exterior.

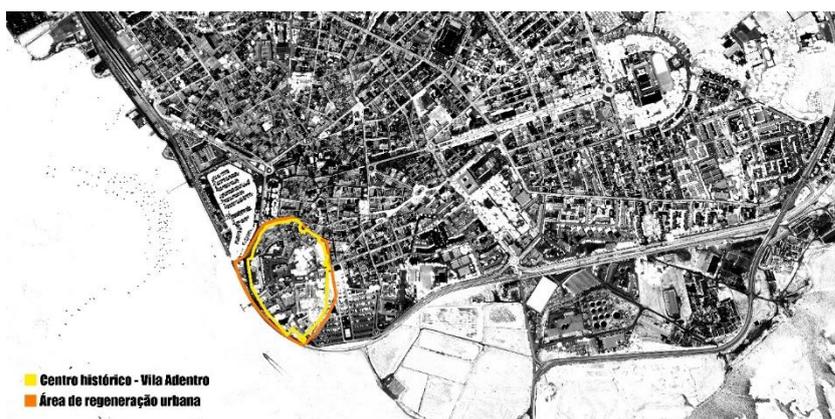


Figura 12 Foto aérea da cidade de Faro, 2013. Delimitação da área de Regeneração Urbana de acordo com o plano de Conversão da área crítica de recuperação e reconversão urbanística em área de reabilitação urbana – Vila Adentro do Centro Histórico de Faro.

No decorrer dos últimos anos foram realizadas algumas obras de reabilitação e melhoramento do espaço público por parte da Câmara Municipal conforme informação recolhida no seu sítio oficial. Neste contexto identificam-se as seguintes obras concluídas:

- Reparação de Pequenas Anomalias no Passeio Ribeirinho entre a Porta Nova e o Revelim. Data Início: 22/01/2010; data Conclusão: 19/03/2010
- Recolocação dos Candeeiros do Largo de São Francisco. Data Início: 16/03/2011; data Conclusão: 27/05/2011.
- Recolocação de candeeiros no Largo da Sé, Reparação / Substituição dos projetores das zonas envolventes. Data Início: 24/06/2010; data Conclusão: 22/11/2010.
- Construção de rampa de acesso ao Museu Municipal de Faro. Data Início: 05/09/2011; data Conclusão: 06/10/2011.

As seguintes obras encontram-se em projeto:

- Ampliação do edifício da VIVMAR.
- Proposta de revitalização da antiga hortada Misericórdia, junto ao Largo Afonso III (projeto aprovado).
- Conservação das Muralhas e Arco da Vila (aprovado).
- Ampliação do Museu, com possibilidade de compatibilização com a criação do Centro de Experimentação e Criação Artística (arquitetura aprovada).

De acordo com o programa de Equipamentos Urbanos de Utilização Coletiva financiado pela Secretaria de Estado da Administração Local e acompanhado pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve (CCDR) identificam-se os seguintes projetos concluídos:

- Restauro de telhados na muralha da cidade do edifício do Seminário de São José no Centro Histórico de Faro.

A cargo de investidores privados destacam-se duas obras de restauração e bares concluídos nos últimos anos:

- Restaurante / Bar “O Castelo” - Data Conclusão: 2012.
- Restaurante “Tertúlia Algarvia” - Data Conclusão: 2013.



Figura 13 Foto aérea da cidade de Faro, 2013. Identificação de intervenções de reabilitação e melhoramento do espaço público no interior e em zonas adjacentes ao limite da área de Regeneração Urbana. Intervenções com financiamento público (C.M.F. / CCDR) e privado.

### **1.3. NÍVEIS DE PROTEÇÃO E INTERVENÇÃO – CENTRO HISTÓRICO DE FARO**

A análise em geral aos Centros Históricos detém determinadas situações específicas que se diferenciam da envolvente em que se insere, com legislação distinta incidindo sobre questões de salvaguarda mais rigorosa. Neste tema prevê-se o estudo dessa legislação com fim a garantir o conhecimento rigoroso das especificidades da mesma, para garantir a realização do trabalho prático em conformidade com a legislação existente.

A 18 de Setembro de 2002 a Câmara Municipal de Faro apresentou o *Regulamento Municipal das Intervenções nos Núcleos Históricos*, conforme mencionado anteriormente. Este Regulamento pretende definir uma estratégia precisa e consensual das políticas de atuação / intervenção local, quanto à ocupação e usos específicos em conformidade com as bases apontadas pelo Plano Diretor Municipal de Faro (PDM). O Regulamento tem ainda como objetivos prioritários recuperar os elementos construtivos impedindo a descaracterização ou adulteração dos mesmos e de detalhes arquitetónicos, inviabilizar demolições ou adições que conduzam à destruição do património e suas características e garantir intervenções que respeitem uma adequada integração com a área urbana envolvente.

No artigo 3.º do *Regulamento Municipal das Intervenções nos Núcleos Históricos* estão definidas a denominação e delimitação da área de aplicação, no qual o Centro Histórico de Faro se constitui pelos núcleos da Vila Adentro ou Intramuros, da Mouraria e do Bairro Ribeirinho.

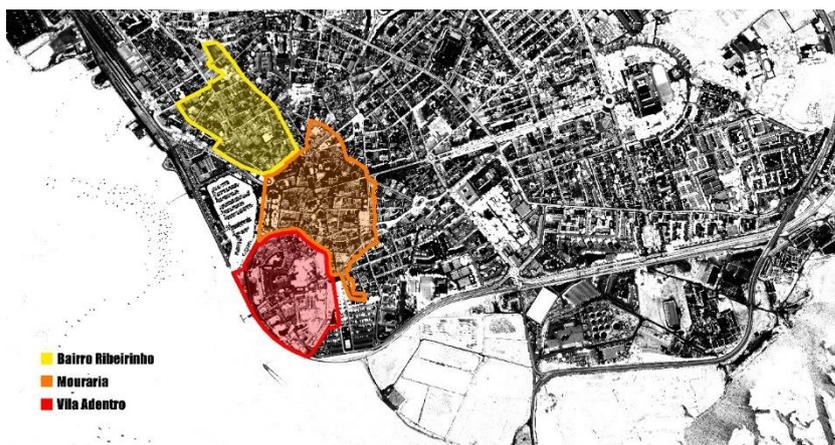


Figura 14 Foto aérea da cidade de Faro, 2013. Denominação e delimitação da área de aplicação do Centro Histórico de Faro, constituído pelos núcleos da Vila Adentro ou Intramuros, da Mouraria e do Bairro Ribeirinho.

Com respeito ao *Regulamento Municipal das Intervenções nos Núcleos Históricos de Faro*, e dentro do Núcleo histórico de Vila Adentro, os seguintes artigos do Regulamento são de relevante importância dentro da presente dissertação na Reabilitação e Reversão da antiga Fábrica de Cerveja:

- TÍTULO II, *Licenciamento ou autorização*; SECÇÃO II Procedimentos especiais, Artigo 14-º Imóveis classificados ou em vias de classificação e respetivas zonas de proteção. Não poderão ser efetuados quaisquer tipos de trabalhos sem prévio parecer favorável do Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR).

- TÍTULO V, *Da arqueologia*. A realização de quaisquer operações urbanísticas está sujeita a fiscalização administrativa pelo Departamento de Reabilitação do Património (DRP) e a sondagens prévias executadas pelo mesmo. Delimitação de zonas denominadas arqueologicamente sensíveis, devido a anteriormente terem sido identificados achados importantes. Toda a área delimitada e denominada Vila Adentro encontra-se abrangida por zona arqueologicamente sensível.

- TÍTULO X, *Dos edifícios a preservar*, SECÇÃO I Categorias; I) «Frente urbana de qualidade» ou «fachadas com valor de conjunto» II) «Edifícios notáveis» ou «com interesse», III) «Edifícios classificados» ou «em vias de classificação».

- SECÇÃO II, *Intervenções por categoria de edifícios*, Artigo 31.º, Frente urbana de qualidade ou fachadas com valor de conjunto; 3 – Não são permitidas alterações em fachadas, salvo nas seguintes condições e mediante parecer favorável do Departamento de Reabilitação do Património (DRP); a) As que se destinem a alterar o tratamento da fachada para que esta venha a readquirir, tanto quanto possível, a imagem original, quando exista adulteração provocada por intervenção relativamente recente, e ou de notória má qualidade; b) As que se traduzam em soluções assumidamente modernas que, pelo seu desenho e sobriedade, valorizem a fachada marcando, em simultânea a época da intervenção; c) As estritamente necessárias à implementação de um novo piso, quando autorizadas nos termos do número seguinte.

4 — Sem prejuízo do disposto no número anterior, serão permitidas obras de alteração e ampliação para melhoria das condições de habitabilidade ou viabilização da reabilitação do edifício. Ainda no artigo 33.º Edifícios classificados ou em vias de classificação; 5 — Excepcionalmente e mediante a apreciação caso a caso, serão permitidas ampliações em profundidade nas condições previstas no artigo 39.º, desde que o acréscimo de área seja fundamental à viabilização da reabilitação do edifício.

Na Figura 15 estão representadas as categorias identificadas no TÍTULO X.

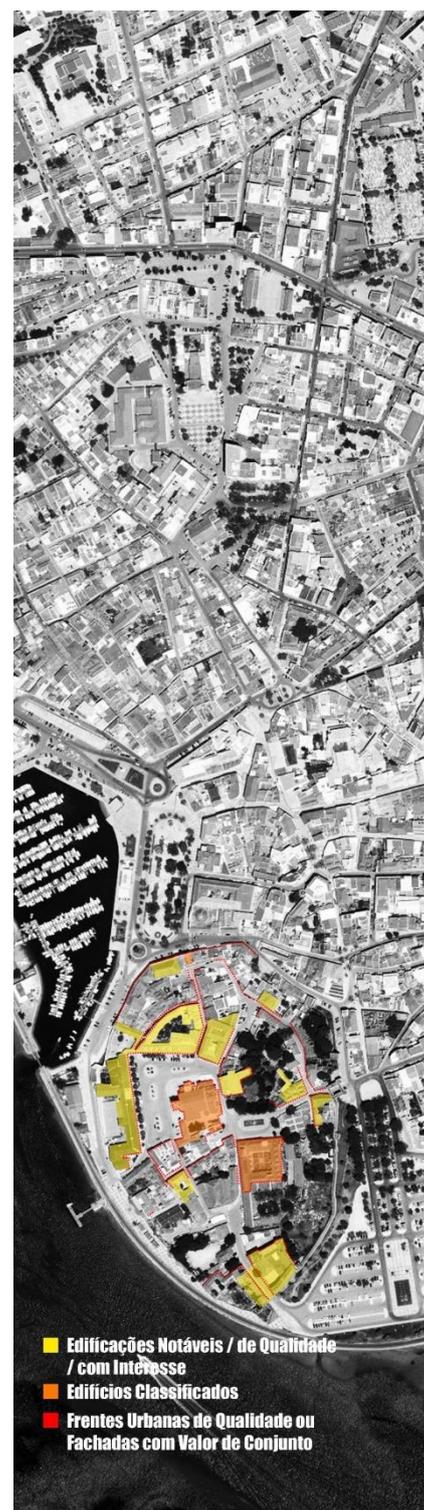


Figura 15 Foto aérea da cidade de Faro, 2013. Identificação esquemática das categorias descritas no Título X do Regulamento Municipal das Intervenções nos Núcleos Históricos de Faro. Categorias: Edifícios Notáveis; Edifícios Classificados; Frentes Urbanas de Qualidade ou Fachadas com Valor de Conjunto.

#### 1.4. A IMPORTÂNCIA DA FÁBRICA NO CENTRO HISTÓRICO DE FARO

Centrando a presente dissertação na reabilitação e reconversão da Antiga Fábrica da Cerveja surgem vários valores históricos e arquitetónicos que tornam este edifício referência no Centro Histórico de Faro. A sua presença na paisagem da cidade, nomeadamente na linha do horizonte da cidade, é extremamente interessante. Marcando um extremo e assumindo um plano próximo, esta atinge uma harmonia com a Igreja da Sé, os dois edifícios mais altos e de maior protagonismo naquela que é a presença da marca histórica na identidade do perfil da cidade. Inserida num aglomerado de várias construções que se amontoam perante o observador longínquo, a sua cor amarela parece-nos cativar e realçar ainda mais a sua imponência volumétrica em relação aos restantes elementos do edificado.



Figura 16 Vista panorâmica da Ria Formosa sobre a Vila Adentro (Faro). 06-09-2013

Localizada no extremo Sul da Vila Adentro, adoçada à muralha, este edifício usufruiu da proximidade da Ria Formosa e da vista periférica sobre a mesma. Devido ao seu posicionamento junto à entrada, o antigo edifício da fábrica marca a identidade da Porta Sul. Num contexto urbano onde o papel da muralha tem bastante protagonismo, delimitando a sua área, as entradas ou portas que quebram este limite contínuo foram sempre alvo de extremo cuidado e de intervenções nobres que

pretendiam marcar a importância e a valorização da passagem do exterior para o interior da Vila Adentro.

Sendo de extrema importância, as portas curiosamente marcam períodos distintos e evidenciam diferentes épocas de intervenção. De acordo com F. LAMEIRA (1999) a porta situada a Nascente denominada “Arco do Repouso” remonta à dinastia *Almohada*. Esta Porta é um exemplo da inovação defensiva árabe, tendo duas torres albarrãs que avançam em relação à muralha. As duas torres estão ligadas por arcos laterais e encarceradas de frente. Atualmente um dos arcos está entaipado por uma Ermida denominada de Ermida de Nossa Senhora do Ó, construída no séc. XVIII (Figura 17). Posteriormente no séc. XIX foi aberto um arco na parede a eixo para facilitar a circulação viária (Figura 18).

Segundo Rui M. Paula e Frederico Paula, na sua obra *Faro, Evolução Urbana e Património* (1993), a Porta Nova localizada a Poente seria construída depois do ano de 1630 devido à proximidade com a Ria, com o objetivo de permitir e facilitar o contacto com as embarcações atracadas no exterior (Figura 19). A porta Norte, denominada “Arco da Vila”, remonta ao séc. XI. Esta Porta sofreu uma intervenção no séc. XIX pela autoria do arquiteto Francesco Saverio Fabri (1761 – 1817) o qual projetou uma nova fachada na qual se inseria a porta (Figura 20).

A intervenção mais recente é referente à Porta Sul que tem como base do seu surgimento um fenómeno económico e social. Esta deve-se em parte ao abandono de espaços militares concentrados na zona Sul, fazendo com que a indústria se apoderasse destes espaços destruindo parte do castelo para construir a Fábrica da Cerveja e um novo acesso que servisse as necessidades da produção industrial. Esta intervenção proporcionou fortes alterações



Figura 17 Ermita de Nossa Senhora do Ó. Porta Nascente da Vila Adentro (Faro), 28-11-2010.



Figura 18 Porta Nascente da Vila Adentro (Faro), Arco do Repouso, 04-12-2010.



Figura 19 Porta Poente da Vila Adentro (Faro), Porta Nova – Vista interior da muralha.



Figura 20 Porta Norte da Vila Adentro (Faro), Arco da Vila, 28-11-2010.

na estrutura urbana, permitindo a abertura da atual Rua do Castelo que provocou a divisão volumétrica original do castelo, a destruição de parte da muralha e a descaracterização do pátio interior do Castelo (Figura 21). O edifício tem como primeira função habitação do governador da cidade mas este viria a passar por um longo processo de adaptação conforme as necessidades e intensões de utilização assim o ditaram. Sofreu várias alterações de reconversão nomeadamente de uso/função e volumetria. Iniciando o seu percurso de utilização como habitação foi quartel e armazém militar, passando por um processo de privatização que dividiu a área em pequenas parcelas que passaram a desempenhar funções fabris, de habitação e permanecendo ainda uma parte como armazém de artilharia.

Em relação ao espaço público adjacente à antiga Fábrica da Cerveja, esta fecha-se ao Largo por meio de um pano de betão amarelo que delimita toda a sua área, impedindo qualquer contacto visual do transeunte com o interior. A fachada norte, que olha sobre o pátio interior, ressalta-se no conjunto visual pelo ritmo dos seus vãos e pelos limites volumétricos. O volume no extremo direito junto à Rua do Castelo detém a cêrcea mais alta de todo o conjunto edificado, sendo a referência para quem chega ao Largo do Castelo (Figura 22/23/24).

A antiga Fábrica da Cerveja detém grande protagonismo na imagem da Vila Adentro marcando a identidade da entrada Sul. Este edifício de grande volume é presenciado com grande distinção no conjunto visual da Vila Adentro, fazendo parte da imagem de várias perspetivas visuais da Ria Formosa. O seu contacto visual com a Ria Formosa é de extremo valor visto que vários edifícios não se elevam acima da cota máxima da muralha, e este possuiu dois pisos acima desta. No percurso interior do edifício a



Figura 21 Porta Sul da Vila Adentro (Faro), 04-12-2010.



Figura 22 Largo do Castelo na Vila Adentro (Faro), Vista da cobertura da antiga torre de menagem, 26-06-2013.



Figura 23 Largo do Castelo na Vila Adentro (Faro), Vista com orientação Norte-Sul. Julho-2009.



Figura 24 Largo do Castelo na Vila Adentro (Faro), Vista com orientação Sul-Norte, 04-12-2010.

muralha é sempre o pano de fundo dos vãos que se abrem para o exterior devido ao campo de visão livre existente esta torna-se referência na utilização interior do edifício.

## **2. A ANTIGA FÁBRICA DA CERVEJA: EDIFÍCIO DE INTERESSE PÚBLICO, PATRIMONIAL A REABILITAR**

### **2.1. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO EDIFÍCIO**

A evolução histórica do edifício que hoje é conhecido como a antiga Fábrica da Cerveja no Centro Histórico de Faro (Vila Adentro) tem a sua génese de implantação com base no sistema da cidade islâmica ocupando a área dentro de muralhas designada por Alcáçova.

A cidade Islâmica organiza-se segundo um sistema com três zonas distintas, sendo duas intramuros e uma extramuros. As duas zonas intramuros denominam-se por Medina e Alcáçova, esta última localizava-se num extremo da cidade com entradas / saídas independentes, limitada na sua totalidade por uma estrutura defensiva mais reforçada que as restantes zonas. Era nesta zona onde se construía a residência do governador da cidade. A Medina era a área de maior dimensão intramuros onde existiam os edifícios mais importantes da cidade e onde se faziam negócios internos (mercados e feiras). As áreas exteriores eram denominadas de arrabaldes onde normalmente a população desenvolvia as atividades ligadas à agricultura e/ou pesca.

De acordo com R. Paula e F. Paula na sua obra *Faro, Evolução Urbana e Património* (1993), o edifício do Castelo militar, onde agora se localiza a antiga Fábrica da Cerveja foi "(...) construído no século IX, durante o governo da família Bakr, no local onde possivelmente já existia uma fortificação romana ou visigótica." (PAULA e PAULA, 1993: pag 218). As primeiras intervenções e alterações na estrutura defensiva são referentes ao ano de 1540 após a

conquista da cidade e 1640 depois da Restauração onde se fizeram melhoramentos para a sua adaptação a novas técnicas militares.

Através da planta da zona Sul da Vila Adentro com implantação do projeto do Hospital Militar (não construído), da autoria do 2º Tenente Domingos Rafael Dinis, executada no final do século XVIII (Figura 25), é possível compreender a implantação do edificado. O edifício tinha uma planta retangular em forma de “L” com dois pisos, onde os vãos eram exclusivamente voltados para o pátio. A fachada Sul estava adocçada à muralha o que dava maior consistência à estrutura defensiva e observa-se a existência de dois volumes, independentes do grande volume, encostados à muralha no topo Norte.

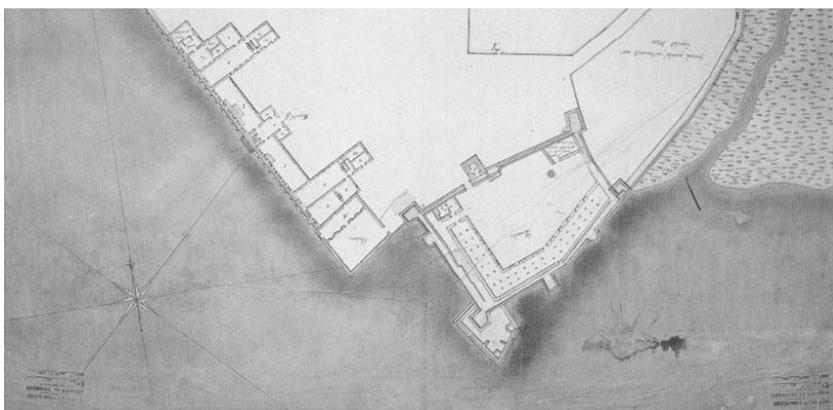


Figura 25 Planta da zona Sul da Vila Adentro com implantação do projeto Hospital Militar (não construído). Executada pelo 2º Tenente Domingos Rafael Dinis.

Na evolução da estrutura defensiva deste Castelo destaca-se no século XVII a construção junto ao baluarte mais a Sul (Baluarte Cavaleiro) do revelim denominado “Baluarte a Mesa dos Mouros”, que estava inserido no projeto da segunda cerca defensiva de Faro, a Cerca Seiscentista. Neste período de alterações foi também destruída e alargada a porta norte do castelo, a única de ligação com a Medina que por sua vez contactava com um eixo viário interior. A volumetria do edificado foi aumentada junto ao

troço da muralha Nascente diminuindo o pátio que ficava apenas solto do edificado no extremo Sul e ladeado por um edifício agora em forma de “U”.

No século XVIII a artilharia ocupa todo o edificado e começa a expandir a sua área para fora da antiga Alcáçova. Nas imediações foram construídas instalações de apoio como oficinas e armazéns que iriam permanecer em função até finais do século XIX.

Nas duas últimas décadas do séc. XIX a indústria instala-se no extremo Sul da Vila Adentro. Inicialmente começa-se o processo de loteamento que divide o espaço da antiga Alcáçova em diversas parcelas. A fragmentação aliada às necessidades viárias que a indústria carecia fez com que se demolisse parte da muralha na década de 30 do séc. XX, criando uma abertura com sensivelmente dez metros de largura que viria a dar origem à atual Rua do Castelo. Esta é resultado da vontade de possibilitar condições viárias à passagem de veículos de maior dimensão e à facilidade de acesso ao espaço interior do recinto amuralhado. Estas intervenções descaracterizaram totalmente o Castelo e o espaço público, interferindo por sua vez na própria estrutura urbana.

No lado Nascente da Rua do Castelo, com a privatização dos terrenos, a indústria da cerveja Portugália ocupa parte do terreno do antigo Castelo e o terreno adjacente a Norte. A volumetria existente é ignorada e dá lugar a um novo edifício de cêrcea superior. A implantação do novo edifício ocupa parte do terreno disponível desrespeitando o limite da antiga Alcáçova, onde um grande volume foi construído no lado exterior Norte da muralha provocando uma leitura contínua do conjunto edificado. Segundo V. Coutinho, (1997) “Não há elementos visíveis da torre de menagem

que, certamente, existiu e poderia situar-se no espaço de uma das mais elevadas construções da fábrica de cerveja.” (COUTINHO, 1997). Ao interpretar a afirmação do autor e com base na planta anteriormente referida de 2º Tenente Domingos Rafael Dinis (Figura 25), constata-se que através desta é possível observar a existência de uma torre com acesso interior que provavelmente levaria ao topo da mesma através de uma escada. As demolições para abertura da Rua do Castelo foram executadas junto à Torre de Menagem que seria por certo a torre mais alta do Castelo. A demolição foi efetuada no séc. XVII pelo limite exterior esquerdo da possível torre de menagem onde já existia uma entrada de menor dimensão.

No final do século XIX, o edifício ainda viria a sofrer mais alterações que se deveram à construção da linha do caminho-de-ferro. Este limite interfere em toda a zona Sul e Poente da cidade por meio de um limite rígido que condiciona a ligação com os espaços confinantes do lado exterior da mesma. Nomeadamente a Vila Adentro perdeu a ligação que tinha com a Ria Formosa, o aterro efetuado com cerca de dois a três metros de altura para a construção da mesma retirou altura à muralha e afastou o mar da proximidade das muralhas.

Em 1991-1992 a empresa Cervisul, Lda. que explorava o edifício abandona a atividade. O edifício é inserido no Plano de Salvaguarda do Património Histórico de Faro e em 1999 a CMF adquire o imóvel com o fim de lhe potencializar uma nova utilidade. Desde aí recebeu várias iniciativas culturais temporárias.

Na Figura 26 estão representados esquematicamente as várias alterações do edifício segundo a barra cronológica de acontecimentos descritas no texto.

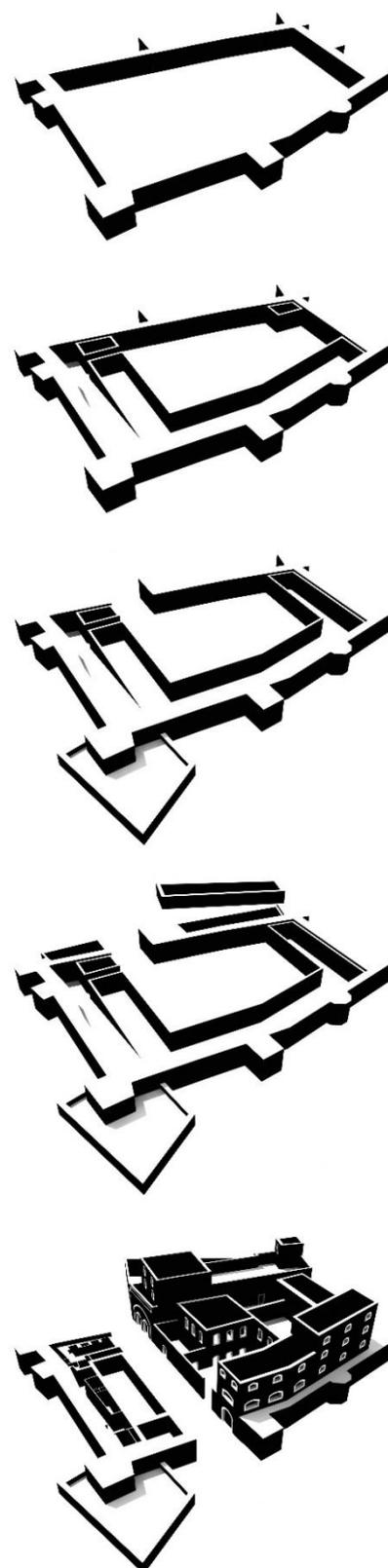


Figura 26 Esquema cronológico da evolução do antigo Castelo. 1- Século IX Período Islâmico; 2- Século XVI a XVII; 3- Finais do século XVII; 4- Século XVIII; 5- século XIX.

## **2.2. VALORES DO EDIFÍCIO**

No âmbito da dissertação teórica / prática, o estudo dos valores arquitetónicos e históricos patrimoniais existentes do edificado orienta o processo do trabalho prático. Através da identificação destes valores do edifício será possível encontrar linhas diretrizes para poder definir as estratégias e objetivos na recuperação e reconversão do edifício industrial para um novo uso, potencializando e evidenciando ditos valores existentes, tanto ao nível de elementos construtivos, da identidade, da volumetria arquitetónica e da espacialidade interior que hoje se encontram descoradas.

### ***Localização / paisagem***

O edifício está localizado no extremo Sul da estrutura urbana da Vila Adentro junto a uma das entradas do recinto amuralhado. Erguido sobre o antigo Castelo incorporando as muralhas, eleva-se sobre a mesma, evidenciando-se a sua presença na paisagem do aglomerado urbano. A sua proximidade com a Ria Formosa faz com que este edifício tenha o privilégio de beneficiar de uma vista panorâmica sobre a reserva natural.

### ***Aspetos Morfológicos***

A construção dos edifícios industriais na Vila Adentro provocou algumas alterações morfológicas na estrutura urbana, tais como a descaracterização do Castelo e dos seus espaços públicos, com valores ocultados e de difícil identificação por falta de referências. A destruição de parte da muralha para a criação de uma nova entrada no edifício

industrial deu origem à Rua do Castelo que finda no Largo do Castelo. Da antiga Alcáçova apenas são identificados alguns troços do limite da mesma no exterior do recinto amuralhado. No interior esses limites são visíveis pontualmente e quase é impossível a sua deteção quando se percorre a Rua do Castelo ou o Largo do Castelo.

### ***Técnicas construtivas***

As sucessivas intervenções no antigo castelo militar mostram-nos diferentes técnicas construtivas no conjunto do edificado. Estas técnicas diferenciam-se pelo modo de execução e posteriormente por cuidados distintos de manutenção. As suas características influenciam também os seus níveis de conforto térmico e acústico do edifício. A seguinte informação foi recolhida e analisada em visitas ao local e com base no levantamento do edifício fornecido pela Câmara Municipal de Faro.

A antiga Fábrica da Cerveja segundo J. Custódio, em “Os edifícios industriais da Fábrica de Cerveja Portugália no Castelo de Faro – Parecer Provisório” (1995), é um dos primeiros exemplares da arquitetura industrial em betão no Algarve.

O sistema construtivo é executado com uma estrutura em pórtico de betão, as paredes são preenchidas com tijolo cerâmico maciço. A estrutura conforme vai aumentando a sua altura vai reduzindo de espessura. As lajes são constituídas por várias peças pré-fabricadas de betão que por sua vez encaixam nas vigas do piso inferior. A conceção dos vãos é diferenciada no volume a Norte. Existem vãos com molduras em pedra em forma de arco abatido nas janelas, e arco de volta perfeita nos vãos do piso inferior. No mesmo volume mas a Poente, onde atinge



Figura 27 Antiga Fábrica da Cerveja, Faro. Teto do piso 0 no volume a Sul. 01-11-2012



Figura 28 Antiga Fábrica da Cerveja, Faro. Pátio Sul. 29-06-2013

maior cércea, os vãos das janelas são de volta perfeitas, mas executados com tijoleira e revestidos com reboco. Nos restantes volumes a técnica de execução é em geral feita com tijoleira onde os vãos de passagem são em arco de volta perfeita ou em arco abatido.

O edifício industrial integra parte da muralha histórica, apenas visível no lado exterior mas, ao que tudo indica pela extrema espessura das paredes e sobrepondo a planta executada pelo 2º Tenente Domingos Rafael Dinis, permanece parte do troço Norte da antiga Alcáçova no interior da junção dos dois volumes. De sistema construtivo diferenciado esta é exemplo da arquitetura militar, executada com técnica de alvenaria de pedra de grandes dimensões com argamassas de terra e cascalho de pequenas dimensões.

### ***Elementos construtivos / omitidos ou desvirtuados***

Por via de sucessivas intervenções no edifício alguns valores históricos do edificado ainda existente estão omissos ou desvirtuados. Pretende-se então assinalar, segundo informação recolhida nos levantamentos referentes ao edifício e ao espaço envolvente, aquelas partes do edificado ainda existentes quando este desempenhava a função de Castelo com objetivo de as ter em consideração na elaboração do trabalho do projeto da presente dissertação.

A antiga Alcáçova detinha três entradas com funções diferenciadas. A porta principal (1) com orientação poente, ladeada por duas torres de vigia, tinha como objetivo a entrada direta do exterior do recinto amuralhado para o interior da Alcáçova. Em frente desta porta existia uma pequena praça que servia de local de paragem para quem

a utilizava. Esta porta encontra-se hoje empedrada mas com limites definidos que testemunham a sua existência. A praça que a sucede está vedada e têm hoje a função de horta (espaço privado).

A porta (2) era a única que fazia a ligação interior com a Medina. A abertura da Rua do Castelo neste sítio, criou uma passagem onde não é perceptível o limite da antiga Alcáçova. A volumetria apesar de quebrada ao nível do piso 1 não tem expressão que consiga dar a leitura deste. Na Figura 30 está representado o local onde existe a quebra na volumetria do plano junto a rua.

A porta (3) denominada Porta do Socorro é um elemento que existia na maioria dos castelos islâmicos, sendo utilizada em caso de ataque devido à sua localização nas traseiras, já que servia para o califa e a sua família saírem da cidade sem serem vistos quando corriam perigo. Atualmente não é visível pré-existências no exterior da muralha da Porta do Socorro mas segundo Nuno Beja e Nuno Teixeira em XELB 10, Actas do 7º Encontro de arqueologia do Algarve (2009), foi realizada uma sondagem parietal no interior da antiga Fábrica da Cerveja onde foi encontrada esta porta que teria sido entaipada devido às obras de reforço das defesas da praça militar.<sup>3</sup>

A Porta do socorro estava localizada do lado esquerdo da torre octogonal representada na Figura 31.



Figura 29 Imagem da porta Poente da antiga Alcáçova da Vila Adentro, Faro. 14-03-2013.



Figura 30 Imagem da Rua do Castelo, antiga Alcáçova da Vila Adentro, Faro. 01-11-2012.



Figura 31 Imagem do troço exterior de muralha a Sul e torre octogonal, Vila Adentro, Faro. 01-11-2012.

---

<sup>3</sup> N. Beja e N. Teixeira em XELB 10, Actas do 7º Encontro de arqueologia do Algarve (2009) (...) Na planta de José Sande Vasconcelos, bem como na de Domingos Rafael Dinis, esta porta já não é visível, pelo que terá sido fechada entre 1621 e finais do século XVIII. “ (N. Beja e N. Teixeira, 2009, pp 62 e 64)

A Figura 32 representa esquematicamente a volumetria do edificado e do troço de muralha próximo, assinalando as três portas descritas acima.

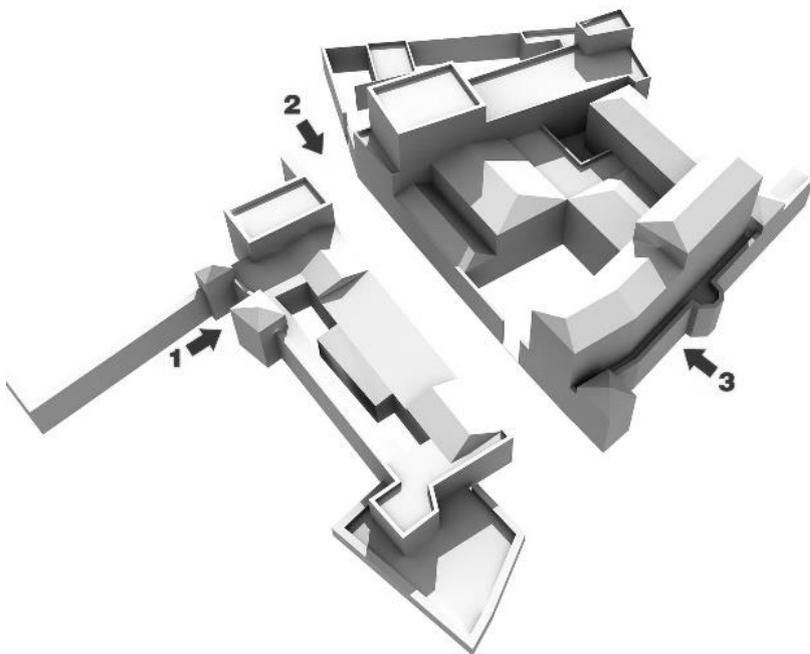


Figura 32 Esquema de volumetria do conjunto edificado junto a entrada Sul da Vila Adentro, 2014 Faro.

A muralha é um dos elementos marcantes de toda a Vila Adentro. Extremamente marcada em quase toda a sua extensão no lado exterior do perímetro amuralhado, apenas não é visível no topo Norte. O limite interior da antiga Alcáçova está integrado no edificado sendo possível percorrer o adarve no topo poente de ligação com a antiga Fábrica da Cerveja. No topo Norte o troço de muralha está contido dentro da construção da Antiga Fábrica da Cerveja. Ainda a Norte, apesar de ter sofrido um corte que deu origem a Rua do Castelo, é possível ter contacto visual com a pré-existência do adarve no edificado enfrente à antiga Fábrica. De acordo com o levantamento fornecido pela C.M.F. esse mesmo troço apresenta a largura original que serve de parede mestra às construções atuais adjacentes. Ainda de referir que as torres de vigia foram encimadas por construções na totalidade das mesmas, à exceção da torre

a Sul, de forma octogonal, e da torre no canto onde se encontra o baluarte “Mesa dos Mouros” que sofreu obras de reparação na década de 70, desvirtuando a sua originalidade, na qual se acrescentaram ameias. Esta recuperação do património deveu-se às políticas de intervenção da época de 70 efetuadas pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN).

Na Figura 33 estão representados esquematicamente diferenciados pela cor a totalidade dos elementos existentes (torres de vigia; adarve; baluarte Mesa dos Mouros) e com diferente representação os elementos omissos ou desvirtuados.

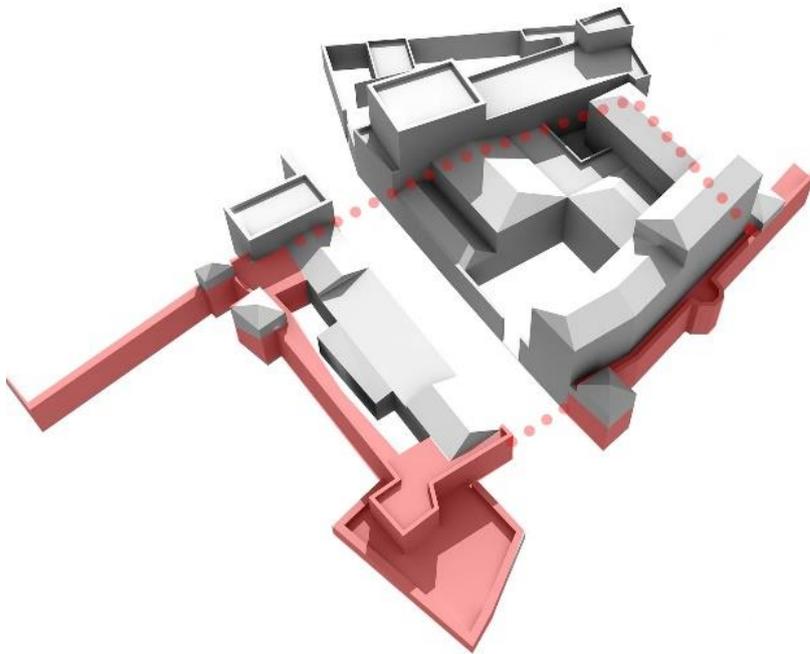


Figura 33 Esquema da estrutura defensiva no extremo Sul da Vila Adentro, 2014 Faro.

### ***Volumes / omitidos ou desvirtuados***

Quanto à volumetria do conjunto edificado da Fábrica de Cerveja é de extremo interesse perceber o facto que a intervenção no edificado existente para a construção de um edifício industrial não destruiu a construção anterior existente, senão que a utilizou como referência para erguer

o novo edifício segundo as linhas de implantação do antigo Castelo. Essa volumetria adoçada à muralha também se destaca por ser o volume de maior altura dentro do recinto da antiga Alcáçova. As coberturas distinguem-se também pela sua forma e método construtivo. Os volumes inseridos no interior da antiga Alcáçova são de cobertura inclinada, com telha de marseilha e estrutura em madeira, sendo que os volumes exteriores ao limite possuem cobertura plana onde é possível aceder às mesmas utilizando esse espaço.

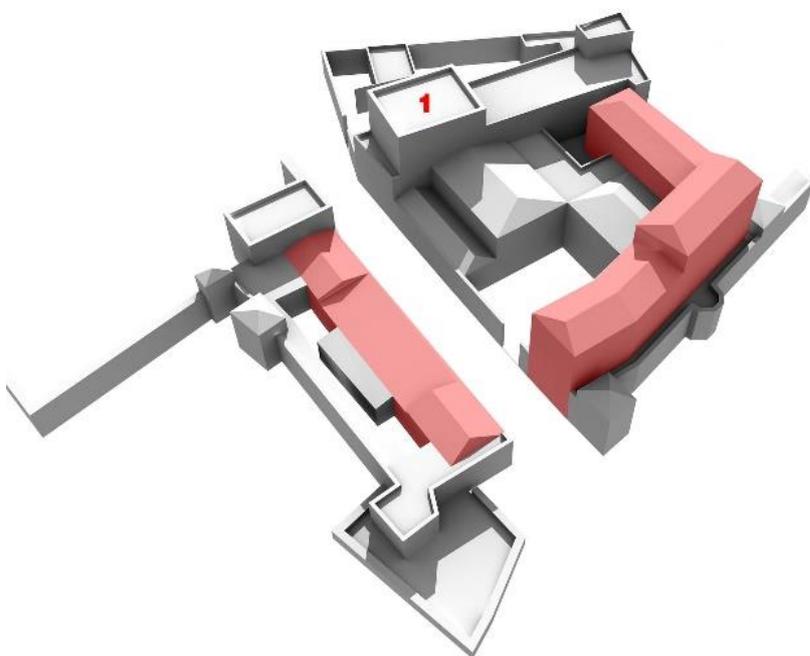


Figura 34 Esquema da volumetria existente nos finais do século XVII. (1) – Antiga Torre de Menagem. Vila Adentro, 2014 Faro.

O volume exterior no topo Norte adoçado à muralha eliminou duas torres anteriormente existentes no sistema defensivo. De acordo com a figura 25 do 2º Tenente Domingos Rafael Dinis pode-se observar uma torre ao canto e outra junto à passagem existente que fazia ligação interior com a Medina. A torre junto à passagem anteriormente referenciada por V. Coutinho no capítulo 2.1 seria a Torre de Menagem que pelas suas robustas paredes e pela sua localização era a única de acesso pela cota 0.00. Curiosamente assinalado na figura 34 (1) foi



Figura 35 Volume Norte da Antiga Fábrica da Cerveja na Vila Adentro, Faro. 01-11-2012.

erguido o volume de maior cércea do conjunto edificado industrial, destacando-se pela sua altura e pelo cuidado e pormenor do desenho do alçado com um ritmo de vãos bem marcado (Figura 35).

### ***Espacialidade***

Das visitas ao interior do edifício ressalta-se as diferentes sensações obtidas da diversidade de espaços que este possui. Os volumes são quase na sua totalidade percebidos como espaços independentes, piso a piso, carentes de planos verticais que dividem os grandes espaços despidos e vazios. Na sua maioria o espaço interior está constituído por grandes áreas e com pé-direito de elevada altura onde a escala humana é reduzida por essa grande espacialidade. O pé-direito vai reduzindo-se nos andares superiores, sendo que o último piso, sob a cobertura inclinada dificilmente chega em espaço livre aos 2,50 metros de altura. Em geral, as salas interiores têm forma alongada em planta o que recorda espaços industriais de produção em série. Descrevendo o espaço geometricamente, as salas são como paralelepípedos onde em alguns espaços se aproximam à volumetria do cubo. A exceção encontra-se no volume implantado sobre a antiga Torre de Menagem. Este não contém qualquer plano horizontal intermédio criando assim um enorme volume vazio com uma espacialidade associada a essa identidade da torre com um pé-direito de 16,37 metros de altura criando uma forte sensação de verticalidade no seu interior. Sente-se a sensação de estar dentro de um grande paralelepípedo “em pé” totalmente oco.

A Figura 36 apresenta o interior da antiga Torre de Menagem, onde é possível identificar vários vãos



Figura 36 Foto do interior da antiga Torre de Menagem localizada no volume Norte da Antiga Fábrica da Cerveja na Vila Adentro, Faro. Fonte: *Antigo Castelo / Fábrica da Cerveja | documento orientador.* (p.17) C.M.F., 2010.

entaipados que impossibilitam a entrada de luz no seu interior.

### ***Identidade***

Quando se fala de identidade esta traduz-se no conjunto de características que distinguem e particularizam algo para uma determinada sociedade.

Kevin Lynch abordou o significado da palavra identidade na obra, *A Imagem da Cidade*. Segundo o autor “ Falamos de identidade, mas não no sentido de igualdade com outra coisa qualquer, antes significando individualidade ou particularidade. Em segundo lugar, a imagem tem de incluir a relação estrutural ou espacial do objeto com o observador e com os outros objetos. Em último lugar, este objeto tem de ter para o observador um significado quer prático quer emocional. Isto significa que existe também uma relação, mas uma relação diferente da espacial ou estrutural.” (K. LYNCH, 2009: pp 15;16).

Descrevendo nomeadamente o edifício da antiga Fábrica da Cerveja, a sua identidade está associada à indústria. Contudo, o edifício inserido em estrutura urbana de carácter islâmico, contém algumas referências arquitetónicas históricas do antigo Castelo militar, neste local onde se encontra a fábrica com uma existência de dez séculos (século IX a século XVIII). A identidade do antigo Castelo, mantém-se oculta no edificado existente industrial que expressa a memória de um passado próximo produtivo. Revalorizar tanto a memória da atividade industrial como o seu passado histórico é necessário para definir a nova identidade da futura reabilitação e reconversão do edificado. Perante um caso incomum em Centros Históricos, onde o antigo Castelo foi demolido para construção de uma fábrica, a necessidade de salvaguardar

o que resta do património histórico insere todo o “novo” edifício no contexto de “património industrial” de acordo com a sua identidade mais próxima temporalmente.

O edifício atualmente está classificado como Imóvel de Interesse Público (Dec. Nº 45/93 de 30 de Novembro de 1993) – incluído na classificação das muralhas.

A existência de uma divergência na classificação do imóvel parece notória mas compreensível a classificação surge devido á existência das muralhas e do conhecimento de troços omitidos pelas paredes da nova construção industrial mas a volumetria do edificado e a sua identidade remete para uma mudança apenas do edifício como património industrial.

### 2.3. INTERVENÇÕES PÓS EDIFÍCIO INDUSTRIAL

Após seis décadas de funcionamento como edifício industrial, a extinção desta atividade termina em 1992. Na altura, a empresa Cervisul, Lda. explorava e era proprietária do edifício. Entre os anos de 1992 e 1999 o edifício esteve totalmente abandonado e sem qualquer função. A CMF com a pretensão de adquirir e salvaguardar o património municipal, após vigorar o regulamento de proteção deste imóvel adquire o edifício em 1999, com a intenção de dar um novo uso e potencializar a Vila Adentro. As iniciativas por parte do Município de Faro têm sido constantes e diversas, onde se verifica a intensão de propor um novo uso para o edifício, segundo questões económicas e sociais atuais.

No ano 2000 a CMF promoveu um Concurso Internacional para a realização de um projeto para a antiga Fábrica da Cerveja. O projeto vencedor tinha como autores o *atelier* Isabel Aires e José Cid – Arquitectos Lda. com a participação do *atelier* Hartmann associados. O concurso da CMF propunha aos participantes a remodelação do Museu Municipal de Faro que está instalado no Convento de N<sup>a</sup> Senhora da Assunção e a sua ampliação por junção do Castelo / Fábrica da Cerveja. Segundo a publicação do *atelier* vencedor, a proposta realizada pelos mesmos era assumidamente de risco sem terem a certeza que iriam cumprir o caderno de encargos, mas conscientemente assumida por ser uma proposta diferenciada das restantes num gesto de liberdade que seguia o que a sua interpretação e conhecimento lhes intuía, levando por sua vez a vencer o concurso. A intervenção projetada procurava evidenciar a história existente do local e do

edifício. Através de continuadas sobreposições tiraram partido da riqueza espacial dos interiores, das texturas das muralhas e antigas paredes e da vista sobre a Ria Formosa. A construção de um volume central de escada seria o eixo de toda a composição e o intérprete dessa intenção.

O projeto é rico em diferentes conceitos de reabilitação onde se programava como proposta a demolição de pequenos volumes e muros de limite da área, a reconstrução e recuperação do troço da muralha anteriormente demolido, a construção de novos volumes, nomeadamente o da escada central e da cafetaria no piso 0, e intervenções estruturais e de conservação da volumetria existente.

A nível urbano o projeto destaca-se pela reconstrução de todo o troço de muralha que circundava a antiga Alcáçova islâmica, fechando as atuais passagens resultantes da abertura da Rua do Castelo e criando um acesso vertical na zona onde se confirma em levantamentos já referidos anteriormente a antiga Torre de Menagem. Com esta estratégia de intervenção toda a estrutura urbana é alterada deixando de ter os seus eixos principais Norte / Sul (cardus) e Este / Oeste (decumanus) extremamente marcados e contínuos que penetram a muralha. O pátio interior da Alcáçova é novamente encerrado por uma estrutura defensiva mas não consegue ter a área original por se encontrar ocupado por novas construções.

Quanto à organização do programa proposto, este organiza-se da seguinte forma: no piso 0 a entrada principal é feita pela fachada Norte ao centro que usufruiu de uma ampla praça pedonal. A praça surge da junção do existente Largo do Castelo e do pátio interior a Norte que

estava no passado encerrado por um muro que limitava o perímetro da antiga Fábrica da Cerveja. Além da entrada principal encontram-se mais duas zonas que utilizam a praça como espaço transitório de ligação, é o caso da cafetaria que foi projetada num volume independente com orientação a poente e a sala de exposições especiais que ocupa o espaço da antiga fábrica de gelo utilizando a totalidade espacial do volume, hoje vazado com uma altura de 16 metros. O restante piso é ocupado por uma zona de exposição que se divide em 3 grandes salas e por uma zona de serviços que incorpora um espaço de carga e descarga, áreas técnicas, arrecadações e espaço de preparação de exposições.



Figura 37 Planta do piso térreo. Projeto vencedor do concurso Internacional para a realização de um projeto para a antiga Fábrica da Cerveja. Autores: *atelier* Isabel Aires e José Cid – Arquitectos Lda. com a participação do *atelier* Hartmann associados. Fonte: <http://www.iajc.pt/museu-de-faro/>. Retirado a 03 Maio, 2014.

A planta seguinte segundo os autores, é um piso intermédio onde foi aproveitado o grande pé direito existente para a criação de duas zonas distintas destinadas a instalações de serviço do pessoal, nomeadamente para a cafetaria e para o museu.

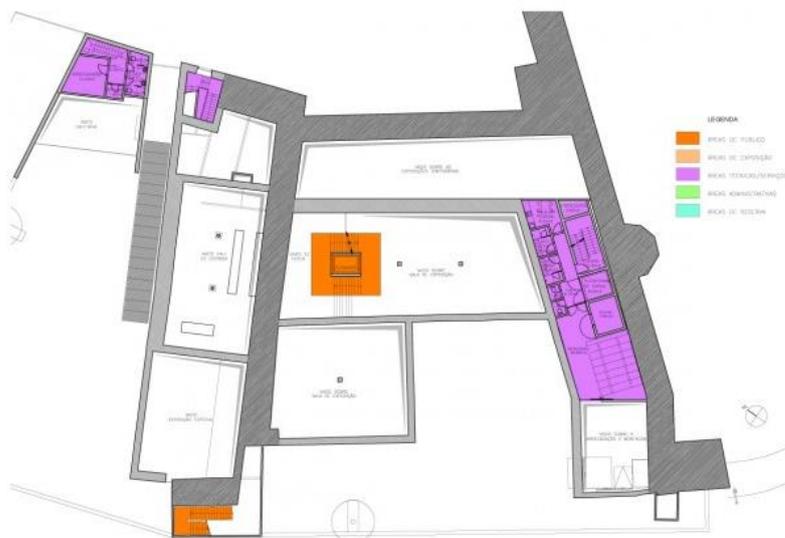


Figura 38 Planta do piso intermédio. Projeto vencedor do concurso Internacional para a realização de um projeto para a antiga Fábrica da Cerveja. Autores: *atelier* Isabel Aires e José Cid – Arquitectos Lda. com a participação do *atelier* Hartmann associados. Fonte: <http://www.iajc.pt/museu-de-faro/>. Retirado a 03 Maio, 2014.

No piso 1 existem quatro salas de exposição que ocupam os espaços da antiga Fábrica da Cerveja servidos por uma zona técnica de apoio. Ainda de referir o aproveitamento das torres de vigia encimadas, anexadas à zona expositiva, criando pontos de paragem no percurso do adarve. No corpo Norte estão situados os serviços educativos e sala polivalente. A sala polivalente pode servir um auditório com capacidade para 90 pessoas através de uma bancada retráctil que é projetada para dar capacidade à dupla função da sala, podendo esta ser também um espaço amplo e vazio capaz de suportar outras funções. Este volume está capacitado de um núcleo de instalações sanitárias.

A escada existente no canto a Noroeste foi recuperada e serve os restantes pisos em acesso contínuo até à cobertura.



Figura 39 Planta do piso 1. Projeto vencedor do concurso Internacional para a realização de um projeto para a antiga Fábrica da Cerveja. Autores: *atelier* Isabel Aires e José Cid – Arquitectos Lda. com a participação do *atelier* Hartmann associados. Fonte: <http://www.iajc.pt/museu-de-faro/>. Retirado a 03 Maio, 2014.

No piso 2 o espaço da antiga Fábrica da Cerveja compreende duas salas de exposição e uma zona anexa no final do volume destinado à sala de reservas, esta última com ligação ao monta-cargas e a uma escada de serviço. O volume Norte é ocupado pelos serviços administrativos do núcleo e está servido de um conjunto de instalações sanitárias idênticas ao piso inferior.

O acesso ao público para as salas de exposição e serviços administrativos é feito pelo volume central da escada que faz ligação com os volumes existentes através de pontes cobertas. O volume é coberto na totalidade por uma estrutura em vidro protegida por uma grelha em madeira com dupla função permitindo a visualização da paisagem envolvente e ao mesmo tempo protegendo e sombreando o espaço interior. Este volume segundo os autores é uma peça de destaque no projeto com objetivo a potencializar a vista sobre a Ria Formosa e ao mesmo tempo criar a sensação de elevação sobre a volumetria do edificado.



Figura 40 Planta do piso 2. Projeto vencedor do concurso Internacional para a realização de um projeto para a antiga Fábrica da Cerveja. Autores: *atelier* Isabel Aires e José Cid – Arquitectos Lda. com a participação do *atelier* Hartmann associados. Fonte: <http://www.iajc.pt/museu-de-faro/>. Retirado a 03 Maio, 2014.

No piso 3 no topo do volume Norte está situada uma esplanada com um pequeno bar de apoio servido de instalação sanitária. O acesso é feito pelo corpo central de escadas novamente por meio de uma ponte. Ainda neste volume, existe uma zona técnica com equipamento de produção de água quente e fria referente ao sistema de climatização e uma central técnica de AVAC para climatização e renovação de ar das salas de exposição. Adjacente ao volume de maior cêrcea (antiga Torre de Menagem) foi projetado uma escada para acesso à cobertura deste mesmo volume, que funciona como miradouro mais uma vez potencializando a vista panorâmica que esta detém.

O volume da antiga Fábrica, a Sul, foi destinado exclusivamente para área técnica e serviços.

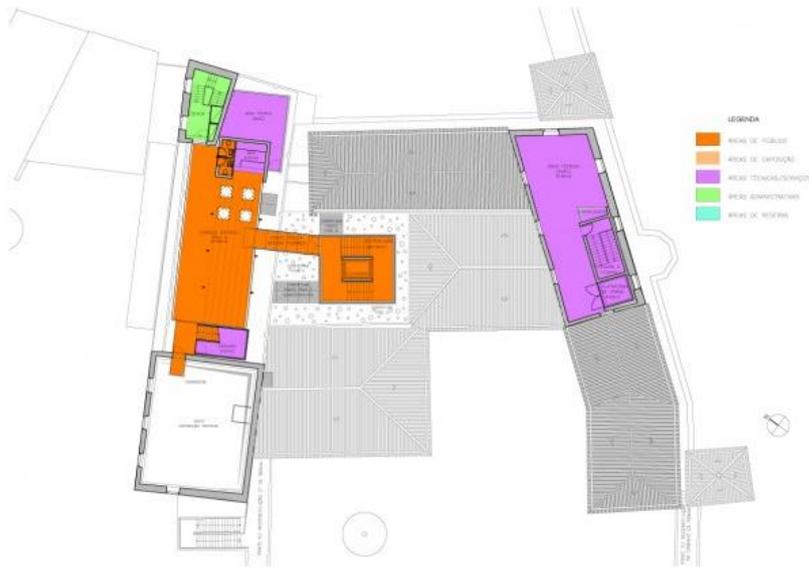


Figura 41 Planta do piso 3. Projeto vencedor do concurso Internacional para a realização de um projeto para a antiga Fábrica da Cerveja. Autores: *atelier* Isabel Aires e José Cid – Arquitectos Lda. com a participação do *atelier* Hartmann associados. Fonte: <http://www.iajc.pt/museu-de-faro/>. Retirado a 03 Maio, 2014.

No piso 5 o acesso à cobertura do volume da antiga Torre de Menagem culmina com uma vista panorâmica sobre a cidade de Faro e Ria Formosa.

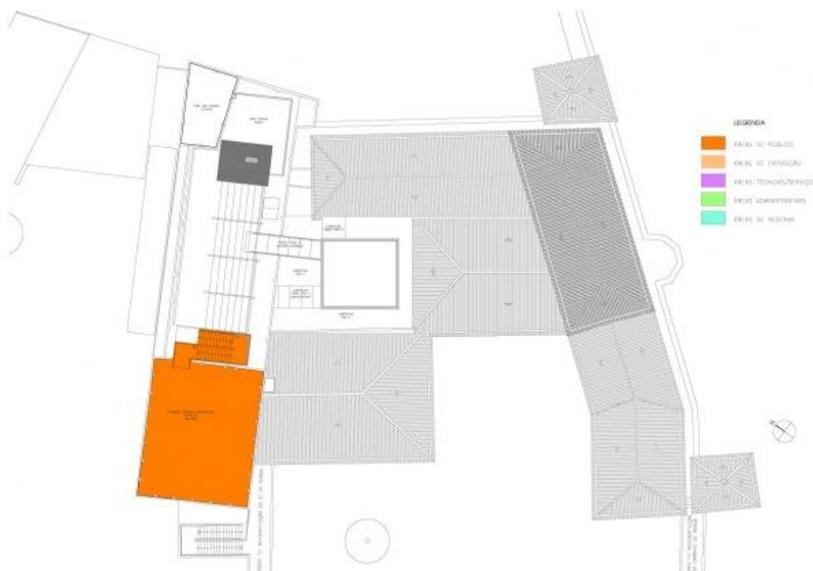


Figura 42 Planta de cobertura. Projeto vencedor do concurso Internacional para a realização de um projeto para a antiga Fábrica da Cerveja. Autores: *atelier* Isabel Aires e José Cid – Arquitectos Lda. com a participação do *atelier* Hartmann associados. Fonte: <http://www.iajc.pt/museu-de-faro/>. Retirado a 03 Maio, 2014.

Em 2001 o projeto seria suspenso devido à mudança de presidência da autarquia após já ter sido realizado um Estudo Prévio. O presidente da Câmara na altura, José Vitorino, que governou até 2005, não ignorou a importância da reconversão do edifício mas detinha uma ideia diferente para o mesmo. A proposta visava transformar a antiga Fábrica da Cerveja num espaço cultural polivalente juntando diferentes associações do concelho ligadas à cultura.

No ano de 2007 a CMF, com nova presidência, volta a tentar avançar com o projeto, até então arquivado, e apresenta novamente a proposta de reconversão da antiga Fábrica da Cerveja para Museu de Arte Contemporânea. O projeto seria considerado pela autarquia investimento prioritário no Programa Operacional da Cultura do Governo, podendo ter boas possibilidades de garantir participação da União Europeia.

No mesmo ano surgia o programa *Allgarve* promovido pelo Ministério da Economia e apoiado pelo Turismo de Portugal e pela Fundação de Serralves. O programa tinha como objetivo a valorização turística algarvia e disponha de uma verba de 3 milhões de euros para a dinamização e promoção de atividades culturais com duração de 3 anos. O programa estendeu-se no Algarve pela Fábrica da Cerveja na Vila-Adentro de Faro, no Convento de Santo António em Loulé e no Centro Cultural de Lagos.

Em Faro, na antiga Fábrica da Cerveja, devido a certas condições precárias que o edifício oferecia, foi executada uma instalação temporária com fim a dar resposta às necessidades do edifício contemplando o conceito da exposição. A instalação teve a autoria do *atelier* Ainda

Arquitectura, de Paula Santos Guiomar Rosa e Luís Tavares Pereira com participação de Paula Santos.

A instalação segundo os autores P. Santos, L. Perreira e P. Santos (2008, Maio). Exposição: “*Toll Free*”: *Arquitetos Europeus em Trânsito*, pressupõe a adaptação seletiva e pragmática dos espaços em boas condições de conservação, à criação de um espaço de receção e a reorganização da circulação interna.

A exposição intitulada *Livre Circulação / Toll Free: Arquitetos Europeus em Trânsito* foi inaugurada a 14 de Julho de 2007. As exposições de arte contemporânea, fotografia e arquitetura interrelacionavam-se com o ambiente arquitetónico. A arquitetura e a arte ligavam-se na conjugação para a reflexão sobre a imagem de Portugal em transformação, sendo que a exposição de arquitetura centrava-se na mostra de projetos executados por arquitetos portugueses fora do país e de projetos realizados por arquitetos estrangeiros dentro de Portugal.

Em 2008 pelo segundo ano consecutivo a antiga Fábrica da Cerveja voltava a receber dentro do mesmo programa *Allgarve* a exposição *Articulações*. Neste ano o programa

Exposição: “*Toll Free*”: *Arquitetos Europeus em Trânsito*. Antiga Fábrica da Cerveja, (Faro). 2007

Figura 43 – Fotografia do interior./  
Piso 0.

Figura 44 – Fotografia do interior /  
Piso 1.

Figura – 45 Fotografia do exterior /  
Volume Norte



alargou-se a outras artes, inserindo teatro, cinema e música na sua programação. Aproveitando os pátios interiores do edifício e o clima da região, os vários espetáculos de teatro e música foram realizados durante a noite no exterior nos espaços dos pátios. No ano seguinte, em 2009, o programa não teve continuidade e o edifício, que tinha uma ocupação sazonal, ficaria até aos dias de hoje novamente sem utilização.

Com nova alteração no poder do Município de Faro o presidente Macário Correia que assumiu a presidência em 2009 especulou à imprensa local que tinha em andamento uma nova intensão funcional para o edifício. Em 2012, Macário Correia viria a pôr em hasta pública, dividida em dois editais, alguns terrenos e edifícios urbanos da propriedade do Município. No edital 200/2012 a Antiga Fábrica da Cerveja, que integrava a lista de edifícios, foi posta à venda com o valor mínimo de licitação de 2 milhões de euros onde se propunha a reconversão do edifício com um conteúdo programático destinado a empreendimento turístico ou habitacional.

No presente ano de 2014, novamente com nova alteração na presidência do Município (2013), o atual presidente Rogério Bacalhau e António Branco Reitor da Universidade do Algarve (UALG) reuniram-se para abordar diversos temas. Este encontro foi documentado e publicado no jornal *Algarve 123*, edição 812, a 23 Janeiro 2014. Vários assuntos foram discutidos e a antiga Fábrica da Cerveja foi alvo de uma ambiciosa proposta para o estudo da possibilidade de uma parceria para potenciar o edifício "(...)" através da instalação de indústrias criativas, espaços de formação para a oferta formativa da UAlg no domínio das Artes, ou, ainda, a criação de uma residência artística /

hostel.”<sup>4</sup> Rogério Bacalhau referiu também a importância de assumir Faro como uma Cidade Universitária, podendo tirar partido da potencialidade dos jovens que poderão ter um papel social ativo. Outro assunto mencionado foi o problema da reduzida percentagem de residentes no centro histórico de Faro e a elevada taxa de população não ativa.

---

4 (...) Outras colaborações foram ainda abordadas entre a UAlg a CMF, como uma possível parceria para potenciar a Fábrica da Cerveja, através da instalação de indústrias criativas, espaços de formação para a oferta formativa da UAlg no domínio das Artes, ou, ainda, a criação de uma residência artística / hostel.

Já que é cada vez mais importante que Faro se assuma como uma cidade universitária, o município pretende criar condições especiais para disponibilizar habitações na Baixa de Faro, visando não só a reabilitação urbana, mas também a vivência de uma população mais jovem, tornando a zona mais atractiva.

E porque a Universidade também deve ter um papel social activo, vai ser implementada uma “Bolsa de Voluntários” que crie condições para, a troco de companhia e de uma renda simbólica, permitirá aos estudantes que frequentam UAlg ficarem alojados em casas de famílias de idosos da cidade, numa iniciativa que visa, essencialmente, combater a solidão dos mais velhos, mas que também poderá apoiar os estudantes com dificuldades.

Para afirmar Faro como uma grande cidade universitária é muito importante saber receber e inserir os novos alunos, quer nacionais, quer internacionais. Nesta perspectiva o município e a universidade querem “engalanar” a cidade com um conjunto de iniciativas de boas-vindas aos milhares de alunos que todos os anos aumentam a população farenses. Para além de disponibilizar mais informações e criar facilidades de acesso a equipamentos desportivos, culturais e recreativos para toda a comunidade académica. Jornal Algarve 123, edição 812, a 23 de Janeiro, 2014. Retirado a 25 de Janeiro, 2014. Fonte: [http://www.algarve123.com/pt/Artigos/1-2590/Faro\\_e\\_Universidade\\_do\\_Algarve\\_unem\\_esforços](http://www.algarve123.com/pt/Artigos/1-2590/Faro_e_Universidade_do_Algarve_unem_esforços)

### **3. INTERVENÇÃO EM PATRIMÓNIO INDUSTRIAL**

#### **3.1. CONCEITO E EVOLUÇÃO DE PATRIMÓNIO INDUSTRIAL**

Segundo o dicionário de Língua Portuguesa, património define-se por “bens que herdamos dos nossos pais ou avós; legitima; dote necessário para a ordenação de um eclesiástico; propriedade” (Dicionário de Língua Portuguesa, Porto Editora, 1982).

De acordo com F. Choay, património histórico designa-se por “(...) um fundo destinado ao usufruto de uma comunidade alargada a dimensões planetárias e constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que congregam a sua pertença comum ao passado: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e conhecimentos humanos” (CHOAY, 1982: 11).

A palavra património remete para o legado de valores materiais e imateriais deixados por gerações passadas, que são respeitadas e salvaguardadas para contribuir no conhecimento e desenvolvimento de gerações futuras, de acordo com a utilização, adaptação e evolução desses mesmos valores.

Ainda de acordo com F. Choay, devido à imensa heterogeneidade de património histórico, a autora explica a evolução deste conceito segundo a ideia de património histórico edificado. Em comparação com a existência do conceito de “monumento histórico” criado em França na primeira Comissão dos Monumentos Históricos, em 1837, este era dividido em três categorias sendo estas: vestígios

da antiguidade, edifícios religiosos da Idade Média e castelos. Com a catalogação nestes parâmetros os números de edifícios classificados multiplicaram-se substancialmente originando uma nova categoria que incluiria todas as formas da arte de edificar que não se incluíssem nas anteriores designando-se de arquitetura menor. A inserção desta nova categoria que aconteceu por meados dos finais da Segunda Guerra Mundial seria o mote para a evolução do conceito deixando de estar limitado apenas ao edifício mas também a conjuntos edificados e ao tecido urbano (CHOAY, 1982: 12).

A salvaguarda de todos os bens existentes pode-se estender então aos edifícios industriais. Atravessando um período de enormes evoluções em toda a sua extensão onde a Revolução Industrial foi determinante para a evolução e criação de novas dinâmicas na cidade, também provocou a aparição de um extenso número de edifícios industriais. A atividade industrial apesar de nos remeter à imagem de uma edificação associada à transformação de matéria-prima num produto final expande a sua necessidade e importância à cidade e aos habitantes que desta fazem parte. A indústria terá sido a maior responsável pelo crescimento urbano de muitas cidades que apetrechou a cidade de vias de comunicação e áreas residenciais para os seus operários. Devido a toda a sua importância nas cidades viria a ser alvo de valorização do seu património.

Inicialmente o reconhecimento do valor da indústria como património a preservar adquiriu uma designação diferente. De acordo com A. Serrano na sua dissertação *Reconversão de Espaços Industriais* (2010) este reconhecimento nasce em 1962 na Inglaterra de “um movimento que apelava ao estudo e à preservação dos

vestígios do passado industrial, com a criação de uma nova disciplina científica, a arqueologia industrial” (Serrano, 2010: 58). Esta disciplina centrou-se em várias áreas da investigação, nomeadamente arquitetura, ciência, sociologia e história.

Segundo F. Choay, no ano de 1986 em França foi criado na Comissão Superior dos Monumentos Históricos a secção exclusivamente destinada ao património industrial. (CHOAY, 1982: 29)

Em 2003 o Comitê Internacional para a Conservação do Património Industrial (TICCIH) aprovou a Carta de Nizhny Tagil, que hoje é uma referência internacional na contribuição da proteção e conservação do Património Industrial. Na Carta de Nizhny Tagil pode-se ler uma nova definição de património industrial.

“O património industrial é composto por locais, estruturas, conjuntos, zonas, paisagens, equipamentos, objetos ou documentos que forneçam informação de processos industriais anteriormente utilizados ou em curso de produção, referentes à extração de matérias-primas e a processos de transformação da mesma bem como registo de infraestruturas de energia e transportes relacionados. Património industrial reflete a profunda ligação entre o meio ambiente cultural e natural, como processos industriais, seja este antigo ou moderno. Dependendo de fontes naturais de matérias-primas, energia e redes de transportes para produção e distribuição de produtos para os mercados mais amplos. Este inclui tanto os bens materiais sendo estes imóveis ou móveis como o conhecimento técnico, a organização do trabalho e dos trabalhadores e a herança social e cultural complexo que transforma a vida das comunidades trazendo grandes alterações

organizacionais para diversas sociedades bem como para o mundo em geral”<sup>5</sup>.

Sendo a Carta de Nizhny Tagil (2003) o último documento internacionalmente aprovado fica presente a extensão do património industrial e a sua importância enquanto legado cultural. Património Industrial engloba tudo o que esteja diretamente interligado com esta atividade, sendo estes valores materiais fábricas, oficinas, moinhos, infraestruturas de apoio, armazéns, pontes, estações, caminhos-de-ferro e espaços sociais relacionados com a indústria como bairros de operários, edifícios de educação, saúde e lazer. Como valores imateriais estão incluídos técnicas de extração de matéria-prima e transformação da mesma.

---

<sup>5</sup> The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (July, 2003). The nizhny tagil charter for the industrial heritage. Recuperado em 15 Maio, 2014, de <http://ticcih.org/about/about-ticcih/dublin-principles/>

### 3.2. CONCEITOS DE INTERVENÇÃO

Na reabilitação existem diferentes abordagens ao tema da intervenção do património industrial que suportam diferentes teorias. A primeira abordagem no âmbito da reabilitação do património destaca o debate sobre o restauro e a conservação.

Segundo F. Choay no final do século XVIII debatia-se na Europa o tema do restauro segundo duas ideias distintas. William Morris (1834-1896) e John Ruskin (1819 -1900) defenderam uma ideia anti intervencionista adotada principalmente pela Inglaterra, enquanto Eugène Viollet-Le-Duc (1814 – 1879) defendia a ideia intervencionista que era seguida pela maioria dos países europeus (CHOAY, 1982: 129).

John Ruskin defendia um anti intervencionismo radical, advogava que a execução do trabalho realizado pelos antepassados confere ao edifício um carácter sagrado, onde as marcas do tempo fazem parte da sua essência. Ruskin afirmava que não é permitido qualquer tipo de intervenção nos monumentos, porque estes não nos pertencem e fazem parte de um conjunto de gerações que nos seguirão. Na sua obra *As Sete Lâmpadas da Arquitetura* (1849), no capítulo VI “A Lâmpada da Memória” apresenta uma reflexão de várias conferências, e com um discurso provocante impôs as suas ideias. Nelas, o restauro para o autor é visto como “a destruição mais total que uma construção pode sofrer”, “a coisa é uma mentira” considerando o restauro uma intervenção impossível. Posteriormente, William Morris desenvolve a ideia de Ruskin e começa a pensar na hipótese de um revivalismo da arte antiga (CHOAY, 1982: 130).

Segundo F. Choay tanto para Ruskin como para Morris a restauração de um edifício é como ferir a autenticidade que dá sentido à sua existência, deixando a ideia que o destino de um monumento histórico é a ruína e a desagregação progressiva. A forma como estes dois autores defendem os seus interesses e ideias sobre o restauro é igualada a converter a arquitetura patrimonial em peças de museu intocáveis e com restauros invisíveis. Ruskin afirma que se trata de uma “arquitetura histórica” e Morris de um “revivalismo necessário” (CHOAY, 1982: 131).

Eugène Viollet-Le-Duc foi o grande precursor da corrente intervencionista nos monumentos históricos. Escreveu vários livros dos quais se destaca “*Dictionnaire raisonné de l’architecture française du XIe au XVIe siècle*” (Dicionário da arquitetura francesa do século XI ao século XVI) editado em 1954. Pode-se ler várias afirmações que contrapõem as teorias defendidas por Ruskin e Morris. Viollet-Le-Duc afirma que “restaurar um edifício é restabelecê-lo num estado completo que pode nunca ter existido num dado momento” (CHOAY, 1982: 131).

Sendo um teórico de arquitetura, Viollet-Le-Duc olha para o monumento como algo que deve ter um futuro e não mantê-lo de modo a viver no passado mumificando-o. As suas intervenções de restauro são de acordo com um prolongamento do tempo de vida do edifício potencializando a sua funcionalidade.

No final do século XIX surge uma nova visão em Itália através de Camillo Boito (1835 – 1914). A sua teoria era mais cuidada e informada devido à evolução das disciplinas de arqueologia e história da arte. Boito recorre ao conhecimento sobre as doutrinas defendidas por Ruskin e Morris e a ideologia oposta de Viollet-Le-Duc para redigir

uma síntese retirando destas o que de melhor tinham. Entre os anos de 1879 e 1886, formulou diretrizes para a conservação e o restauro dos monumentos históricos, tendo vindo a ser integradas na lei italiana em 1909. Por todo o conjunto de ideias e contraposições que fez dos conceitos já existentes escreveu a sua própria doutrina. Defendendo as teorias de Ruskin e Morris, Boito era a favor do conceito de conservação dos monumentos sobre a noção de autenticidade, mas contra estes defendia a par de Viollet-Le-Duc que existe a prioridade do presente sobre o passado validando a necessidade do restauro. O restauro deveria ser a última hipótese de intervenção caso não fosse possível outra forma de salvaguarda-lo, dando o exemplo da manutenção, consolidação ou reparações não expostas à vista (CHOAY, 1982: pp 136-137).

Boito desenvolve várias diretrizes para diferentes intervenções arquitetônicas distinguindo três tipos de intervenção segundo data, estilo arquitetônico e técnicas e conhecimentos técnicos da época. Os três tipos de intervenção do património são os seguintes:

- Monumentos da Antiguidade, sugerindo o restauro arqueológico com exatidão científica ou no caso de reconstituição que se considere apenas o volume e a massa, deixando em branco o tratamento de superfícies e ornamentação.
- Monumentos góticos, propondo um restauro pitoresco dando maior importância à estrutura do edifício despreocupando-se da estatuária e decoração.
- Monumentos clássicos e barrocos, atribuindo importância à totalidade do edifício indicando um restauro arquitetônico.

Além de agrupar e organizar os diferentes edifícios a intervir Boito desenvolve a sua teoria segundo um

plano de trabalho (projeto) a seguir, adaptado a qualquer das situações existentes e defendendo a ideia de que o conceito do restauro terá de ser admitido em intervenções onde não exista outra hipótese. Refere que este restauro deveria ser executado de forma diferenciada do existente criando assim uma distinção no elemento genuíno do restaurado, por meio de diferentes cores ou materiais, e que todo o processo devia ser minuciosamente descrito e datado (CHOAY, 1982: pp 137-138).

Após a teoria de intervenção no património arquitetónico de Camilo Boito, a preocupação de como realizar este tipo de intervenções continua a ser estudada e cada vez mais desenvolvida e especificada dentro de diferentes conceitos teóricos. Os congressos internacionais e nacionais cruzaram várias teorias, hipóteses, ideias e necessidades procurando cada vez mais definir e delimitar fronteiras na salvaguarda de “monumentos e património”. Formalizando as suas conclusões e tornando-as lícitas surgem várias denominações e terminologias relacionadas com o tipo de objetivo de intervenção dentro do património edificado. Estes termos existentes no conjunto de conceitos de intervenção são os seguintes:

Conservar – Ação de manutenção que deverá ocorrer antes de uma alteração patológica, tendo como objetivo manter a identidade e sua autenticidade. A conservação exige um cuidado contínuo para precaução de intervenções mais severas sobre um elemento ou objeto. Esta ação leva a uma extensão de “vida” do património mantendo-o na sua condição atual.

Demolir – Associado a ações de destruição de um elemento, objeto ou edifício; é considerado também um processo de remoção e reciclagem. A demolição no âmbito

da intervenção no património edificado está associada à remoção de algo que está a prejudicar o conjunto “edificado” da sua leitura global ou a algo sem valor cultural que impede o seu desenvolvimento.

Reabilitar – Segundo o dicionário de Língua Portuguesa, reabilitar define-se por “restituir direitos ou prerrogativas que se perderam; restituir a estima pública; regenerar”. (Dicionário de Língua Portuguesa, Porto Editora, 1982). A interligação entre um objeto e o ser humano dão sentido a palavra reabilitar, que sem a cumplicidade entre os dois não fará sentido. Reabilitar é dotar de uma nova função a algo que já teve um uso, detendo essa memória e identidade.

Reconstruir – Este tipo de intervenção pode abordar parte de um edifício ou a sua totalidade, através de ações de reposição, recolocação, reorganização ou nova construção para a reprodução fiel de situações pré-existentes. Esta Ação associada a algo que foi destruído ou alterado tem como base de iniciação de processos a utilização de informação do elemento a reconstruir através de levantamentos e inventários de técnicas e materiais, com objetivo de repor a sua autenticidade.

Requalificar – Está associado à intenção de intervir sobre algo que já foi utilizado, que não está adaptado à atualidade, que se encontra abandonado ou simplesmente inadequado à função. Esta terminologia referente a ações que compreendem enquanto processo primário o reconhecimento da análise e a interpretação do significado, identidade e memória anterior, com a intensão de adaptar e melhorar a sua função ou dotá-la de uma nova.

Restaurar – Ação de recuperação de um elemento ou objeto existente que detém a sua identidade e

características. As intervenções de restauro têm como objetivo refazer zonas inexistentes, degradadas ou danificadas, respeitando as características originais seguindo técnicas, materiais e cores. Este tipo de intervenção rejeita qualquer tipo de inovação ou alteração que interfira nos valores originais.

Segundo Josué Eliziário, na dissertação “*The Power of Reahabilitation*” (O Poder da Reabilitação, 2010) desenvolve a ideia que os conceitos de intervenção têm diferentes níveis de importância no desenvolvimento do projeto de arquitetura. De certo modo, proporciona uma nova interpretação do conceito de reabilitar. Para Eliziário os conceitos de intervenção atualmente têm todos a mesma importância independentemente dos seus objetivos. Estes são aplicados segundo a natureza da necessidade da intervenção. Na sua interpretação, reabilitação devia ser tida como disciplina prioritária que engloba todos os outros conceitos de intervenção. Eliziário afirma que a reabilitação tem atualmente um papel estratégico de amplitude multidisciplinar pelo carácter das ações realizadas. A Reabilitação implica estratégias de desenho envolvendo um trabalho complexo de coordenação e organização para se conseguir ter um plano sólido de intervenção. Os outros conceitos de intervenção são apenas ações físicas realizadas no edifício que estão dirigidas a tarefas de conservação, demolição, manutenção, recuperação, restauração, reconstrução sendo que estas intervenções pertencem a uma estratégia global e conceptual de intervenção dentro do projeto que se define por reabilitação. (Eliziário 2010: 59).

Reabilitação é referida por Eliziário como a disciplina principal que organiza e interpreta o tipo de decisões estratégicas num amplo leque de intervenções. Estas

intervenções são ferramentas para realizar ações e tarefas, para alcançar objetivos de conceito de projeto. Refere que a reabilitação é como um moderador, que orienta as várias fases e tarefas de um conjunto de ações. Considera também que reabilitação detém uma abrangência multidisciplinar elevando o seu estatuto e importância face aos outros conceitos. Esta multidisciplinaridade envolve a gestão e sincronização de informação e intervenção. Além de preocupações dos temas construtivos e tecnológicos, reabilitar é dar uma nova vida ao edifício, criando um equilíbrio entre memória coletiva, símbolos, interesses, e necessidades sociais, gerando uma nova vida através de características renovadas, promovendo o potencial do espaço e expandindo o seu ciclo de vida. Gerar uma nova vida implica novas experiências sensoriais no edifício reabilitado (Eliziário 2010:10-59).

### 3.3. CASOS DE ESTUDO

Para desenvolvimento da presente dissertação foram escolhidos os seguintes casos de estudo:

- Tate Modern – Herzog & De Meuron, Londres, Inglaterra (2000).
- Z Gallery - O-OFFICE Architects, Shenzhen, China (2014).
- Factory No. 8 - OK Plan Architects, Humpolec, República Checa, (2010).

Para a seleção da análise dos casos de estudo referidos foram tidos em conta que estes integrassem várias disciplinas inerentes à arquitetura, tais como: património industrial, reabilitação e programas multifuncionais (habitação/espços expositivos/*ateliers*/escritórios).

#### TATE MODERN



Figura 46 Tate Modern, Londres (Inglaterra). 21-07-2011.

Construída em 1940 por Giles Gilbert Scott esta antiga central elétrica está localizada em Londres, na margem do Rio Tamisa no distrito de Bankside. Tendo desempenhado um papel importantíssimo no fornecimento de energia elétrica para a cidade, este edifício funcionou durante três

décadas, até que em 1981 foi desmantelada e permaneceu até 1995 sem qualquer utilização. Por meio de um concurso internacional para a reconversão do edifício em Museu de Arte Contemporânea, o ateliê Herzog & De Meuron foi o selecionado. Em 2000 abriu as suas portas ao público e rapidamente se tornou num dos museus de arte contemporânea mais visitados do mundo.

O projeto de reconversão teve como preocupações principais a sua envolvente e a adaptação de um novo programa funcional (espaços expositivos) ao edifício existente industrial. Quanto a localização, o *Tate Modern*, localizado no bairro de *Bankside*, junto ao Rio Tamisa, convive diretamente com a paisagem da margem oposta onde sobressai deste conjunto a enorme *St. Paul's Cathedral*. A antiga central elétrica também tem um papel fundamental na linha do horizonte urbano que incorpora, a enorme chaminé vertical que esta detém é um elemento marcante na paisagem sendo uma referência visual para quem percorre as margens do rio (Figura 47). A proposta de Herzog & De Meuron não incorpora nenhuma adição volumétrica na sua envolvente o que permite ao edifício estar rodeado de percursos pedonais e espaços verdes típicos da cultura inglesa que usufrui destes espaços sempre que as condições atmosféricas assim o permitem.

O edifício, de estrutura metálica e paredes de tijolo, foi respeitado na sua totalidade onde esses dois materiais estão intensamente presentes. No exterior, o edifício é totalmente forrado com tijolo e no interior as vigas e pilares em ferro de grande porte dão a leitura da sua conceção estrutural (Figura 48,49). O volume do edifício marca uma composição horizontal, mas a sua enorme chaminé contrasta pela enorme verticalidade que esta impõe ao conjunto. Herzog & De Meuron projetaram no último piso,



Figura 47 Margem do Rio Tamisa, Londres (Inglaterra). 29 Abril, 2014.

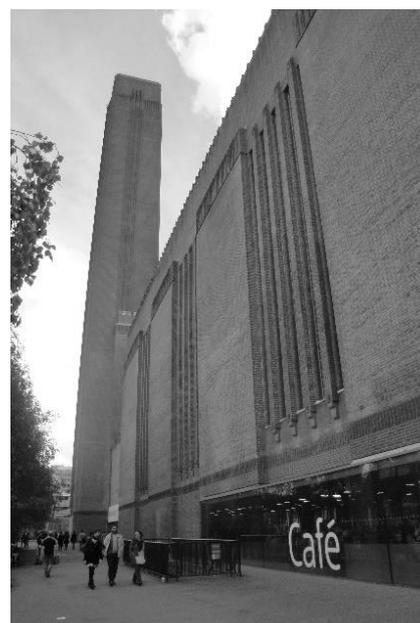


Figura 48 *Tate Modern* (Fachada principal), Londres (Inglaterra). 29 Abril, 2014.

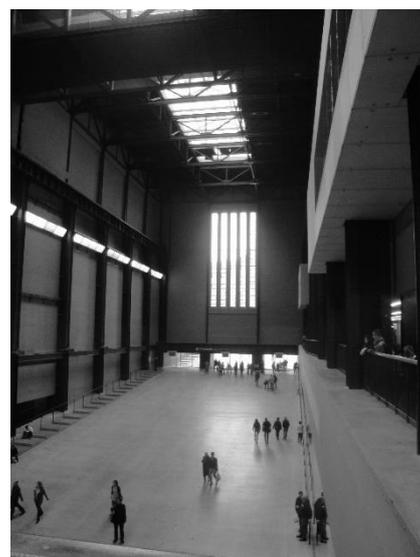


Figura 49 *Tate Modern* (Interior), Londres (Inglaterra). 29 Abril, 2014.

uma enorme caixa em vidro marcando a horizontalidade e impondo-se à verticalidade da chaminé. A sua superfície vidrada contrasta com o tijolo escuro da fachada. Este enorme volume no topo também possibilita a entrada de luz para a nave principal do edifício que carece de vãos.

No interior, a divisão em seis pisos com diferentes alturas variando de 5 a 12 metros possibilitam a adaptação das várias exposições consoante a necessidade da espacialidade dos objetos expostos. No piso 0 está localizada uma grande loja e uma zona dedicada à explicação do projeto de arquitetura e da nova expansão que este irá usufruir (Figura 50). Ainda neste piso uma enorme nave com sensivelmente 50 metros de altura e 150 metros de comprimento é acessível pelas duas fachadas laterais onde o seu acesso se faz em rampa no sentido descendente ou por uma escada central de acesso ao primeiro piso. O primeiro piso, de cota zero, admitindo a cota exterior, contém a cafetaria e as informações que ocupam sensivelmente 20% do espaço útil, desta forma todo o espaço restante é de livre circulação como se de um átrio de entrada se tratasse onde todos os utilizadores podem aguardar, encontrar-se, falar e contemplar o edifício. No segundo, terceiro e quarto piso estão as salas de exposição que têm a particularidade de sempre existir um espaço intermédio que antecede ao espaço expositivo. Estes espaços são intencionalmente espaços de contemplação da grande nave que emerge dos planos translúcidos como plano de fundo (Figura 51). O quinto piso é de acesso restrito a associados do *Tate Modern*. O sexto piso que é a grande caixa de vidro no topo do edifício serve a função de restaurante e bar. A intenção dos autores é evidente, este espaço vive claramente da visão panorâmica sobre o Rio Tamisa com um evidente



Figura 50 *Tate Modern* (Maqueta da expansão do *Tate Modern*), Londres (Inglaterra). 29 Abril, 2014.



Figura 51 *Tate Modern* (Piso 4), Londres (Inglaterra). 29 Abril, 2014.

enquadramento da *St. Paul's Cathedral*. A disposição dos lugares de refeição reforça essa intensão onde foi projetado um balcão corrido ao longo de todo o comprimento "impondo" o utilizador a conviver com essa



Figura 52 *Tate Modern* (Vista do Piso 6 sobre o Rio Tamisa e *St. Paul's Cathedral*), Londres (Inglaterra). 29 Abril, 2014.

imagem (Figura 52).

Quanto à distribuição do programa funcional, esta é feita exclusivamente por pisos à exceção dos espaços de espera e de acessos. As salas de exposição estão localizadas nos extremos e possuem um espaço de espera central dotado de instalações sanitárias e acessos verticais.

O *Tate Modern* destaca-se como espaço cultural por estar dotado de uma grande nave capaz de receber peças de arte ou instalações de enormes dimensões, como as de Olafur Eliasson (Figura 53), Anish Kapoor (Figura 54), Louise Bourgeois (Figura 55), entre outras.

Imagens dos desenhos técnicos *TATE MODERN* / HERZOG & DE MEURON em Anexos.

Figura 53 *Tate Modern* (2003 installation *The Weather Project*, by Olafur Eliasson), Londres (Inglaterra). Richard Holt, 17 Setembro, 2013.



Figura 54 *Tate Modern* (*Marsyas*, 2002, installation, by Anish Kapoor), Londres (Inglaterra). John Riddy, 2002.

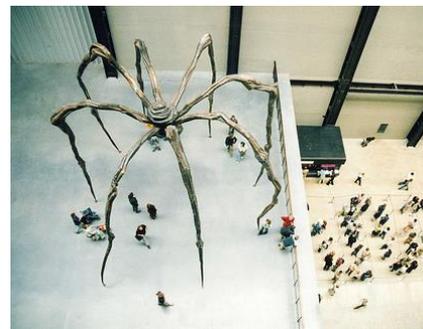


Figura 55 *Tate Modern* ("*Maman*" by Louise Bourgeois), Londres (Inglaterra). Steve Greaves, Junho, 2004.

## Z GALLERY



Figura 56 *Z Gallery (aerial view of the factory)*, Guangdong (China). Danny Hudson, 09 Março, 2014.

A fábrica Honghua Dyeing foi construída em 1989, tendo sido abandonada das suas funções em 2001. A fábrica está localizada na província de Guangdong, perto da cidade Shenzhen, no Sul da China. A cidade de Shenzhen sofreu um novo plano de adaptação económica onde foi permitido a implantação de uma Zona Económica Especial em 1979. Isto fez com que a cidade crescesse rapidamente, tornando-se um lugar extremamente influente, que acolhe um dos principais centros económicos, urbanos e culturais do país.

O conjunto industrial de Honghua Dyeing ocupa uma área de 20 hectares, sendo composto por cinco edifícios principais de grande área e vários espaços circundantes de menor dimensão. O *Atelier O-OFFICE Architects* está a desenvolver o conceito *ID Town*, que se traduz na complementaridade entre vários programas funcionais com objetivo de tornar este espaço auto sustentável com várias potencialidades e condições de uso. O ateliê estima que o projeto demorar 15-20 anos até a sua total implementação.

Atualmente, o ateliê de arquitetura centrou-se num dos edifícios onde a sua intervenção no património industrial chama a atenção pela forma de resolver a reabilitação e o conteúdo programático.



Figura 57 Z Gallery (*before construction*), Guangdong (China). Danny Hudson, 09 Março, 2014.

Quanto ao conceito de intervenção, o edifício existente permanece como este se encontrava originalmente. O seu interior claramente “usado” com marcas profundas de árduas tarefas que ali se desenvolveram apenas foi tocado para garantir as infraestruturas de água, esgotos e eletricidade necessárias. Este edifício de estrutura e paredes de betão armado, com uma grelha de pilares cada 6 metros, com cobertura dupla inclinada, está dividida em dois níveis que permitem a entrada de luz solar através de vãos corridos. A estrutura existente é deixada como uma ruína capaz de abrigar e proteger, no verdadeiro sentido da palavra, a implantação de novos corpos independentes. Estes são criados em número de sete caixas individuais e uma mais longa que se estende pelo espaço livre em ziguezague. Estas novas caixas flutuam no espaço soltando-as do chão através de uma ilusão visual. Este conceito torna possível a permanência intacta do edifício sendo que a estrutura projetada pelo ateliê poderia ser desmontada quando assim fora necessário e não interferiria na forma e estado original da fábrica. Apenas se prolonga o seu período de vida com uma nova função.



Figura 58 Z Gallery, Guangdong (China). Danny Hudson, 09 Março, 2014.



Figura 59 Z Gallery, Guangdong (China). Likyfoto, 03 Abril, 2014.



Figura 60 Z Gallery, Guangdong (China). Likyfoto, 03 Abril, 2014.

O programa da nova intervenção refere-se a estúdios para artistas constituído por duas funções principais, trabalhar e exposição. O projeto reflete a necessidade de que o artista possa produzir e expor a sua criação entabando contacto direto com o público. O programa divide-se em sete estúdios e um volume público de exposição que contém uma zona de receção, café e salas de reunião. O edifício, depois da intervenção, divide-se em três zonas: espaço privado (*ateliers*), espaço público expositivo (sala de exposição) e espaço de circulação (antiga fábrica). O espaço privado é constituído por sete caixas destinadas a espaço de trabalho (*ateliers/estúdios*), individuais para cada artista. O artista tem também a possibilidade de poder utilizar toda a área da fábrica como espaço de trabalho. As caixas estão interligadas por um percurso elevado da cota zero original como se flutuasse sobre a ruína, possibilitando a circulação interior e o acesso a zonas exteriores. O corpo de maior dimensão destaca-se pela sua cor negra e o seu interior branco imaculado. Este espaço é dotado de paredes amovíveis capazes de várias disposições consoante a necessidade do espaço expositivo. O projeto pretende expandir-se aos restantes volumes vazios com novas funções, estando pensado para no futuro receber funções de restauração e habitação.

Imagens dos desenhos técnicos *Z GALLERY / O-OFFICE* Architects em Anexos.



Figura 61 *Z Gallery*, Guangdong (China). Likyfoto, 03 Abril, 2014.



Figura 62 *Z Gallery* (*original columns penetrate the new structures*), Guangdong (China). Danny Hudson, 09 Março, 2014.



Figura 63 *Z Gallery*, Guangdong (China). Danny Hudson, 09 Março, 2014.

## FACTORY NO. 8



Figura 64 *Factory NO. 8*, Humpolec (República Checa). OK Plano Architects, 26 Agosto, 2013.

O projeto da autoria do *atelier* OK Plan Architects, está localizado na República Checa na cidade de Humpolec. Esta antiga fábrica têxtil foi construída em 1910, e no ano 2013 foi reconvertida para um novo uso com um programa multifuncional.

A preocupação inicial deste projeto foi o conceito de intervenção no edifício, onde se procurou respeitar e potencializar as suas características arquitetónicas. A existência de uma enorme chaminé em tijolo é um dos elementos principais do conjunto reclamando o seu protagonismo da época industrial. A chaminé diferenciada pela permanência da sua cor e material original destaca-se do restante volume da fábrica que foi pintada de cor negra como se pretendia afastar-se desse protagonismo evidente.

O espaço interior foi dividido de forma simplificada com grandes espaços livres capazes de suportar diferentes usos. O edifício é constituído por três pisos que se distribuem em diferentes áreas programáticas. O piso zero



Figura 65 *Factory NO. 8*, Humpolec (República Checa). OK Plano Architects, 26 Agosto, 2013.

destinado a comércio e espaço expositivo possui uma cafetaria e uma galeria de arte. No primeiro piso destinado a área de trabalho, existem escritórios dotados de instalações sanitárias, salas de documentação e armazém. No segundo piso onde é usado o sótão está programado o uso de escritórios ou habitação *loft*.

Imagens dos desenhos técnicos *FACTORY NO. 8* / OK Plan Architects em Anexos.



Figura 66 *Factory NO. 8*, Humpolec (República Checa). OK Plano Architects, 26 Agosto, 2013.



Figura 67 *Factory NO. 8*, Humpolec (República Checa). OK Plano Architects, 26 Agosto, 2013.

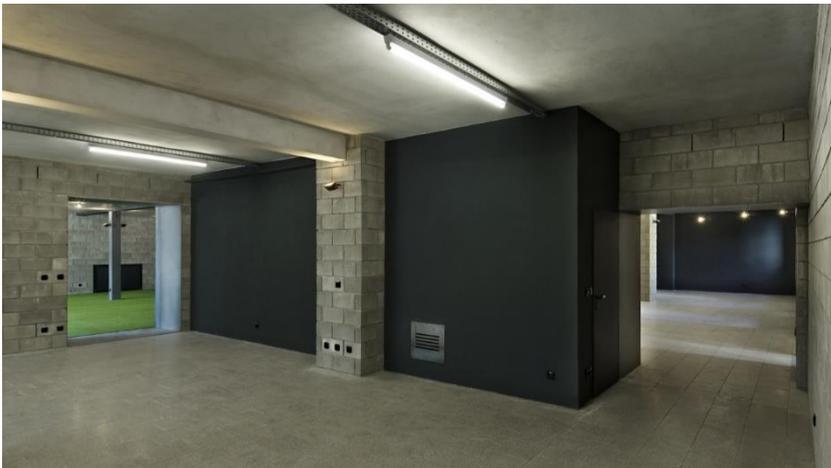


Figura 68 *Factory NO. 8*, Humpolec (República Checa). OK Plano Architects, 26 Agosto, 2013.

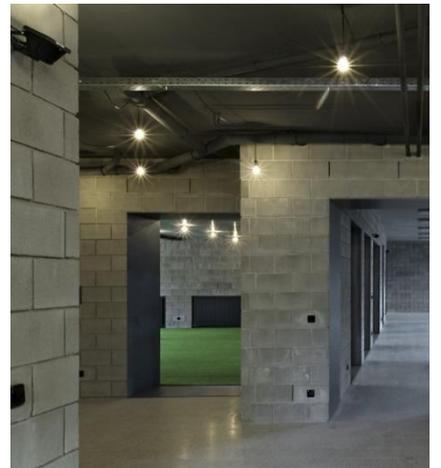


Figura 69 *Factory NO. 8*, Humpolec (República Checa). OK Plano Architects, 26 Agosto, 2013.

### **3.4. EVOLUÇÃO ARQUITETÓNICA E TECNOLÓGICA NOS EDIFÍCIOS INDUSTRIAIS**

O estudo evolutivo do património industrial está totalmente relacionado com o avanço arquitetónico, tecnológico, social e cultural do universo que este integra. A indústria sempre deteve um papel extremamente importante em qualquer lugar que esta se sediava. A arquitetura industrial tem potencializado o crescimento de cidades e dinamizado áreas desertificadas. Através do seu poder económico e da oferta de trabalho que estas possuíam ativaram e criaram áreas de enorme valor cultural incorporando as mais diversas disciplinas.

Atualmente, o estudo evolutivo da história da arquitetura industrial mostra-nos alguns fatores que influenciaram essa riqueza de património construído ao longo do tempo. A arquitetura industrial caracterizava-se pela execução de edifícios resultantes da necessidade espacial interior, mas o seu exterior aproximavam-se da ideia da arquitetura civil à época. Relacionada com uma construção volumétrica de maior dimensão devido à sua tipologia, utilizava ornamentação nas suas fachadas e sistemas construtivos existentes (alvenaria / taipa). A sua integração inicial no contexto urbano era de reduzida escala e a arquitetura tentava relacionar-se com o contexto existente.

A indústria associada ao edifício “fábrica” remete a uma definição de lugar de produção onde a máquina facilita o trabalho coletivo humano. A evolução tecnológica permitiu que tarefas artesanais de demorada execução se tornassem mecânicas e automatizadas, num trabalho coletivo de produção, onde o produto passa por vários operários destinados a cada etapa evolutiva do processo. Mais tarde a evolução tecnológica torna o homem um

supervisor desse trabalho mecanizado, reduzindo o número de operários. Todo este processo de enorme impacto industrial refletiu-se na eficiência de produção, contribuindo para novos processos de gestão e de especialização da classe operária. (ALMEIDA, 2009: 4-5)

O processo evolutivo da indústria centrou-se na padronização, linha de montagem e gestão de trabalhos. Esta ideia de processos de trabalho gerou uma nova adaptação na disposição e organização dos edifícios (fábricas), as necessidades espaciais aumentaram devido a uma organização em linhas de montagem e no aumento de maquinaria utilizada. A arquitetura teria de dar resposta a novos programas funcionais cada vez mais exigentes, adaptados a um processo de organização de trabalho dividido em fases de produção. (RAMOS, 2011:98-99)

No final do século XIX com o surgimento de novos materiais como o ferro e o vidro, de capacidades vantajosas para as novas necessidades de construção, seria possível a execução de maiores vãos e de construções mais rápidas e eficazes. O aparecimento destes materiais influenciou uma nova linguagem arquitetónica que se viria a impor no início do século XX. A arquitetura neste período vê-se obrigada a adaptar-se e a evoluir com esta nova mentalidade, o edifício industrial altera substancialmente de forma, tratamento de fachadas e organização espacial. A fábrica enquanto edifício torna-se parte desse processo de produção que facilita e proporciona um desempenho em complementaridade com a ideia mecanicista de produção. (RAMOS, 2011:98-99)

Inicialmente o ferro viria a ser utilizado de acordo com as técnicas construtivas executadas anteriormente em madeira. Utilizado nas coberturas possibilitava maiores vãos e com

maior durabilidade e menor manutenção. O ferro também era utilizado para decoração e para os sistemas estruturais como colunas e escadas. A evolução na utilização do ferro proporcionou a utilização total do material para executar toda a estrutura do edifício, ainda que no início este era totalmente coberto por materiais de revestimento. Gradualmente foi deixado à vista no interior e mais tarde viria a ser utilizado nas fachadas.

Em 1909 Peter Behrens projetou a Fábrica da AEG em Berlim, Alemanha. Esta viria a afirmar-se como uma importante referência para o surgimento do movimento moderno. A forma do edifício associado à função que este desempenha foi o mote para um novo pensamento industrial. A incorporação do betão, os elementos na fachada em ferro e os grandes panos de vidro na fachada tornaram este, exemplo de construção e estética deste novo movimento arquitetónico. A horizontalidade do edifício é reduzida pela intensão do tratamento da fachada com a disposição de grandes vãos em vidro verticais quebrados por elementos em ferro. A preocupação pelas condições de trabalho e nas suas exigências foram fundamentais para o desenvolvimento do projeto. Behrens, conhecedor da importância da adaptação e movimentação de maquinaria, criou espaços amplos para possibilitar a movimentação de veículos, máquinas e produtos. Estes espaços deveriam também estar devidamente iluminados e ventilados sendo possível o controlo dos mesmos. (ALMEIDA, 2009: 15-19)



Figura 70 *AEG Factory*, Berlim (Alemanha). Sarah L. N.d.

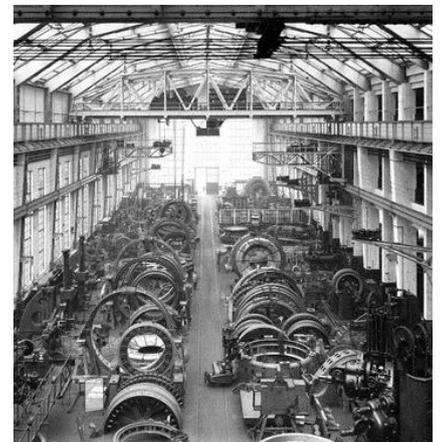


Figura 71 *AEG Factory Interior*, Berlim (Alemanha). Daily Telegraph, 1914.

Em 1911 Walter Gropius teve a seu cargo a expansão da Fábrica Fagus em Alfeld-an-der-Leine, na Alemanha. O projeto consistiu na ampliação de um núcleo de escritório e armazéns. Gropius colaborou com Behrens no projeto da Fábrica da AEG e utilizou vários princípios arquitetônicos adquiridos da experiência desse trabalho para a Fábrica Fagus. O novo edifício desenhado por Gropius mantém a separação entre o material da estrutura e a pele que cobre a mesma, mas com uma inovação, sendo que a estrutura recua e o extenso pano de vidro está avançado em relação ao material da estrutura. Esta nova concepção permitiu a Gropius aumentar a área coberta por vidro e esconder as lajes dos pisos intermédios com painéis metálicos não perdendo a leitura contínua do primeiro plano em vidro. A volumetria do edifício realça-se pela pureza geométrica. A utilização da cobertura plana destaca-se no alçado pelo material que fecha a forma no topo separado do corpo do volume. Outra das inovações deste projeto foi a continuidade do vidro a dobrar a fachada como uma desmaterialização da ideia estrutural dos edifícios existentes da época. (DROSTE, 2007: 9-11)

Le Corbusier, em 1914, explora o sistema *Domino* criando um sistema construtivo adaptado à ideologia industrial. *Domino* é um sistema construtivo que previa a pré-fabricação de elementos estruturais em betão armado para constituição de todo o esqueleto estrutural do edifício (Figura 74). Com este sistema Le Corbusier permitia a fácil execução da estrutura, liberdade de aplicar vários revestimentos e planta livre deixando as paredes de ser estruturais. Le Corbusier refere-se a esta ideologia de projeto como a máquina de habitar criando a ligação entre o homem e a máquina. Um dos fenómenos deste sistema *Domino* é a aplicação para um programa habitacional,



Figura 72 *Fagus Factory*, Alfeld-an-der-Leine (Alemanha). N.d.

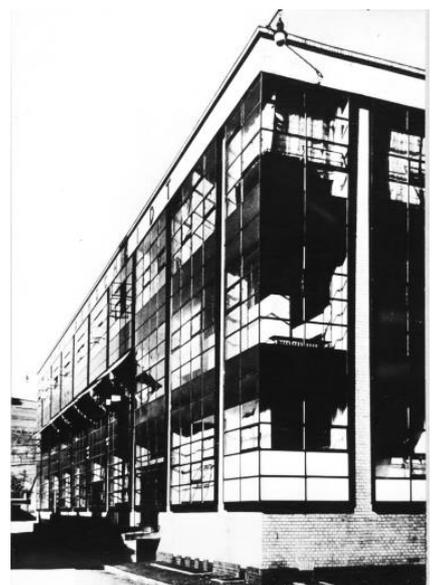


Figura 73 *Fagus Factory*, Alfeld-an-der-Leine (Alemanha). N.d.

utilizando as potencialidades da indústria. Esta atitude origina a ligação da arquitetura industrial à arquitetura civil quebrando as fronteiras entre as mesmas utilizando os mesmos princípios. (ALMEIDA, 2009: 47-48)

Em 1927 Corbusier teve a oportunidade de aplicar o sistema *Domino*, construindo o conjunto de habitações em série em Pessac, na França. As habitações são extremamente marcadas pela linha recta, marcando a racionalidade desta linguagem, a decoração é inexistente onde o jogo de cheios e vazios no volume branco faz o contraste de claro/escuro. Existe também a preocupação da utilização da cobertura onde esta é utilizada como um espaço exterior privado. A escada de acesso à cobertura exterior evidencia essa intenção na composição estética do volume (Figura 75, 76).

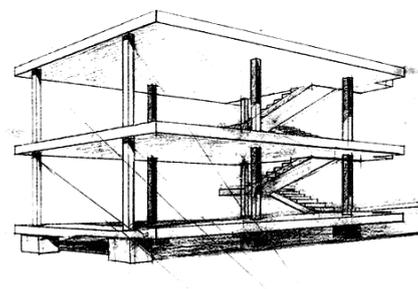


Figura 74 Sistema *Domino*, Le Corbusier. N.d.

A Bauhaus tornou-se a escola de maior importância para o surgimento do Movimento Moderno na Europa. Walter Gropius, que seria nomeado diretor da mesma em 1919, tinha como objetivo incentivar os seus discípulos à relação entre sociedade, indústria e construção. Procurava o modo de relacionar arte, arquitetura e o desenho na tentativa de organizar regras e fundamentos segundo as necessidades e novas perspectivas de futuro da realidade industrial. (ALMEIDA, A. 2009: pp 47, 48)



Figura 75 *Villa Fruges*, Pessac (França). Romaric Tisserand. N.d.

O Movimento Moderno rapidamente se desenvolveu pela Europa, surgindo em fase de domínio económico da indústria. Em 1914 tem início a Primeira Guerra Mundial até 1918; com o término desta o Movimento Moderno ganha mais expressão. A necessidade de reconstrução das cidades destruídas e da intensão de impor um novo estilo arquitetónico mostrando as alterações de uma nova sociedade que se reconstruía foi essencial para mostrar o



Figura 76 *Villa Fruges*, Pessac (França). Romaric Tisserand. N.d.

poder de resposta das indústrias e por consequência deste novo Movimento que se assumia como um reflexo da vida moderna.

Na primeira metade do século XX vários arquitetos desenvolvem as suas teorias e exploram vários métodos de trabalho dando origem a diferentes linguagens arquitetónicas. As frases que identificam alguns dos arquitetos mais reconhecidos neste período exemplificam o seu método de trabalho e a sua visão dentro do Movimento Moderno. Mies Van der Rohe com a frase “Less is More” (menos é mais) mostra a sua intenção de ver a arquitetura pela sua geometria na intenção de a observar como um todo sem adornos individuais. Louis Henry Sullivan, arquiteto dos Estados Unidos da América, tinha a célebre frase “form follows function” (a forma segue a função), remetendo para a intenção de explorar uma conceção de projeto aumentando a eficiência do planeamento espacial útil de acordo com a sua utilização bem como a aplicação de materiais reduzindo os custos de construção. Esta frase viria a ser posta em prática e associada a vários arquitetos europeus. A arquitetura evolui para uma visão minimalista de linhas simples depurada de decoração, com base numa ideia racionalista e funcionalista.

O Movimento Moderno que nascera na filosofia do pragmatismo industrial, do mecanicismo e do funcionalismo, dá passo a novos movimentos na arquitetura, como o Pós-modernismo onde a arquitetura começa-se a afastar dos conteúdos programáticos da Modernidade e a centrar-se noutras vertentes estéticas e

conceptuais. Bernd e Hilla Becher, fotógrafos alemães que iniciaram um registo de enorme dimensão durante 40 anos, iniciado em 1959, registraram fotograficamente vários edifícios industriais. Poderão ser considerados um dos percursos para a chamada de atenção do valor patrimonial destes edifícios industriais. O seu fascínio por esta tipologia deveu-se à observação do abandono e destruição de várias fábricas em Düsseldorf (Alemanha). No registo fotográfico de Bernd e Hilla Becher é perceptível ver que os edifícios industriais levam à exaustão o funcionalismo dos processos produtivos. A volumetria dos edifícios é completamente aleatória segundo o processo de armazenagem de produtos ou a sua fabricação. Quase se consegue perceber pela forma exterior o que existe no interior dos edifícios. A arquitetura moderna destacou-se pelas linhas rígidas que formavam formas puras, onde a leitura dos edifícios era simples e concreta. A ideologia da célebre frase “a forma segue a função” parece ter sido levada ao limite pela indústria onde a imagem do edifício industrial é secundária ganhando maior importância o funcionalismo que deu origem a um desleixo estético. A evolução constante de novos sistemas de extração, transformação, armazenagem e até mesmo de expansão de volume destes fez com que os edifícios rapidamente se adaptassem sem qualquer organização. Estes edifícios geralmente em constante expansão por razões práticas tornam-se em volumetrias desorganizadas e despreocupadas que evidenciam uma imagem brutalista e mecanicista no meio em que se inserem.

Atualmente, no panorama nacional constata-se a evolução da arquitetura industrial com linhas menos expressivas incapazes de influenciar novas vertentes e movimentos arquitetónicos. A base da ideologia industrial continua



Figura 77 *Winding Tower*, Les – Mines, Pas de Calais (France). Bernd & Hilla becher, 1967.



Figura 78 *Coal Bunker*, Repelen, Niederrhein (Germany). Bernd & Hilla becher, 1973.

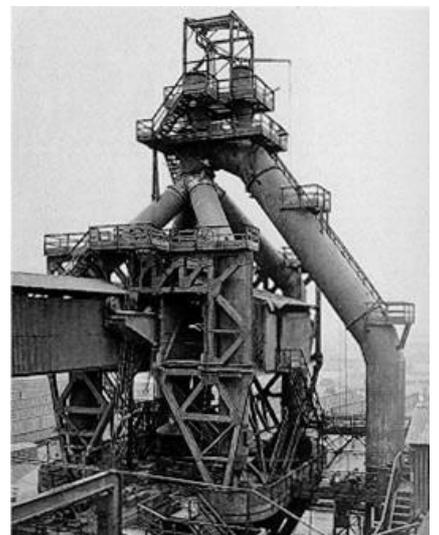


Figura 79 *Leige-araing*, Belgium. Bernd & Hilla becher, 1980.

presente devido à utilização de sistemas construtivos de rápida execução e com materiais de custos reduzidos mas com fraca qualidade espacial e arquitetónica. A arquitetura industrial segue o caminho dos edifícios efémeros, de fácil montagem e desmontagem. A mais valia encontra-se sempre na sua tipologia edificatória que de acordo com as exigências espaciais renova a sua utilização sem grandes alterações volumétricas. A indústria parece agir com receio no investimento de novas tipologias edificatórias e os seus edifícios são fruto disso, básicos e anódinos, e com várias debilidades construtivas nomeadamente na iluminação, ventilação, durabilidade dos materiais e qualidade estética.

Hoje em dia, a união e a cumplicidade entre arquitetura industrial e civil está distante e a única comparação plausível é a arquitetura modular, característica de um tipo de arquitetura que permita a expansão da área útil, a possibilidade de diversas organizações espaciais e a standardização de modelos. A arquitetura e a indústria estão ligadas apenas na preocupação da salvaguarda do património. A atitude de dar uma nova utilidade aos edifícios industriais, repensando as necessidades da sociedade e aplicando-as no interior de uma tipologia arquitetónicas que permite a flexibilidade programática fazem da reabilitação deste tipo de edifícios um dos temas principais na arquitetura contemporânea. Estando a indústria e a arquitetura dependentes de uma compreensão de parte a parte garantindo um melhor futuro para ambas, a relação entre estas parece não existir. Salvo esta opinião resta perceber quais os interesses de cada uma. A indústria procura uma arquitetura de rápida execução, adaptável a vários ambientes, conforto térmico e acústico, modular garantindo se é necessário a expansão de área coberta e que seja móvel. A arquitetura parece não

estar atualmente interessada em discutir ou tornar algum destes temas em manchetes de discussão. Como se tinha percebido ao estudar Le Corbusier onde a arquitetura industrial influenciou o pensamento da arquitetura civil desta vez parece direcionar-se exatamente o contrário.

#### **4. O CONTRIBUTO DO CENTRO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA PARA A CIDADE DE FARO/ PROGRAMA MULTIFUNCIONAL – DESENVOLVIMENTO E CONCEITO DE INTERVENÇÃO**

##### **4.1. FATORES DE DESENVOLVIMENTO PARA A CIDADE**

Os fatores de desenvolvimento da para a cidade de Faro, sendo esta a capital da região, centram-se economicamente em dois tipos de atividades de dinamização, como cidade administrativa e como cidade universitária.

O facto de ser uma cidade no litoral algarvio não consegue significa que consiga cativar o turismo que domina na região. Como cidade de referência para o turismo internacional, devido a à grande porta de entrada que é o aeroporto, o turista acaba por se dispersar por cidades com mais projeção internacional e condições propícias ao divertimento diurno e noturno, praias, prática desportiva (golf, desportos aquáticos, desportos radicais, etc...) e oferta de dormida consoante ao poder económico do mesmo.



Figura 79 Aeroporto de Faro, (Portugal).N.d.

Faro oferece um turismo cultural e patrimonial, centrado na sua história e no património arquitetónico existente. Durante o Verão, e organizado pela Moto Clube de Faro, acontece o maior evento internacional e que lhe deu o título

de “Capital do Motociclismo”, recebendo mais de 30mil *motards* durante quatro dias sendo considerada em 2010 e 2011 a maior concentração de motas da Europa.



Figura 80 Desfile que assinala em cada ano o encerramento da Concentração de Faro, (Portugal).Algarlife Magazine Online, 2013.

A Universidade do Algarve está composta por três polos, sendo estes Campus Penha, Campus Gambelas e Escola Superior de Saúde. Estes são a grande referência económica e dinamizadora da cidade. As necessidades dos funcionários, professores e estudantes da Universidade potencializam a economia de todos os negócios envolventes à mesma evidenciando-se a procura de habitação, a utilização de transportes públicos e o aumento do consumo, serviços e atividades económicas na cidade.

A extrema ocupação da cidade por jovens com estudos académicos ou em processo de formação indica que terá de ser melhorada a capacidade de oferta de oportunidades da cidade para oferecer condições de permanência para uma sociedade formada e especializada adequada à realidade económica a fim de tornar possível a permanência destas pessoas formadas na cidade de Faro.

Analisando os cursos que a Universidade do Algarve oferece, estes dividem-se por diferentes áreas do conhecimento em Artes, Comunicação e Património; Ciências Sociais e da Educação; Ciências e Tecnologias da Saúde; Ciências da Terra, do Mar e do Ambiente; Economia, Gestão e Turismo; Engenharias e Tecnologias.

Todos os jovens das diferentes áreas de estudos encaram uma realidade de carência na oferta de trabalho devido ao momento de extrema fragilidade económica do país mas na cidade em questão valorizada pela cultura e património pouco existe para que estes recém-formados trabalhem na área das Artes, Comunicação e o Património.



Figura 81 Desfile de caloiros Universidade do Algarve, Largo de São Francisco 2014, (Faro / Portugal).N.d.

## 4.2. PROGRAMA MULTIFUNCIONAL

O programa para a reabilitação e reconversão da Antiga Fábrica da Cerveja divide-se em três categorias: cultura, habitação e trabalho. O objetivo da junção destes programas funcionais surge das necessidades dinamizadoras sociais e económicas expostas com anterioridade. No panorama nacional as carências económicas e sociais afetam a oportunidade de trabalho e dificultam a criação de novas empresas e parcerias que se refletem na realidade social e económica de Faro.

### TRABALHO

Conforme valores apresentados pela Fundação Francisco Manuel dos Santos (FFMS) a taxa de desemprego nacional tem sido um número em constante aumento. Desde 2008, com uma taxa de 7,6% ultrapassa o dobro em 2013, com uma taxa de 16,3% de desempregados. Tendo em conta a realidade da região algarvia, os valores são superiores aos nacionais sendo esta uma das regiões mais afetadas do país. Em 2008 o Instituto Nacional de Estatísticas (INE), apresentava 7,8% de desempregados na região, e 19,7% no 4º trimestre de 2012, com o registo do valor mais alto por acima dos valores nacionais. (INE, 2014).

A cidade de Faro como capital da região do Algarve tem um papel de cidade administrativa e universitária ao contrário do que se constata na restante região que sobrevive em maioria do turismo sazonal no Verão. Faro assume maiores fluxos populacionais durante o ano letivo registando menor ocupação durante o Verão. O objetivo da presente dissertação é criar um programa para a Antiga Fábrica de Cerveja é dotar o edifício de espaços de trabalho, para um público-alvo jovem, recém-formado e

com iniciativa de projetos inovadores, desenvolvendo um conceito de parceria com outras áreas de formação, como incentivo à continuidade, e permanência da população universitária na cidade pós término do ensino.

O público que se pretende cativar é aquele de jovens, jovens desempregados, recém-licenciados, e empreendedores, por ser a população mais frágil que precisa de se incentivar social e economicamente. O INE apresenta um recorde histórico para jovens entre os 15 e 24 anos desempregados com uma taxa de 36,2% no 1º trimestre de 2012. Ainda neste ano apresenta uma subida de 37% de desempregados licenciados e 43,5% com ensino secundário e pós secundário. No contexto europeu Portugal é o terceiro país com mais jovens desempregados apenas atrás de Grécia e Espanha. (INE, 2014).

## CULTURA

A componente cultural provém da continuidade de vários estudos, projetos e eventos realizados para o edifício com objetivo de promover a produção cultural do Algarve/Portugal.

A proximidade do Museu Municipal de Faro, instalado no Antigo Convento de Nossa Senhora da Assunção, detém um vasto espólio de peças arqueológicas do período Romano e Islâmico, e várias coleções de artistas farenses. Atualmente devido a serviços anexos e desempenhados no edifício como arquivo, biblioteca, serviços administrativos, científicos e armazém, o Museu não consegue expor todo o seu espólio encontrando-se parte deste em depósito. A área utilizada para exposição tem uma ocupação predominante de exposição permanente com peças arqueológicas evidenciando e valorizando a história do

Algarve/Faro. O espaço destinado a salas de exposição temporária é substancialmente reduzido e incapaz de receber coleções de grandes dimensões ou peças de arte de grande porte.

Perante a *Listagem de Equipamentos Culturais da Região do Algarve* efetuado pela Direcção Regional de Cultura do Algarve (DRCA), constata-se que existe diversos equipamentos culturais na região, distribuídos maioritariamente pelo litoral onde o aglomerado urbano apresenta maior índice de ocupação. Incluídos neste levantamento estão registados arquivos, bibliotecas, salas de cinema, galerias de exposição, auditórios, museus, recintos multiusos, anfiteatros, teatros, centros interpretativos e cineteatros. A antiga Fábrica da Cerveja está catalogada como recinto multiusos.

Com base nos mapas realizados pela DRCA, foi realizado o mapa integrando espaços culturais destinados a equipamentos com capacidade para receber exposições. (Figura 82).

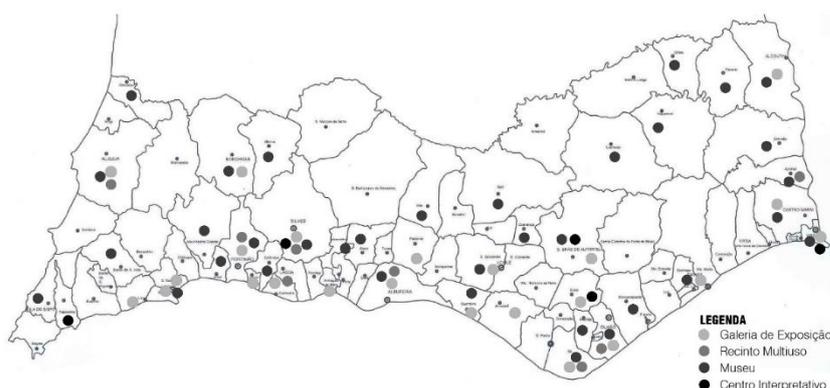


Figura 82 *Registo esquemático do mapa do Algarve, representando os Equipamentos culturais dotados de espaços expositivos* (Galeria de Exposição; Recinto Multiuso; Museu; Centro Interpretativo). Duarte Correia, 2014.

Segundo a análise dos equipamentos culturais indicados no mapa na Figura 82 concluiu-se que nenhum possui um espaço de criação e produção cultural, apenas são

espaços expositivos. Desses espaços expositivos unicamente os recintos multiusos apresentam características espaciais para receber peças de arte de grande porte.

A intenção de dotar a região com um equipamento cultural de referência complementa-se com uma extensão possível de trabalho em parceria de duas instituições como no caso do Museu Municipal de Faro e o Centro de Produção Artística, diversificando e acrescentando uma componente de arte contemporânea capaz de produzir arte/cultura e receber peças de maior dimensão.

## HABITAÇÃO

A componente destinada a habitação surge na sequência dos programas anteriores descritos com objetivo a dotar o edifício de uma área residencial para utilizadores residentes ou convidados das atividades culturais, permitindo uma ocupação diária contínua pelo morador/trabalhador, e potencializando a constante vivência do edifício ao longo das 24 horas diárias.

No contexto urbano da Vila Adentro em que o edifício da Antiga Fabrica de Cerveja se insere surgem carências na qualidade do espaço urbano público onde se verifica a falta de ocupação e vivência urbana devido a uma população envelhecida e um índice elevado de habitações de residência com ocupação sazonal dentro de muralhas. A incorporação de habitação dentro do conteúdo programático multifuncional do edifício possibilita também uma nova área habitacional no extremo Sul do recinto amuralhado até agora inexistente onde esse aglomerado é mais expressivo na zona Nordeste e Oeste. A inclusão de habitação irá provocar uma permanente vigilância da zona

garantindo mais segurança e dinamismo público para os utilizadores da Vila Adentro.

#### **4.2.2. Distribuição do Programa**

##### **CULTURA**

O programa cultural desenvolve-se no volume a Oeste ocupando a totalidade da área disponível. No volume a Norte, fora do recinto da antiga Alcáçova e a área total das muralhas.

No piso térreo a área útil total é de 567,92 m<sup>2</sup> dividido por os seguintes volumes: Oeste 264,43 m<sup>2</sup>, e Norte 303,49 m<sup>2</sup>.

No piso térreo o volume a Oeste é composto por um espaço de receção, instalação sanitária adaptada para utilizadores com mobilidade reduzida, elevador e três espaços de exposição. Este piso foi projetado para exposição permanente referente a explicação e informação do património histórico e industrial da antiga Fábrica da Cerveja. A última sala onde termina o percurso tem capacidade para receber peças de grande porte já que foi mantido a total altura do volume com 9,15 metros.

O volume Norte é servido da entrada principal do espaço cultural onde esta é feita pelas arcadas da Torre mais alta do conjunto edificado, e por a loja destinada a venda de produtos relacionados com exposições e trabalhos realizados na componente de produção. A torre será o espaço mais importante na componente cultural, ganhando o prestígio pela sua espacialidade e pela função que desempenha no conjunto. A torre atualmente vazada com um pé-direito de 4 pisos foi utilizada para distribuição e espaço expositivo.

O primeiro piso do volume a Oeste de área útil 161,54 m<sup>2</sup>, é composto por três salas de exposição sendo que a sala central é em mezanino possibilitando o contacto visual com

o piso inferior e aproveitando a luz natural. O acesso é feito por escadas exteriores localizadas nos extremos garantindo um percurso contínuo, e no caso dos elevadores existe a ligação com o miradouro que contacta com a antiga Torre de Menagem.

No volume a Norte a área útil é de 246,38 m<sup>2</sup>, onde foi incluído um auditório com capacidade para 45 pessoas para projeção de vídeo, pequenos espetáculos, conferências, etc... O auditório possui de uma área de serviço e receção a convidados e instalações sanitárias.

No segundo piso a área útil é de 353,61 m<sup>2</sup>, incorporando um volume adicionado que pretende fazer a ligação total da antiga alcáçova e potencializar a vista sobre a Ria Formosa. O volume adicionado funciona como miradouro e acesso vertical e horizontal com toda a componente cultural possibilitando o percurso contínuo dentro do edifício. No volume Norte foi projetado a biblioteca, um espaço de estudo/trabalho, arquivo e instalações sanitárias.

No terceiro piso a componente cultural estende-se pelo interior da torre de menagem onde está termina com o acesso à cobertura da mesma atingindo a cota mais alta do conjunto edificado.

O espaço cultural terá um papel fundamental na relação com a componente de produção onde esta foi pensada em espaços de trabalho/estudo públicos capazes de existir uma extensão do espaço expositivo para as mesmas. As características “informais” de trabalho e a capacidade das salas com pé-direito de grande dimensão proporcionam esse uso.

O centro de produção artística está dotado de dois espaços de refeição e bar. Ambos localizados perto da zona cultural

posicionados estrategicamente no final ou início do percurso cultural. Ao nível do piso térreo está o bar que poderá funcionar independentemente do horário do centro de produção artística. No terceiro piso foi adicionado o volume de restaurante/bar constituído por cozinha, dispensa, bar, copa, instalações sanitárias e esplanada.

## TRABALHO

O programa destinado ao espaço de trabalho desenvolve-se em dois pisos. No piso térreo a entrada principal é feita pelo pátio Sul onde ocupa a totalidade do edifício dentro do recinto amuralhado da antiga Alcáçova. O espaço de trabalho/estudo tem uma área útil de 393,80 m<sup>2</sup> sendo composto por duas salas de grande dimensão onde se pretende incentivar o trabalho/estudo coletivo e a discussão de diferentes pontos de vistas consoante diferentes áreas de formação. Existe também duas salas de reuniões onde é possível a apresentação de trabalhos áudio visuais e realização de trabalhos em pequenos grupos. Estes espaços são dotados de instalações sanitárias, uma área posterior de armazém/arrumo onde existe arquivo, sala de impressões e armazenamento de consumíveis.

Na área de trabalho existe ainda uma zona destinada a administração do edifício ocupando 115,35 m<sup>2</sup> de área útil sendo dotada de receção, sala de reunião, arquivo, dois gabinetes individuais e um duplo. A entrada é feita pela sala central que funciona como espaço de distribuição principal do edifício.

O acesso ao primeiro piso é feito por escada ou por uma plataforma localizada na sala central. A plataforma possibilitou a exigência de garantir acesso ao piso superior

de pessoas com mobilidade reduzida ou pequena carga. O acesso contacta com a zona de convívio e local de espera do espaço de trabalho.

A zona de trabalho/estudo no primeiro piso é composta por uma sala pública de 125,12 m<sup>2</sup> e 7 *ateliers*/estúdios privados ocupando 134,94 m<sup>2</sup>, ambos dotados de instalações sanitárias. O espaço de trabalho privado foi localizado perto das circulações verticais que comunicam com a componente de habitação podendo usufruir de um percurso exterior do adarve público e um percurso interior semiprivado que relaciona-se apenas com a sala de espera/convívio.

## HABITAÇÃO

O programa habitacional desenvolve-se no segundo e terceiro piso do volume a Sul. A área útil destinada a esta função é de 195.27 m<sup>2</sup> no segundo piso, e 85.54 m<sup>2</sup> no terceiro piso. A circulação vertical é feita pelos extremos do volume garantindo dimensões exigidas no regulamento de *Segurança Contra Incêndio em Edifícios* (SCIE), tendo uma caixa de escadas protegida contra fogo, e elevador que comunica com uma saída direta para o pátio no piso 0. O acesso vertical oposto faz ligação apenas com o piso inferior e está localizada perto do pátio existente ao nível do piso 1 possibilitando uma saída rápida para o exterior do edifício. Do mesmo modo a localização dos acessos verticais à habitação foram estudadas para garantir o acesso intencional a interligação da zona de trabalho com a habitação não sendo encerradas ao público em geral no piso térreo e primeiro piso é afastado dos acessos principais à utilização diária do público que poderá

percorrer o edifício nomeadamente a zona de trabalho e cultura.

A componente habitacional está dividida em quatro quartos individuais com instalação sanitária, e três dúplex com um piso inferior contendo sala de estar, cozinha e arrecadação e no piso inferior o espaço privado com quarto e instalação sanitária. Devido aos quartos individuais não possuírem um espaço para confeção de alimentos foi criado um espaço comum de lazer e refeições no piso onde estes se encontram, garantindo as necessidades do utilizador e potencializando uma vivência em comunidade.

### 4.3. CONCEITO DE INTERVENÇÃO

A realização do trabalho prático no desenvolvimento do projeto tem como objetivo principal por em prática os conhecimentos e teorias estudadas na fase teórica. Inicialmente foi tido em conta os valores patrimoniais identificados no edifício existente cuidando a potencialização e devida valorização dos mesmos para o trabalho prático. Existindo vários pontos essenciais tanto volumétricos, no caso do património industrial, ou como apontamento de simples elementos como muros, paredes, percursos, portas ou entradas, no caso do património histórico, estes foram referenciados como zonas de proteção onde não seriam alterados nem destruídos. A análise da organização interior do edifício existente é vaga e confusa com espaços encerrados e de acessos descontínuos onde o edifício industrial funcionava em zonas independentes e diferenciadas.

Adotando a teoria de Camilo Boito na intervenção de património histórico arquitetónico foi respeitado e mantida a volumetria do edifício existente da Antiga Fábrica de Cerveja, tal como os alçados e os elementos estruturais interiores, paredes-mestras e pilares. O conceito de intervenção no património construído implica retirar todos os elementos secundários sem funções estruturais e sem valor patrimonial no interior do edifício existente, possibilitando uma maior liberdade para a organização do futuro programa multifuncional e devidas circulações. Os novos elementos de projeto criados para a organização do espaço interior seguiram a geometria existente do espaço, e tiveram especial atenção no reforço da estrutura existe que apresenta algumas fragilidades nomeadamente no

edifício Sul. No desenvolvimento do projeto houve a necessidade de adicionar alguns volumes ao conjunto que seguiram tal como Boito, a distinção da nova proposta da construção existente, fazendo uso da materialidade aplicada.

O edificado existente tem um acabamento de reboco pintado de cor amarela com contornos de vãos e volume cinzento particularizando o edifício do existente em seu redor. O volume a Oeste tem uma cor branca com textura própria do seu acabamento em cal. A existência de dois acabamentos distintos deu origem a escolha de um acabamento texturado para a nova volumetria, sendo escolhido o betão aparente de cor branca. A cor neutra do betão branco dos novos volumes diferencia-se do amarelo predominante do conjunto edificado da antiga Fábrica da Cerveja, e a diferente textura do betão e do volume Oeste será facilmente identificado com a aproximação a estes.

No interior as novas adições de planos e elementos construtivos seguiram a mesma intensão diferenciando-se do existente através da sua materialidade e seguindo o conceito de *life span*, que consiste na extensão do ciclo de vida do edifício. Através da aplicação de elementos de construção de acabamentos interiores removíveis permitem dotar o edifício de uma espaço organizado para a função atual, capacitando-o para receber uma nova função num futuro não tão distante, retirando todos os elementos adicionados para o presente programa multifuncional.

A organização e distribuição do programa centrou-se especialmente nas características dos espaços interiores e a sua relação com o exterior. Foi estudado e analisado as necessidades de cada programa consoante a orientação

solar, ventilação, contacto com espaços exteriores, proximidade com acessos verticais e paisagem urbana. Os alçados foram totalmente respeitados, sendo utilizados todos os vãos disponíveis para dotar o espaço interior das suas necessidades.

Um dos fatores mais preocupantes do edifício era as acessibilidades, descontínuas e interrompidas por espaços encerrados que tornava o espaço interior confuso e sem orientação. As acessibilidades foram determinantes para a organização dos conteúdos programáticos e potencialização do património enquanto espaço público visitável. Tendo como principal preocupação o cumprimento da regulamentação imposta foi considerado que o edifício teria a possibilidade de ter um percurso contínuo relacionando o percurso exterior das muralhas com o percurso interior. Com este percurso contínuo foi possível valorizar o património existente possibilitando a visita integral ao edifício aproximando as relações entre os diferentes programas do edifício dentro da filosofia de que as funções e usos não sejam estancos mas sim que funcionem em parceria.

As adaptações do programa aos valores arquitetónicos existentes tornaram-se parte fundamental do processo de delimitação do conceito a explorar. No caso de instalações sanitárias, cozinha, e bar foi definido o afastamento de mobiliário e infraestruturas de paredes e muros referenciados, instalando-os em novos elementos ou soltos do existente. A antiga Torre de Menagem, sendo considerada um dos valores com mais prestígio do conjunto, foi projetada e mantida como a entrada principal do programa cultural. A muralha foi totalmente liberta de espaços privados sendo totalmente transitável possibilitando uma extensão da ideia, ao restante tramo de

muralha existente. Os alçados dos volumes da Antiga Fábrica de Cerveja foram completamente respeitados sem intervenção na abertura de novos vãos e utilizando apenas o que este oferece.

#### 4.4. REDEFINIÇÃO DO ESPAÇO URBANO

A distribuição do programa teve em especial atenção às características do edificado e suas potencialidades espaciais, bem como o papel que estas desempenham junto do espaço público envolvente.

O edifício apresenta um encerramento total do seu perímetro contendo espaços exteriores privados, exclusivos ao uso das funções desempenhadas anteriormente pela função da fábrica. Este seria um desafio no trabalho prático desenvolvendo e evocando um sentimento das características islâmicas que se caracterizam por uma malha complexa com espaços dificilmente interpretados como públicos ou privados.

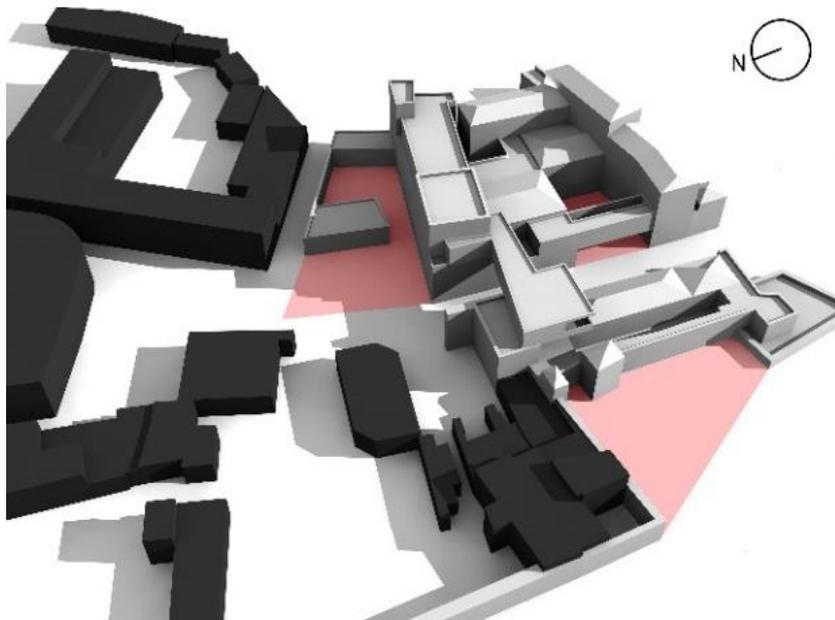


Figura 83 *Identificação Pátios*. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.

O propósito foi libertar estes espaços anteriormente privados tornando-os públicos e semipúblicos. Esta ideia passaria para o espaço interior tornando também o edifício permeável à circulação do público em geral. Para a resolução deste objetivo foram distribuídos os programas funcionais capazes de cumprirem essa tarefa nos pisos

inferiores apenas limitando esse acesso à área de habitação colocada nos últimos dois pisos do volume Sul. Assim seria possível garantir o acesso livre a espaços referidos como património histórico sendo o caso do percurso de ronda da muralha e do edifício como património industrial.

A redefinição do espaço urbano teve especial atenção na localização do conjunto edificado. Localizado numa das entradas do perímetro amuralhado da Vila Adentro foi considerada como uma porta de chegada ou de término de um percurso interior. Como tal foi dada maior importância à função cultural que detém contacto com as três entradas possíveis para o recinto da antiga Alcáçova, garantido um primeiro contacto ao edifício através da componente cultural. Representadas na Figura 84, as entradas são: Entrada Principal feita pela antiga torre de menagem (1); Entrada Sul pela Rua do Castelo no volume Oeste (2); Entrada Oeste pela antiga porta principal do Castelo (3).

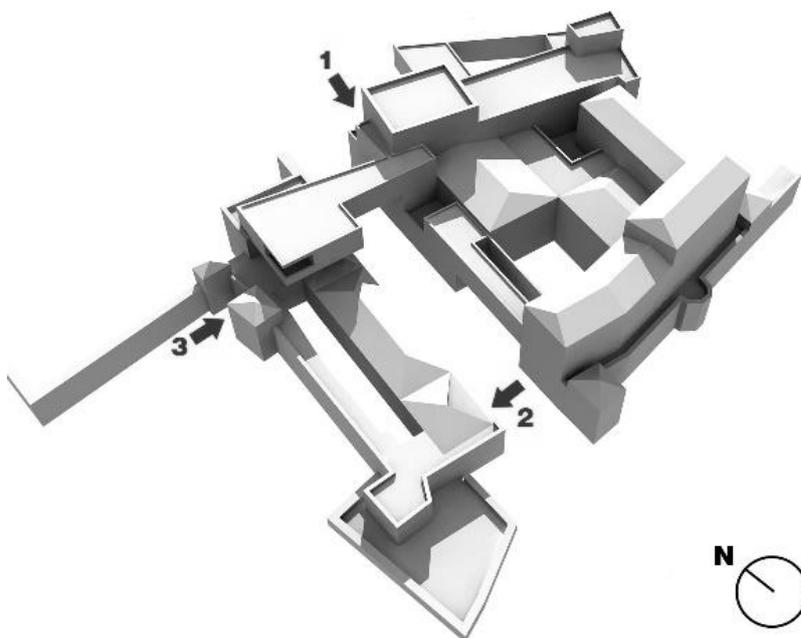


Figura 84 *Esquema entradas programa Cultural. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.*

O largo a Oeste localizado no exterior do recinto amuralhado foi totalmente liberto formando uma praça que antecede a entrada original do antigo Castelo. A entrada do Castelo marcada pelas duas torres ao canto encimadas, possibilitará uma nova passagem recriando a entrada original da antiga alcáçova, que por sua vez dá acesso a um pátio interior que contacta com a zona cultural permitindo o trajeto sobre a muralha. O espaço criado pela libertação da zona servirá para pequenos espetáculos ou feiras no exterior possibilitando assim uma extensão do espaço cultural. Este Largo destaca-se também no contexto geral da Vila Adentro visto que será a única entrada com um espaço público com estas dimensões antecedendo a entrada ao recinto amuralhado exclusivo a peões recebendo o transeunte que percorre a mesma pelo exterior.



Figura 85 *Fotografia do pátio Oeste / estado atual.* (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 14-03-2013.

O pátio interior a Sul dentro do perímetro da antiga Fábrica da Cerveja contacta com o programa funcional de trabalho/estudo. Pretendeu-se que este espaço fosse o mais reservado dos três pátios em questão devido às características das funções anexas. Para tal foi desenhado um volume que cobre a entrada do pátio, limitando espacialmente o seu perímetro, dando a sensação de um espaço semiprivado do edifício. Com a incorporação deste volume será possível despertar o sentido de liberdade de entrada no pátio mas ao mesmo tempo um sentimento de entrada no recinto onde virtualmente o pátio é encerrado ao nível do primeiro piso. No canto mais a Sul foi definido a entrada principal de acesso à habitação facilitando o



Figura 86 *Fotografia do pátio Sul / estado atual.* (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 29-06-2013.



Figura 87 *Fotografia do pátio Sul / estado atual.* (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 29-06-2013.

percurso do morador não tendo de percorrer o edifício ou passar por espaços centrais para subir à sua residência.

O pátio a Norte foi dividido em dois espaços, uma praça criando a extensão do Largo do Castelo, existente e um pátio interior que dá acesso a dois espaços de comércio. O muro existente que limita o seu perímetro foi eliminado para desobstruir a visão sobre a antiga Torre de Menagem e ao mesmo tempo libertar o espaço prévio da mesma, formando uma praça que configura a extensão do existente Largo do Castelo possibilitando um local de espera e encontro antes da entrada para o espaço cultural. A antiga torre de menagem é a referência visual mais expressiva do Largo do Castelo sendo definida como a entrada principal da zona Cultural.



Figura 88 *Fotografia do pátio Norte / estado atual.* (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 29-06-2013.

Para divisão de espaços exteriores diferenciados foi desenhado um volume central alinhado à perpendicular do alçado da torre definindo o limite da nova praça. O volume tem a função de bar mas a entrada será feita pelo pátio interior de carácter mais privado devido ao afunilamento causado pelo próprio volume. Assim será garantido o uso de um espaço exterior do bar no pátio interior, onde este servirá também de ligação com a loja da zona cultural localizada no piso térreo do volume Norte.

## 5. DESENVOLVIMENTO E INTERVENÇÃO ARQUITETÓNICA

O presente capítulo centra-se na justificação do desenvolvimento da intervenção arquitetónica através dos aspetos conceptuais e arquitetónicos utilizados no trabalho prático, assim como as soluções construtivas e conceptuais adotadas.

A redefinição do Largo do Castelo possibilitou um maior protagonismo da antiga Torre de Menagem. Esta foi considerada a entrada principal ao público. O projeto propõe uma praça enfrente a esta, aumentando a área do Largo existente e anulando o muro que aqui existe. A pré-existência do muro e da linha que este delineava no perímetro da antiga Fábrica da Cerveja contínua presente pela diferenciação do pavimento do Largo. O novo pavimento da praça frente à entrada do edifício é de cor cinzenta de modo a não contrastar com a calçada existente. Este novo pavimento apenas utiliza uma variação de claro/escuro de modo a criar um padrão de linhas verticais e horizontais. As verticais ligam com a geometria do alçado do volume que este confina, e as horizontais com o alinhamento em planta do novo edifício do bar. (Figura 89)



Figura 89 *Imagem pátio Norte, Piso 0 / Desenho técnico escala n.d.*  
(Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.

O novo volume do bar divide o espaço exterior existente enfrente ao volume Norte da antiga Fábrica da Cerveja criando um afunilamento do espaço e ao mesmo tempo criando um alinhamento volumétrico com o fechamento do Largo perpendicular a antiga Torre de Menagem. Após esse afunilamento existe um espaço exterior dividido em duas zonas de carácter diferenciado. A divisão dos dois espaços é feita por um alinhamento de árvores que respeita a orientação do plano a Sul do volume do bar. A primeira zona do pátio possui contacto visual com o Largo que antecede a entrada para a antiga Torre de Menagem, e serve o percurso para a loja existente no piso térreo do volume Norte, para o bar e para o acesso vertical de serviço. A segunda zona, limitada nos seus quatro lados, pretende ser um espaço de estar exterior do bar que possua um distanciamento dos fluxos existentes no resto do pátio.

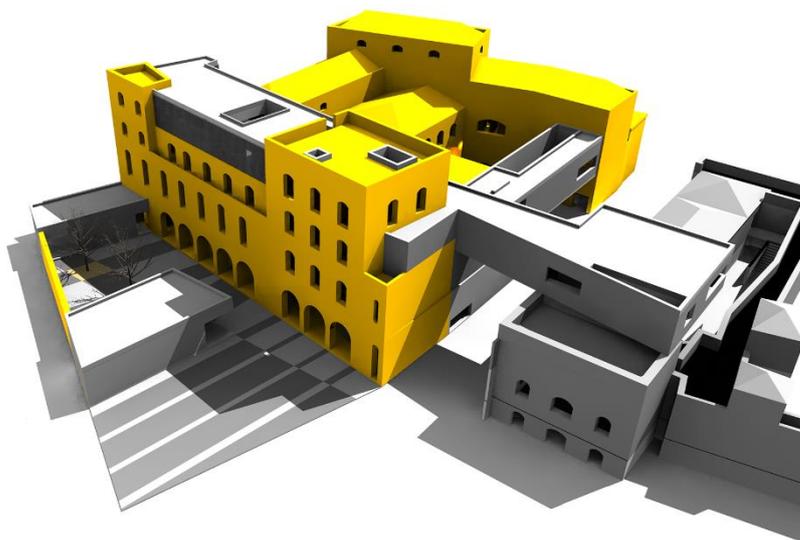


Figura 90 *Modelo 3D / Pátio Norte – Antiga Fábrica da Cerveja, (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.*

O volume Norte possui ao nível do piso térreo um conjunto de oito arcos sendo que quatro estão empedrados. No projeto propõe-se a abertura total dos mesmos garantindo o fechamento em vidro sem caixilharia. A ausência de caixilharia possibilitará uma melhor leitura do vão sendo

que ficará visualmente perceptível apenas a cantaria existente em pedra que limita a dimensão máxima do mesmo. Dos oito vãos existentes propõe-se que quatro sejam fixos e os restantes em sistema de porta de batente.

Os móveis foram pensados de acordo com a necessidade dos percursos interiores e exteriores de modo a melhorar e facilitar a circulação e a vivência do espaço interior. A entrada para a antiga Torre de Menagem é feita pelo vão mais próximo da loja que por consequência está próximo da escada. A loja divide em dois espaços possui três vãos móveis onde dois estão localizados ao centro da área maior possibilitando a circulação entre o espaço de trabalho/estudo que este antecede, e um terceiro vão na zona de receção e pagamento.



Figura 91 *Imagem Volume Norte, Piso 0 / Desenho técnico escala n.d. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.*

Nos vãos interiores da loja foram respeitados os três existentes no plano a Sul de contacto com o espaço de trabalho/estudo e de ligação com o armazém desta. O vão de contacto com a torre já existia mas sofreu um alargamento na altura e largura. Foram criados dois vãos nos extremos do plano existente de divisão da loja possibilitando duas opções de percurso e garantindo melhor solidez estrutural. Estes vãos distinguem-se dos já existentes pela sua forma retangular, visto que os outros são em arco, e pela sua localização no elemento estrutural,

uma vez que a regra dos vãos existentes nunca é feita totalmente ao extremo dos planos.



Figura 92 Fotografia do interior do volume Norte da antiga Fábrica da Cerveja, (Faro). Vão em arco de contacto entre a loja e o espaço de trabalho/estudo. (vista para o espaço de trabalho/estudo). Duarte Correia 29-06-2013

O pavimento da loja é em madeira com a estereotomia de acordo com o seu comprimento aumentando a sensação da horizontalidade do espaço. Nas paredes e tetos simplesmente propõe-se a sua pintura na cor branca deixando as marcas e estrutura evidentes de um passado marcado por essas cicatrizes.



Figura 93 Fotografia do interior do volume Norte da antiga Fábrica da Cerveja, (Faro). Espaço destinado a loja. Duarte Correia 29-06-2013

Na loja existe um volume que serve de receção e informação do programa cultural. O volume diferencia-se por ser um paralelepípedo que detém um grande rasgo no

canto e é totalmente revestido a madeira diferenciando-se da cor utilizada nos planos verticais da loja (Figura 91).

A organização do mobiliário da loja teve especial atenção aos eixos visuais de contacto com o exterior e *vise versa*, uma vez que estes estão alinhados com os planos opacos (pilares) permitindo a visualização do raio de visão na totalidade da dimensão do vão (Figura 91).

Na antiga Torre de Menagem a espacialidade e materialidade existente foi tida em conta respeitando e não interferindo nos revestimentos existentes de parede e pavimento. Isto possibilitou ao projeto manter o espaço com as características da identidade deixada pela função interior aqui desempenhada (armazém da Fábrica de Gelo). No teto foi projetado duas claraboias que iluminam o interior e prolongam o campo visual após os 16 metros de altura que este detém. Este foi precedido de um teto falso possibilitando o acabamento das claraboias e ocultando infraestruturas de Aquecimento, Ventilação e Ar Condicionado (AVAC) e escoamento de água.

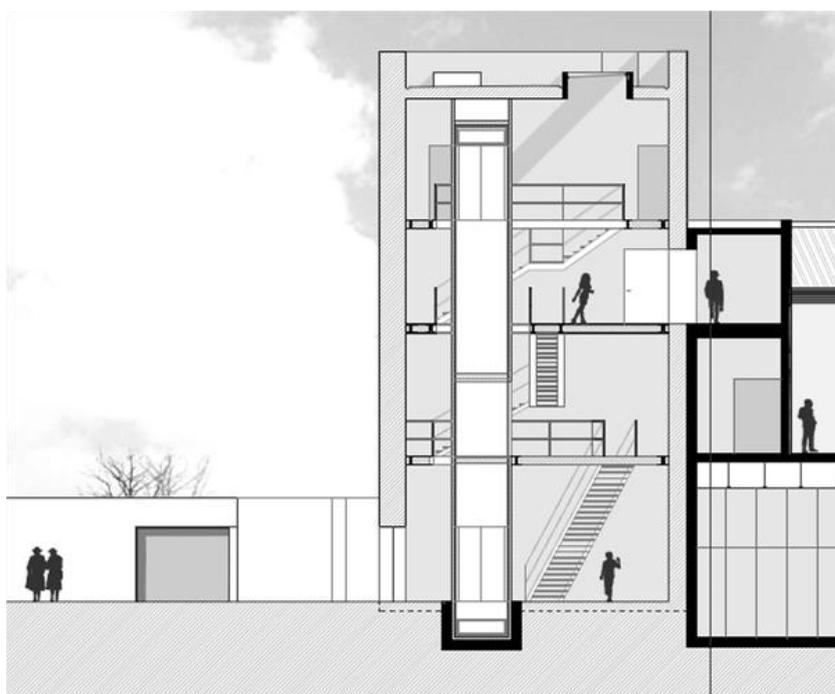


Figura 94 *Secção Torre / Desenho técnico escala n.d.* (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.

No interior da Torre foi incorporado um sistema de acesso vertical composto por escada e elevador. O material utilizado em toda a estrutura da escada e plataformas foi o ferro possibilitando a montagem de uma estrutura independente ao existente de acordo com o conceito de *Life Span*, prolongando o seu ciclo de vida. O elevador é em vidro, metal e ferro, sendo que todo o seu funcionamento é visível. Pretende-se o relacionamento pela sua materialidade com a escada, proporcionando um ambiente panorâmico sobre a espacialidade da torre. Os materiais escolhidos pretendem despertar o carácter fabril de estruturas de execução rápidas e ambiente mecânico. O desenho das escadas e plataformas apresentam linhas dinâmicas que contrastam com a forma pura da torre. Estas tomam orientação de locais de entrada para novos espaços confinantes, direcionando o utilizador a um determinado espaço existente no piso assim como direções diferenciadas para os vãos existentes. As plataformas não cobrem a totalidade do piso existindo um vazio central que possibilita o contacto visual entre o plano inferior e o superior da Torre, mas ao mesmo tempo faz possível ouvir e sentir toda a atividade existente dentro da Torre.

A Torre tem três vãos por piso sendo que apenas um se encontra aberto. Pretende-se que sejam todos desempedrados e com adaptação de vãos fixos em vidro, garantindo o contacto visual com o exterior e possibilitando a entrada de luz refletida para o seu interior (Figura 95). Devido a sua orientação Norte estes vãos não necessitaram de proteção solar.

A sala de trabalho/estudo antecederá pela loja contacta com esta através de dois acessos; um em escada e outro em rampa. A escada foi desenhada de maneira a ficar contida dentro da espessura da parede da antiga muralha,



Figura 95 Fotografia do exterior da antiga Torre de Menagem, volume Norte da antiga Fábrica da Cerveja, (Faro). Duarte Correia 29-06-2013

dando maior ênfase à dimensão da mesma. A rampa cumpre a inclinação de 8% imposta no regulamento de acessibilidades. Nesta sala existe um terceiro acesso que contacta com o piso superior por meio de uma escada e por uma plataforma elevatória. A escada serpenteia com linhas oblíquas, paralelas e perpendiculares segundo orientação dos planos próximos. Esta chega à laje do piso superior solta e afastada do plano de fachada criando um espaço duplo dando maior protagonismo a este elemento que finaliza a sala de trabalho/estudo. A plataforma foi executada com fim de poder ser utilizada por pessoas com mobilidade reduzida e transporte de carga, mas também com a propósito desta desaparecer visualmente quando está no piso térreo libertando o espaço a uma leitura contínua da escada.



Figura 96 *Planta piso 0 – Sala trabalho/estudo / Desenho técnico escala n.d.* (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.

Os volumes a Sul que suportam no piso térreo o conteúdo programático de trabalho/estudo e administração foram revestidos com um pavimento de madeira com estereotomia horizontal criando uma continuidade entre espaços.

No espaço posterior à sala destinado a armazém/arrumos foi adotado o conceito de *Life Span* onde foi preservado o pavimento e paredes em betão aparente. Para a divisão de

espaços foi desenhado uma estrutura metálica com perfis em “H” e planos divisórios em grade de malha quadrada metálica, tornando o espaço visualmente mais diáfano. Defronte ao vão de acesso a este espaço foi criado um plano opaco com o mesmo acabamento da sala de estudo trabalho (tinta de cor branca), de modo a não criar um contraste de materiais mas sim criando um contraste de claro/escuro dando maior importância à forma do vão em arco através da proximidade/afastamento de planos. Para melhorar esta intensão não foi adaptado qualquer sistema de encerramento do vão visto que o espaço interior é encerrado individualmente.



Figura 97 *Planta piso 0 – armazém/arrumos / Desenho técnico escala n.d. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.*

As salas de trabalho/estudo localizadas no piso térreo possuem um elevador pé direito, sendo deixado livre e soltando-o de planos verticais que obstruem a leitura total dos espaços encerrados. Na necessidade de algumas funcionalidades terem de ser limitadas por questões de privacidade ou segurança foi utilizado materiais capazes de possibilitar o encerramento espacial mas não visual proeminando a continuidade visual. Na instalação sanitária foi tido em conta a parede existente da muralha afastando assim loiças e tubagens da mesma. No plano que faz a divisória com a sala de trabalho/estudo foi desenhado um elemento em madeira incorporando a entrada das salas de reunião e a passagem para a instalação sanitária servindo

de estante onde foi deixado uma bandeira em vidro para penetração de luz natural para a mesma.



Figura 98 *Secção B / Desenho técnico escala n.d. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.*

Os vãos existentes foram deixados na sua forma original tanto no interior como no exterior, onde a organização de espaços funcionais foram tidos em conta a sua capacidade de iluminação interior.

As salas de reunião fazem parte de uma nova construção. O antigo volume aqui existente de apenas um piso, com alçado diferenciado do restante edificado foi demolido, dando origem a um novo volume que ao nível do piso térreo suporta as salas de reunião e no piso um e dois serve a capacidade de interligação entre o programa cultural e trabalho/estudo.

O pátio existente de contacto com o espaço de trabalho/estudo possui o pavimento idêntico descrito na praça em frente à Torre. A geometria e desenho deste seguem as linhas limitadoras dos vãos existentes em alçado e alterna a sua cor quando estes são de passagens, criando simbolicamente uma intensão da marcação de percursos (Figura 99).

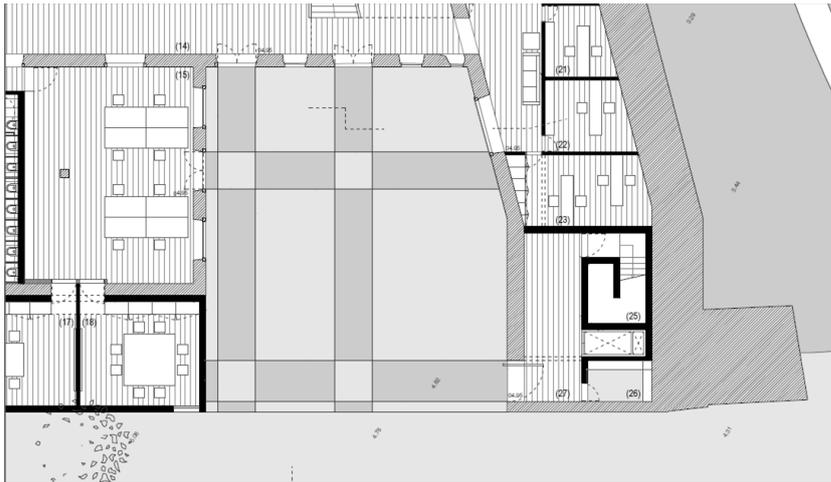


Figura 99 *Imagem pátio Sul, Piso 0 / Desenho técnico escala n.d.* (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.

O volume a Oeste separado pela Rua do Castelo contém as salas de exposição que foram mantidas na sua espacialidade original do volume soltando apenas os espaços de planos verticais não estruturais.

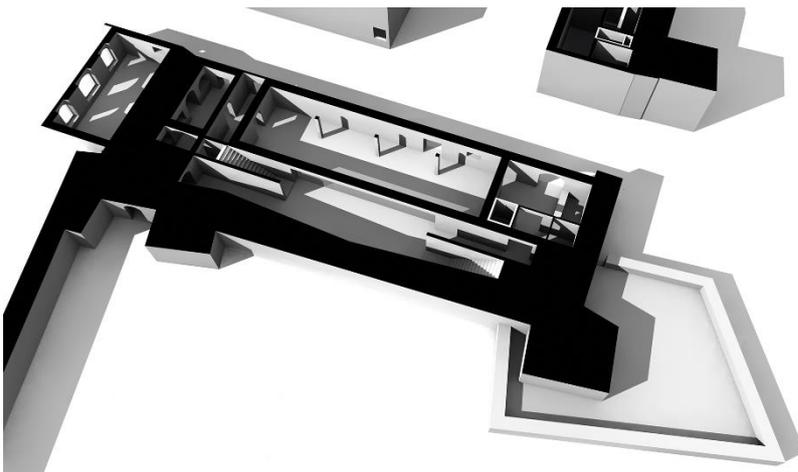


Figura 100 *Modelo 3D / Volume Oeste – Antiga Fábrica da Cerveja,* (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.

Os vãos que tem contacto com a Rua do Castelo foram mantidos de forma a não alterar o alçado existente, apenas no alçado a Oeste foi criado um vão horizontal de grandes dimensões ao nível do piso térreo de forma a estabelecer uma relação entre o espaço interior e o exterior. Pretendeu-se criar este vão para que no interior fosse conseguida uma relação com o padrão e a materialidade existente da muralha funcionando como pano de fundo. Ao mesmo tempo o espaço exterior à cota do piso térreo era encerrado

e pouco apelativo para o utilizador sendo assim o novo vão possibilitará uma extensão visual e espacial do lugar criando um alinhamento visual para os extremos onde se localizam as escadas de acesso à muralha e as entradas à zona cultural. As escadas criadas no pátio pretendem-se diferenciar da materialidade da muralha através do material utilizado sendo definido betão aparente com pigmentação na cor branca.



Figura 101 *Fotografia do volume Oeste (estado atual), Vila Adentro (Faro). Vista do topo da Torre da antiga Fábrica da Cerveja. Duarte Correia, 29-06-2013*

No piso um do volume Oeste a escada exterior a Norte penetra sobre a muralha, com o pavimento de betão branco criando uma diferenciação da materialidade (textura, material, cor). A caixa de elevador próximo da mesma foi projetada para garantir solidez estrutural ao volume superior. No interior do volume a sala de maior dimensão detém um *mezanino* que permite a entrada de luz natural refletida do piso inferior, aumentando assim a espacialidade do mesmo e o contacto visual entre estes.

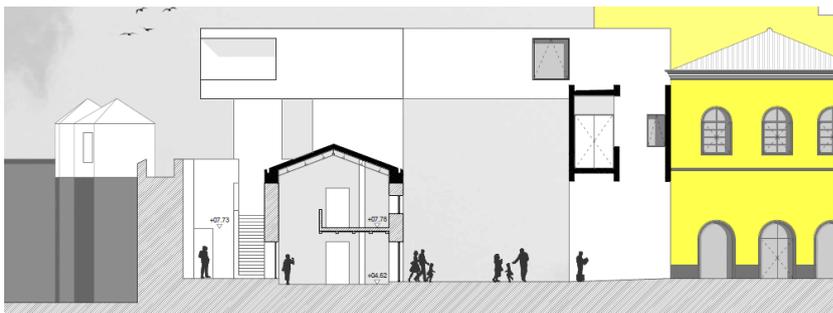


Figura 102 *Secção J / Desenho técnico escala n.d. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.*

A cobertura do volume Oeste foi na sua totalidade refeita devido ao estado de conservação da mesma. A cobertura detinha três tipos de execução sendo os topos em três águas e a central de uma água. Estas foram redesenhadas em quatro águas mantendo a divisão das mesmas, dando maior credibilidade ao edifício incorporando uma cobertura mais nobre. O material definido foi o betão à vista de cor branca com objetivo a criar um contraste entre os novos volumes e o edifício existente.

As torres da porta do antigo Castelo a Poente contêm duas construções no topo. O estado de conservação das mesmas apresenta fissuração estrutural, sendo que estas foram reinterpretadas mantendo a sua forma e adotando a mesma execução na cobertura que foi aplicada no volume a Oeste. Os vãos foram mantidos no local original mas sofrendo uma alteração na forma, onde foi chanfrado a ombreira (Figura 102).

No volume Norte a Torre contacta ao nível do primeiro piso com dois espaços: um de transição para o espaço de trabalho/estudo e outro com o auditório.

Na realização do auditório houve algumas adaptações ao espaço existente de modo a garantir as condições necessárias à função que este desempenha. A sala dispõe de quatro janelas que foram mantidas para não alterar o alçado exterior incorporando no interior uma portada de batente em madeira que garante a estanqueidade de luz e som. Para melhorar as exigências acústicas as paredes laterais são forradas com painéis de madeira com 2,50 metros de altura a contar da cota mais alta do auditório. A largura dos painéis colocados à vertical tem a largura idêntica aos vãos de acesso ao auditório criando uma continuidade do material em toda a sala como se de uma

caixa fechada se tratasse não existindo interrupção do material. O revestimento estende-se pelos planos horizontais do pavimento (plateia; palco; pavimento). A plateia foi projetada em escada para garantir a visualização sobre o plano de palco e possibilitar a organização dos assentos alinhados. No teto foi projetado um espaço de caixa-de-ar para instalação de infraestruturas de ventilação, som, luz artificial e isolamento acústico (Figura 103).

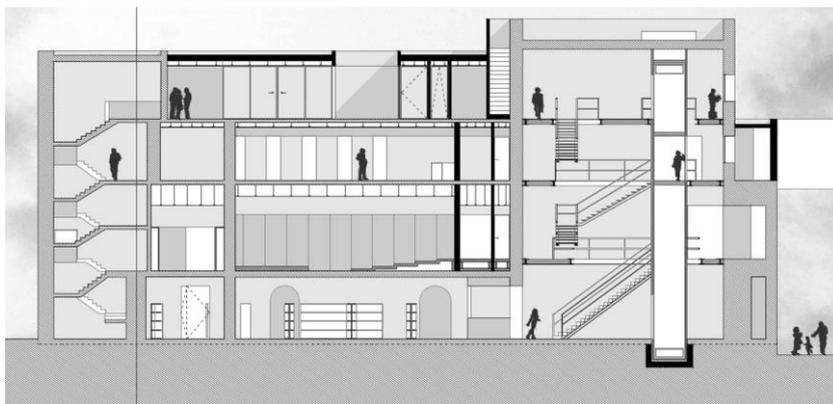


Figura 103 *Secção H / Corte longitudinal do auditório situado no piso 1, Desenho técnico escala n.d. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.*

No conjunto edificado Sul da antiga Fábrica da Cerveja foi privilegiado a continuidade do percurso existente sobre a muralha. Desenhou-se um percurso perimetral à zona de trabalho/estudo. Esse percurso alterna entre espaço interior e exterior na intenção de possibilitar um percurso contínuo. O percurso possui zonas de carácter diferenciado onde os acontecimentos sucedem-se ao longo deste, existindo zonas de paragem exteriores e interiores (Figura 104).

A existência de um pátio a este nível sofreu adaptações volumétricas e estéticas. O pátio foi aumentado e tem ligação com uma galeria criada que vive para a mesmo. O percurso sobre a muralha é exterior e converte-se num passeio público com vista aos *ateliers* e acesso aos

mesmos. No novo volume é criado em ponte especificamente para interligar todo este percurso. Nesta ponte existe uma situação de terraço exterior de contacto visual com a Rua do Castelo e com a Ria Formosa, e uma segunda zona interior/exterior coberta mas não encerrada que contacta visualmente com o pátio dando uma perspetiva elevada sobre o mesmo (Figura 104).

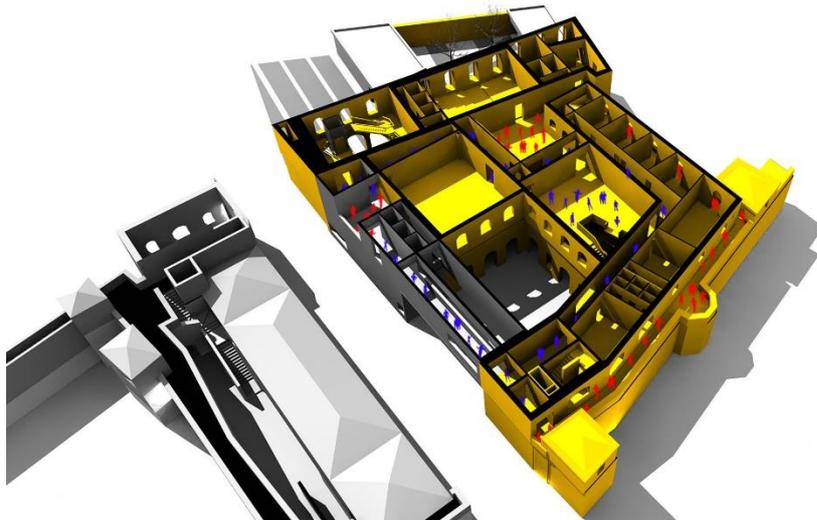


Figura 104 Modelo 3D / Circulação exterior (Vermelho), Circulação interior (Azul) – Antiga Fábrica da Cerveja, (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.

No piso três onde se localiza a zona de habitação dos artistas foi mantida visível a estrutura em madeira da cobertura enriquecendo o espaço interior. O plano de divisão entre quartos individuais e corredor foi desenhado uma bandeira em vidro na zona das instalações sanitárias devido a esta não possuir entrada de luz natural. No mesmo piso estão localizados três habitações de tipologia *dúplex* que utilizam o piso acima. A resolução das habitações para utilização deste piso possibilitou a extinção de um acesso vertical público para o mesmo que ocuparia uma grande percentagem da área útil. Os quartos divididos em zona pública no piso inferior e privada no superior utilizam os vãos existentes para as funções de quarto e instalação sanitária nomeadamente no piso superior (Figura 106).



Figura 105 Fotografia do adarve (muralha) e fachada Sul da antiga Fábrica da Cerveja, (Faro). Duarte Correia, 29-06-2013

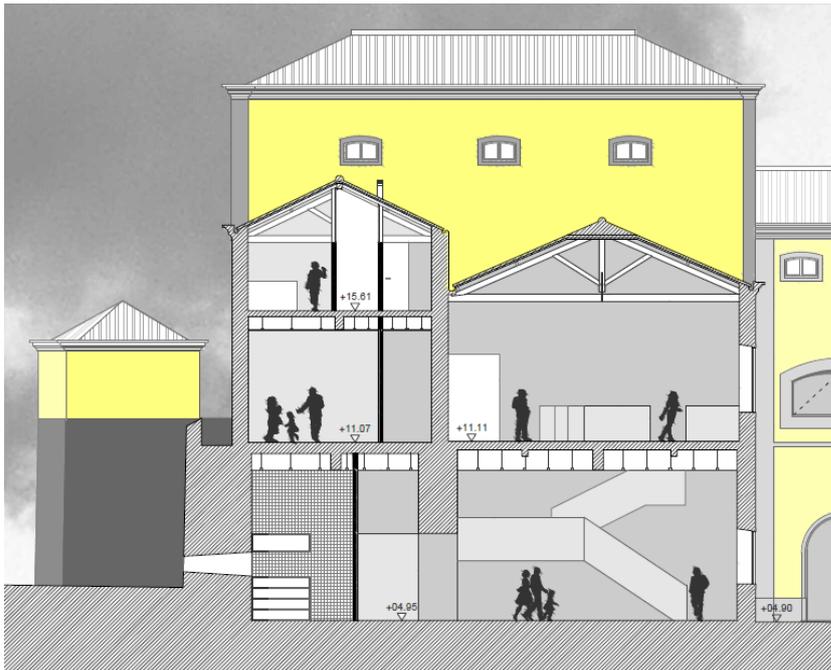


Figura 106 *Secção I / Corte transversal do quarto individual situado no piso 2, Desenho técnico escala n.d. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.*

No piso três do volume Norte foi projetado um novo volume com objetivo de instalação do restaurante/bar. Formalmente foi pensado de forma a criar esteticamente uma adição volumétrica leve e distinta do existente não interferindo na leitura geral do alçado. A materialização deste novo volume foi uma pele dupla em vidro garantindo a abertura de vãos e visão periférica da vista existente, e uma pele em chapa perfurada com um padrão mourisco que irá a controlar a entrada de luz direta e ao mesmo tempo criar um ambiente de claro-escuro no interior através das formas projetadas pela ausência ou penetração da luz.

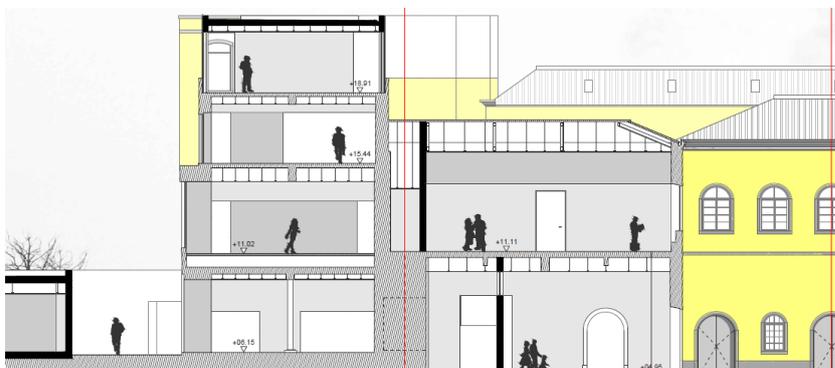


Figura 107 *Secção B / Corte transversal do restaurante/bar situado no piso 3, Desenho técnico escala n.d. (Vila Adentro) Faro. Duarte Correia, 2014.*

## CONCLUSÃO

O trabalho realizado fluiu por vários temas que se inserem em diferentes áreas do conhecimento. Estes combinaram e cruzaram percursos de análise, estudo e objetivos conclusivos que muitas vezes pareciam não querer ter um fim. Centrado na área da Arquitetura foi impossível muitas vezes tornar esta a principal causa do trabalho. Com isto percebo algo que está ao alcance de qualquer um interessado na área, esta será sempre um exercício de relação com o universo que se insere onde o mais pequeno fator desenrola um misto de relações com várias temáticas e preocupações da sociedade local, regional, nacional, ibérica...

O trabalho desenvolveu-se segundo o plano estratégico da criação da metodologia de trabalho e análise de temas anexos a temática escolhida. Este exercício definiu a estrutura do trabalho e a organização teórica e prática do mesmo. No desenrolar de várias atividades definidas muitas vezes o trabalho pratico e teórico funcionavam em tempos desequilibrados onde a teoria ganhava maior importância para a resolução de determinadas questões a seguir no processo prático.

Inicialmente o facto de o trabalho desenvolvido estar integrado num meio urbano de valor histórico foi imprescindível a compreensão exaustiva do seu contexto histórico e por consequência da sua evolução histórica. Assim sendo foi possível criar um entendimento geral do território em questão, possibilitando ajustar as linhas gerais de orientação de projeto para determinadas questões primárias da resolução dos espaços públicos e semipúblicos adjacentes ao volume edificado.

Ainda numa fase de análise é importante compreender o estado atual do meio urbano onde foi possível retirar algumas conclusões da situação económica, social, urbana e arquitetónica do existente.

A realidade do tecido urbano considerado património histórico prevê a legislação existente abrangendo o geral e legislação específica para zonas delimitadas de salvaguarda da mesma. A legislação por vezes um pouco conservadora limita e define orientações de intervenções no espaço privado. Contudo o entendimento da mesma, tendo presente a adaptação desta a intensão da intervenção, possibilita o estudo de várias situações de projeto que respeitem a legislação em vigor.

À semelhança do estudo urbano e evolutivo da cidade de Faro mais propriamente do Centro Histórico de Faro, centrou-se a mesma metodologia para o estudo do edifício em questão. Com a compreensão da evolução do mesmo foi possível enumerar os vários períodos da sua existência e as diferentes funções que este desempenhou. Um dos aspetos importantes deste estudo foi as alterações volumétricas do edifício que possibilitaram a enumeração atual do núcleo edificado existente, percebendo a existência de vários valores que se encontram pouco evidentes ou omitidos assim como situações atualmente valorizadas que apenas fazem parte de abrangente área de salvaguarda mas que não detém valor histórico.

A evolução histórica e o desempenho de determinadas funções que o edifício suportou ao longo do tempo fez com que o estudo sobre o carácter da identidade e do valor de património que este ostenta criassem alguma indecisão em determinadas situações de projeto e da coerência do trabalho teórico. As suas características de edifício

industrial muitas vezes omitiam situações de menor relevo histórico, ao qual foi definido o objetivo de evidenciar primeiramente as características históricas sem eliminar os valores industriais.

Para compreensão de diversos conceitos de intervenção do património histórico na área da reabilitação foram estudados os três tipos de estratégias de intervenção onde foi possível tirar partido da aprendizagem teórica de cada um dos autores estudados (Ruskin, Morris, Boito) e aplicá-los de acordo com diversas situações no trabalho de projeto. Para melhor adaptação a situações em projeto reais foram estudados três casos de estudo que se revelaram projetos que demonstram como se integra a reabilitação com programas multifuncionais, conceitos de intervenção, património, cultura, habitação e espaços de trabalho.

Em suma o presente projeto de dissertação pretende mostrar como a revitalização dos Centros Históricos pode incentivar a criação de oportunidades sociais, culturais e económicas. O Centro Histórico transforma-se num centro urbano, que outrora abandonado, a reabilitação permite que o património obsoleto seja foco de novas oportunidades que respondam as necessidades em que estes se inserem.

A criação do Núcleo Cultural na região do Algarve mostra uma forte resposta a carência deste programa na região onde foi possível compreender as necessidades deste complexo programa incorporando a habitação e espaço de criação como resposta a complementaridade da vida quotidiana do utilizador mas também de uma maior eficácia desde o ponto de vista da sustentabilidade económica do equipamento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. C. T. (2009) *Indústria e Arquitetura*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra: Portugal.

APPLETON, J. (2011). *Reabilitação de Edifícios Antigos*. Coimbra: Orion.

BEJA, N e TEIXEIRA, N (2009) em *XELB 10*, Actas do 7º Encontro de arqueologia do Algarve.

BENEVOLO, L. (2001). *História da cidade*. (3.ª edição). Lisboa: Editora Perspectiva. (Obra original publicada em 1976).

BENEVOLO, L. (2011). *A Cidade e o Arquitecto*. Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1984).

BERNARDES, J.P. (2006). *Faro romana: Ossonoba e milreu*. Monumentos 24. Lisboa: DGEMN.

CHOAY, F. (2006). *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1982).

COUTINHO, V. (1997) – *Castelos, Fortalezas e Torres da região do Algarve*. Faro. Algarve em foco Editora.

COUTINHO, V. (2001). *Centros históricos de influência islâmica: Tavira, Faro, Loulé, Silves*. Mértola: ICIAP.

CULLEN, G. (2010). *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1971).

DROSTE, M. (2007) *Bauhaus*. (Edição exclusivo para o Jornal PÚBLICO). Köl: Tashen.

ECO, U. (2007). *Como fazer uma tese*. Lisboa: Editorial Presença. (Obra original publicada em 1977)

GOITIA, F. (1996). *Breve história do urbanismo*. Lisboa: Editorial Presença. (Obra original publicada em 1968).

International Council On Monuments and Sites (ICOMOS),  
Decommentation Centre UNESCO. *Normas de Quito 1967. Informação final da reunião sobre conservação e utilização de monumentos e lugares de interesse histórico e artístico*. Recuperado a 25 Março, 2014, de <http://www.icomos.org/charters/quito.htm>.

KOOLHAS, R. (2006). *La Ciudad Genérica*. Barcelona: GG Mínima. (Obra original publicada em 1989).

LAMAS, J. (2010). *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (Obra original publicada em 1989).

LAMEIRA, F.I.C. (1999). *Faro, a arte na história da cidade*. Faro: Câmara Municipal de Faro.

LE CORBUSIER. (2002). *Urbanismo*. (2.<sup>a</sup> edição). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1924)

LE CORBUSIER. (2008). *Maneira de Pensar o urbanismo*. (4.<sup>a</sup> edição). Lisboa: Publicações Europa-América. (obra original publicada em 1946)

LYNCH, K. (2009). *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada 1959).

MAGALHÃES, N. (2008). *Algarve – Castelos, Cercas e Fortalezas (As Muralhas como Património Histórico)*. Faro: Letras Várias.

MORRIS, A. E. J. (2007). *História de la forma urbana: desde sus orígenes hasta la Revolución Industrial*. (2.<sup>a</sup> edição). Barcelona: Gustavo Gili. (Obra original publicada em 1984).

- MUMFORD, L. (2004). *A cidade na história: suas origens, desenvolvimento e perspectivas*. (5.ª edição). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1982).
- NEVES, J. M. (dir.), (2005). Cultura. *Arquitectura Ibérica*, nº08. Casal de Cambra: Caleidoscopio.
- NEVES, J. M. (dir.), (2006). Reabilitação. *Arquitectura Ibérica*, nº12. Casal de Cambra: Caleidoscopio.
- NEVES, J. M. (dir.), (2008). Recuperar. *Arquitectura Ibérica*, nº24. Casal de Cambra: Caleidoscopio.
- PALLASMAA, J. (2011). *Os olhos da pele: A Arquitectura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman. (Obra original publicada em 2005).
- PAULA, F. e PAULA, M. R. (1993). *Faro, evolução urbana e património*. Vila Real de Santo António: Câmara Municipal de Faro.
- PAULO, D. (2006). *Fábrica da Cerveja Portugália e Convento das Freiras. Estudo dos edifícios e projecto de adaptação a museu*. Monumentos 24. Lisboa: DGEMN.
- PORTAS, N. (2011). *A cidade como Arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte. (Obra original publicada em 1969).
- RAMOS, R. J. B. (2011) *Reabilitação de Edifícios Industriais como Museu. Museu do Fado, Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, Museu do Oriente*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitectura Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, Portugal.
- ROSSI, A. (2001). *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Cosmos. (Obra original publicada em 1966).
- RUSKIN, J. (2008). *Lamp of memory*. London, UK: Penguin Books LTD. (obra original publicada em 1849).

SANTOS, P, PERREIRA, L e SANTOS, P (2008, Maio). Exposição: “Toll Free”: Arquitetos Europeus em Trânsito. *Arquitectura Ibérica*, 26, pp 72-89.

SPOSITO, M.E.B. (1991). O Centro e as formas de expressão da centralidade urbana. *Revista de Geografia. UNESP. O centro e a centralidade urbana – aproximações teóricas a um espaço em mutação*. Caderno Curso de doutoramento em Geografia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Recuperado em 05 Maio, 2014, de <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8280.pdf>.

TÁVORA, F. (2008). *Da organização do espaço*. (8.<sup>a</sup> edição). Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. (Obra original publicada em 1962).

VIOUET-LE-DUC. (1987). *Le Dictionnaire d'architecture*. Bruxelles: A Morel, Editeur. (Obra original publicada em 1868).

INE, PORDATA. (Fevereiro, 2014). *Emprego e Mercado de Trabalho: População Desempregada*. Taxa de desemprego: total e por sexo (%) – Portugal. Recuperado em 28 Maio, 2014 de [http://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+desemprego+total+e+por+sexo+\(percentagem\)-550](http://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+desemprego+total+e+por+sexo+(percentagem)-550).